

CAMILA FLÁVIA FERNANDES ROBERTO

REFORMA SOCIAL E EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE
ROCHA POMBO (1879-1917)

CURITIBA
2017

CAMILA FLÁVIA FERNANDES ROBERTO

REFORMA SOCIAL E EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE
ROCHA POMBO (1879-1917)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira.

CURITIBA
2017

Catalogação na publicação
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Roberto, Camila Flávia Fernandes.

Reforma social e educação no pensamento de Rocha Pombo (1879-1917). –
Curitiba, 2017.

118 f.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira

Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade
Federal do Paraná.

1. Educação - História. 2. Intelectuais. 3. Rocha Pombo, José Francisco – 1880-
1905. I.Título.

CDD 370.981



PARECER

Defesa de Dissertação de Camila Flávia Fernandes Roberto para obtenção do Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO. Os abaixo assinados, Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira, Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior, Prof.^a Dr.^a Caroline Baron Marach, arguíram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: "REFORMA SOCIAL E EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE ROCHA POMBO (1879-1917)".

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está Apta ao Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira		Aprovado
Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior		APROVADO
Prof. ^a Dr. ^a Caroline Baron Marach		Aprovada

Curitiba, 28 de março de 2017.

Prof. Dr. Geraldo Balduino Horn
Coordenador do PPGE

Prof. Dr. Geraldo Balduino Horn
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Educação
MPAP 137022 / MSAPE 2169216

AGRADECIMENTOS

Cada vez mais acredito que a escrita acadêmica é um ato coletivo. Diante de tantas adversidades que passei nesses quase três anos de pesquisa, lembrar das pessoas que se fizeram presentes para o sucesso desta caminhada é mais que obrigação, é o mais puro sentimento de gratidão à vida e aos inúmeros apoios que recebi.

À minha amada **Luciana**, companheira querida, responsável pelo incentivo constante nessa empreitada. Obrigada por acreditar nos momentos mais difíceis no sucesso dos meus sonhos, que com o passar dos anos, tornaram-se nossos. Essa escrita não se concretizaria sem você. À nossa filha **Isabella**, pelo incentivo, carinho e preocupação com o meu tempo de escrita e também pela paciência de me ouvir debatendo teorias e fontes desde o café da manhã. Amo vocês!

À minha mãe **Ivone**, pelo apoio apesar da cruel ausência de discernimento mental desses últimos anos e ao meu irmão **André**, pelo incentivo mesmo que à distância.

Ao meu orientador **Carlos Eduardo Vieira**, pela leitura paciente e precisa deste trabalho, na qual me sinto imensamente grata pela acolhida à UFPR e pelo apoio sempre humilde e atencioso às minhas dúvidas.

Ao meu amigo **Robson Custódio**, pelo carinho de partilhar os sucessos e as angústias da escrita de uma dissertação e por sonhar junto pela efetivação desse objetivo comum. À amiga **Gracieli Andrade Custódio**, pelo carinho e incentivo nessa fase. Aos meus amigos **Ana Paula Ferreira da Silva** e **Vandré A. da Silva**, por me apoiarem e torcerem pelo sucesso desse estudo. À amiga **Fabírcia Minetto**, pela preocupação, incentivo e pelos empréstimos de livros. Aos meus amigos **Débora Araujo** e **Thiago Dantas** pelo apoio fraterno, incentivos e inspiração para vida acadêmica. À amiga de longa data **Fernanda Lorandi** pelas discussões, pela troca de figurinhas e por acreditar que era possível. E aos meus amigos **Thaís Moreto**, **Wladmir Miller** e **Débora Fortes**, pela torcida e apoio.

Às minhas coordenadoras **Angela Rengel** e **Simone Guzman**, pela motivação fraterna, pela compreensão com os meus horários e tempo de estudo. Gratidão também aos **meus alunos** pelo apoio, pela inerente e motivadora curiosidade diante das fontes que compartilhava em sala.

Às pesquisadoras que se tornaram amigas e confidentes durante estes anos de estudo, **Danuza Woellner Pacce Peraceta**, **Edilene Maria Leite dos Santos** e **Michelle Caroline Bulotas**, pelo incentivo sempre alegremente motivador nesta caminhada em conjunto. Gratidão também às colegas **Alexandra Bueno**, **Franciele França** e **Daniela Pedroso**, pelo carinho e troca de experiências. Agradecimentos também aos colegas da disciplina História Intelectual e das Ideias Educativas pelo debate proveitoso, em especial, ao novo amigo **Ramon Martins** pela leitura atenta e crítica dessa dissertação.

Aos colegas **pesquisadores do GPHIE**, pela acolhida e debates.

Aos professores **Caroline Baron Marach**, **Cláudio de Sá Machado Júnior** e **Marcus Aurélio Taborda de Oliveira**, pelos sábios apontamentos na banca de qualificação.

Aos professores do PPGE que me auxiliaram na compreensão do objeto de pesquisa e por partilharem conhecimentos além das suas ementas. Em especial agradeço aos professores **Gisele de Souza**, **Gilberto de Castro** e **Liane Bertucci** pelo olhar atento às minhas dúvidas.

À **Capes** e ao **CNPq**, pela bolsa de estudos nestes anos, recurso público que possibilitou a efetivação de mais tempo para a pesquisa.

*Eu sou contraditório, eu sou imenso.
Há multidões dentro de mim.*

Walt Whitman

RESUMO

A presente pesquisa almeja, por meio da análise da trajetória intelectual de José Francisco da Rocha Pombo (Morretes, 1857 – Rio de Janeiro, 1933), investigar as ideias de reforma social presente no pensamento de Rocha Pombo, particularmente a forma como este ímpeto reformista se relaciona com proposições e ações no campo educacional. Considerando-se enquanto um reformador, apresentou em diversos momentos contradições e ambiguidades em suas propostas. Entre as ações identificadas na trajetória pública de Rocha Pombo que se associam ao problema desta pesquisa, destacamos: a militância no jornalismo; a participação política no parlamento e, em especial, o projeto de criação de universidade no Paraná; a escrita de romance de formação; e a produção de livros didáticos. Considerando este problema e suas manifestações no contexto social, esta investigação terá como fonte os escritos legislativos, jornalísticos, literários e históricos de Rocha Pombo, entre os anos de 1879 e 1917. Será examinado como sua escrita imprimiu a partir de diversos estilos – jornalístico, literário, histórico e político – o discurso reformista. A pesquisa versará sobre a trajetória de Rocha Pombo buscando diferenciar-se quanto à escolha de fontes e a partir de análises distintas sobre documentos comuns na produção do intelectual. Para a efetivação da pesquisa foi necessária a consulta em alguns acervos presentes na Biblioteca do Museu Paranaense, no Arquivo Público do Estado do Paraná e na Seção Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná, bem como arquivos digitalizados da Biblioteca Nacional por meio da Hemeroteca Digital e o acervo de teses da Universidade Federal do Paraná.

Palavras-chave: Rocha Pombo. Intelectuais. História da Educação.

ABSTRACT

The present research longs to, by the means of analysis of the intellectual trajectory, of José Francisco da Rocha Pombo (Morretes, 1857 – Rio de Janeiro, 1933), investigate the ideas of the social reform in the thoughts of Rocha Pombo, aimed most on the reformist impetus relates to the propositions and actions in the educational field. Considering himself as a reformist, he presented numerous moments of contradictions and ambiguity in his proposals. Among the actions identified in the public path of Rocha Pombo that are associated to the main problem of this research, it will be detach: the activism in the journalism; his political participation in the parliament and, in special, his project of creation of the Paraná University; the writing of the romance of formation; and the productions of didactic books. Considering this problem and his manifestations in the social context, this investigation will have as source legislative writings, - journalists, literary and historical writings of Rocha Pombo, between the years of 1879 and 1917. It will be examined how his writing printed from various styles - journalistic, literary, historical and political – the reformist speech. The research will be about the trajectory of Rocha Pombo aiming to choose to diverge as the choice of the sources by distinctive analysis about documents in the production of the intellectual. For the effectuation of the research there were necessary to consult some collection of the Paranaense Library Museum, the Public file of the State of Paraná in the Paranaense section in the Public Library of Paraná, as well as the digitalized file from the Federal University of Paraná.

Key words: Rocha Pombo. Intellectuals. History of Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. DO JORNALISMO MISSIONÁRIO À EXPERIÊNCIA POLÍTICA	17
1.1 Política e projeto universitário	35
2. LITERATURA E REFORMISMO	44
2.1 Poemas, excertos e a reflexão sobre a educação pessoal.....	52
2.2 A obra <i>No hospício</i> como instrumento para a promoção do debate social	61
3. A HISTÓRIA COMO IDEAL FORMATIVO	74
3.1 Concepções de História	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
FONTES	99
REFERÊNCIAS	103

INTRODUÇÃO

*Vejo que vós todos, que sois os felizes, sabeis rir e
folgar... Que nos cantais, com toda a graça da vossa
prosa boçal as histórias alegres que conheceis...
Mas nada d'isso fica – vos contarei eu por minha vez:
Nem a vossa gargalhada, nem a gentileza da vossa figura...
Acreditai-o, oh Bentos de todo o mundo! ...
O que fica é o que vai na alma d'aquella múmia triste
que vejo em silêncio...
D'aqui a um século talvez ainda se saiba o que sen-
tio ella – a alma desolada e sombria – na sua concentra-
ção... E quem sabe até quando hão de brilhar para o es-
pirito humano as scintillas que atravessam aquele cérebro?
Mas quanto a vós... estai certos de que amanhã...de
que d'aqui a um instante não tereis quem ria das
vossas parvoíces...¹*

José Francisco da Rocha Pombo foi jornalista, legislador, cronista, poeta, professor e historiador. Dentre as funções que exerceu, é considerado um escritor canônico de livros didáticos de História do começo do período republicano brasileiro (PILOTO, 1953, p.11; VITOR, 1979, p.230; TABORDA DE OLIVEIRA, 2014, p.39). A análise sobre a sua trajetória é uma condição imprescindível para a compreensão das ideias e concepções apresentadas em suas obras literárias e didáticas. As memórias constituídas sobre ele, de igual maneira, apresentam-se como fontes para o estudo do seu pensamento. Assim, ao observar as diferentes temporalidades da sua biografia, seus diversos gêneros e suportes de escrita, buscam-se analisar as contradições, permanências e perspectivas que marcaram em sua vida.

O objetivo deste estudo é compreender as ambiguidades apresentadas nas ideias de reforma social presente no pensamento de Rocha Pombo, particularmente a forma como este ímpeto reformista se relaciona com proposições e ações no campo educacional. Considerando-se enquanto um reformador, apresentou em diversos momentos contradições e ambiguidades em suas propostas. Entre as ações identificadas na trajetória pública de Rocha Pombo as quais se associam ao problema desta pesquisa, destacam-se: a militância no jornalismo; a participação política no parlamento e, em especial, o projeto de criação de universidade no Paraná; a escrita

¹ ROCHA POMBO, José Francisco. O que fica. In: **Visões**. Curitiba: Typographia da Companhia Impressora Paranaense, 1891. p.11.

de romance de formação; e a produção de livros didáticos. Considerando as suas manifestações no contexto social, esta investigação terá como fonte os escritos legislativos, jornalísticos, literários e históricos de Rocha Pombo, entre os anos de 1879 e 1917.

Serão observados, a partir da análise da produção do intelectual, como os ideais de reforma social apresentam-se relacionados às proposições e ações no campo educacional, e, mais especificamente, como incidiram na compreensão do intelectual acerca da moral e da formação do indivíduo, da responsabilidade cívica e da participação e gestão política. A investigação busca, portanto, analisar qual o tipo de reformismo defendido por Rocha Pombo.

Consciente de que uma vida é caracterizada por inúmeras permanências e mudanças, o sujeito dessa investigação será analisado a partir da dinâmica que toda a trajetória é composta. Ainda que haja um objetivo específico necessário para este estudo, as análises ocorrerão a partir da sua biografia, mas não visam descrevê-la especificamente. Tal tarefa, além de dispendiosa não caberá a este estudo. A análise biográfica que será realizada esta dentro da noção ativa do sujeito histórico com a sua trajetória. O estudo de biografias permite, de acordo com Schmidt (2012, p.204), “indicar novas possibilidades de se compreender, escrever e construir a história”. Para ele, portanto, biografar

é evidenciar o ‘fazer-se’ do personagem focado ao longo do tempo, e que tal movimento não é linear e unidirecional, mas contextualmente delineado, sujeito, pois, a diferentes injunções e ritmos, bem como a incertezas, descontinuidades, oscilações e incoerências. Afinal, a cada momento da vida, todo o indivíduo tem diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual faz escolhas no âmbito de um campo de possibilidades, esse sim, historicamente determinado. Se, para os historiadores, tais futuros já são passados, e os resultados das escolhas feitas, conhecidos, torna-se importante recuperar, na medida do possível (e esse possível inclui a disponibilidade de fontes), o caráter dramático de toda a existência, ou seja, o âmbito da incerteza, do talvez, do hipotético, do poderia ter sido, do que não se realizou. Somente dessa forma a biografia será capaz de exprimir o ‘demasiadamente humano’ da existência, ou seja, a angústia de se querer uno quando se é múltiplo e de se deparar com inúmeros caminhos quando a vida só pode ser uma. (SCHIMIDT, 2012, p.199)

A maioria dos estudos sobre a biografia do intelectual foi publicada na forma de obras e/ou verbetes biográficos. Tais análises, muitas vezes de cunho laudatório, serão utilizadas também enquanto fontes de pesquisa, cabendo, portanto, de uma problematização sobre a construção de memórias que estas obras encerram. O

trabalho do biógrafo Valfrido Pilotto (1953), obra que exalta a figura intelectual, mas que traz inúmeras fontes inacessíveis até o momento para essa pesquisa. As crônicas do poeta Nestor Vitor (1969;1973;1979) direcionadas à vida e obra de Rocha Pombo. Além da análise do verbete presente no Dicionário Histórico-Biográfico do Estado do Paraná (1991). A partir da comparação das cronologias apresentadas nesses autores, foi possível confrontar dados biográficos da trajetória de Rocha Pombo.

Como o objeto de estudo desta dissertação encontra-se mais especificamente na compreensão do tipo de reforma social apresentado nas ideias de Rocha Pombo – particularmente a forma como este ímpeto reformista se relaciona com proposições e ações no campo educacional –, as análises ocorrerão com base nos diversos tipos de fontes acerca da biografia do intelectual. Será examinado como sua escrita imprimiu a partir de diversos estilos – jornalístico, literário, histórico e político – o discurso reformista.

Ainda no que se refere ao estudo sobre a vida de um indivíduo, busca-se compor uma investigação sobre sua trajetória por meio dos discursos, ideias e obras, sem que a narrativa possa obscurecer o objeto de estudo. Neste sentido, procura-se observar o alerta dado por Pierre Bourdieu quanto a essa investigação e narrativa não se resumir a uma mera *ilusão biográfica*; ou seja, evita-se uma escrita romanceada ou ficcional sobre a vivência desse indivíduo.

É significativo que o abandono da estrutura do romance como relato linear tenha coincidido com o questionamento da visão da vida como existência dotada de sentido, no duplo sentido de significação e de direção. [...] Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 2006, p. 185)

Para evitar que a narrativa de uma trajetória de vida fique heroicizada ou ficcional, e, portanto, ilusória e mitológica, compreende-se a necessidade do cuidado no olhar sobre as fontes que demonstram a trajetória do indivíduo pesquisado. Ao pesquisador, cabe a atenção para que a escrita não torne o objeto de estudo uma mera ilusão das dinâmicas percorridas durante a trajetória própria deste objeto.

Escrever sobre a trajetória de um intelectual é observar como as dinâmicas e inter-relações ocorreram, no diálogo com as fontes históricas e, sobretudo, compreendendo que ele se constituiu como um agente atuante nas suas proposições,

inseriu-se em grupos, mediou tensões e serviu como interlocutor dos projetos desses grupos aos quais ele se vinculava. Salienta-se, porém, que a ação do intelectual deve ser considerada como um espaço de *autonomia relativa* dentro dos grupos, pois, como conceitua Bourdieu, ele passa a ser compreendido enquanto um agente que atua de maneira autônoma para defender, *a priori*, os seus próprios projetos, mas também aqueles que dizem respeito aos interesses dos campos em que se encontra. Portanto, a autonomia relativa é dada/adquirida por ele nas tomadas de posição e tensões dentro dos campos nos quais se inseriu. De acordo com Bourdieu, os intelectuais

são uma fração dominada da classe dominante. Dominantes – enquanto detentores do poder e dos privilégios conferidos pela posse do capital cultural e mesmo, pelo menos no caso de alguns deles, pela posse de um volume de capital cultural suficiente para exercer um poder sobre o capital cultural –, os escritores e artistas são dominados nas suas relações com os detentores do poder político e econômico. [...] essa dominação já não exerce, como em outras épocas, através das relações pessoais (como a relação entre o pintor e o comanditário ou entre o escritor e o mecenas), mas toma a forma de uma dominação estrutural exercida através de mecanismos muito gerais como os do mercado. Esta posição contraditória de dominantes-dominados, de dominados entre os dominantes [...], explica a ambiguidade de suas tomadas de posição, que está ligada a essa posição de apoio em falso. (BOURDIEU, 2004, p. 174)

Cabe observar, portanto, qual seria o papel exercido por Rocha Pombo nos diversos espaços em que permaneceu durante a sua trajetória, compreendendo-o puramente enquanto um agente do jogo interno sujeito a atuar, mas também a servir aos interesses que os grupos requisitavam. A investigação se constituirá em analisar como suas ideias foram recebidas e transmitidas nesse mecanismo de movimentação, por muitas vezes ambíguo, para a divulgação de seus projetos.

Natural do distrito de Anhaia, no município de Morretes, “importante entreposto comercial na baixada litorânea da Província do Paraná” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2014, p.38), nasceu em 04 de dezembro de 1857. Filho de Manuel Francisco Pombo, professor de primeiras letras e membro do Partido Conservador, e de Angélica Rocha, dona de casa. Era o mais velho de dez filhos de uma família de protestantes. Substituiu o pai na carreira do magistério em 1875, com dezoito anos. Começou a carreira jornalística em 1879, como fundador e principal colaborador do jornal *O Povo*, no mesmo município onde nascera (VITOR, 1979, p.62). Devido ao seu interesse pela política da época e contando com o apadrinhamento financeiro e intelectual de Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul, utilizou as páginas do jornal para

campanhas abolicionistas e republicanas (PILOTTO, 1953, p. 13; BEGA, 2013, p. 80), inaugurando a “discussão republicana na imprensa paranaense” (CORRÊA, 2006, p.73). A convite de seu amigo Euphrasyo Correia, mudou-se para a capital da província em 1880. Em Curitiba, continuou a escrever para vários jornais e revistas da época, bem como livros sobre diversos assuntos, dando ênfase à educação, à política, à literatura e à história.

Em 1883, mudou-se para Castro e nesse mesmo ano casou-se com Carmelita Madureira, filha de família de ervateiros da região. Ao longo da vida, Rocha Pombo e Carmelita tiveram seis filhos. Enquanto residia nesta cidade, publicou sua principal obra filosófica: *A supremacia do ideal*. Fundou, também, o semanário *Eco dos Campos* (DHBPR, 1991, p. 377).

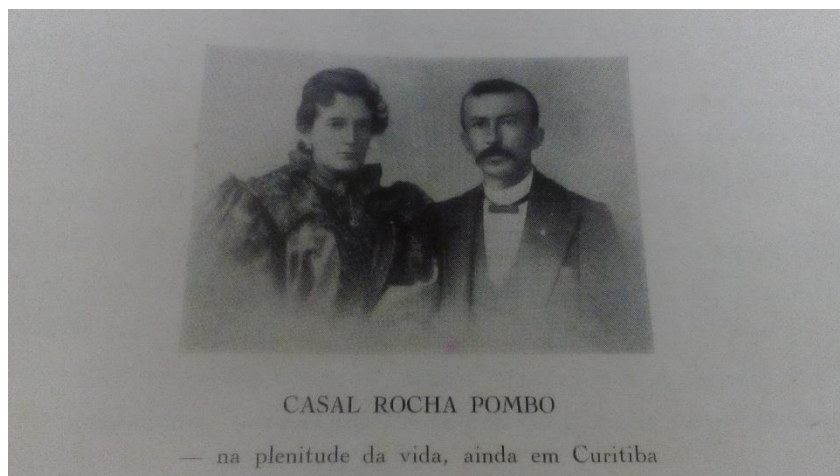


Imagem com legenda original retirada do manual “Contribuição às festas comemorativas do centenário de nascimento de Rocha Pombo – apontamentos pela prof. Ruth Rocha Pombo. Grupo Escolar “Julia Wanderley”, dezembro de 1957.

Buscou alimentar suas propostas sobre a formação e a moral dos indivíduos na atuação como diretor do Colégio Sant’Anna do Iapó, a partir de 1884, em Castro (LEANDRO, 1995, p. 18). O convite para dirigir e lecionar na escola de ensino primário surgiu de seu amigo, o também professor Joaquim Serapião Nascimento, fundador do colégio. Iniciou, neste ano ainda, a amizade e posterior correspondência com Nestor Vítor² (CARVALHO, 1997, p.11). Em 1885, foi eleito deputado pelo Partido Conservador para o biênio de 1886 a 1887. Em virtude da eleição, retornou a Curitiba.

² Nestor Vítor (1868-1932) foi escritor, poeta, redator, crítico literário, professor e intelectual abolicionista. Paranaguara, mudou-se para Curitiba com vinte anos e passou a integrar diversos grupos

Novamente na capital, voltou a publicar sobre diversos assuntos. Participou mais ativamente do jornal *Gazeta Paranaense*, no qual era redator, e obteve maior repercussão de seus artigos publicados em seu semanário *Eco dos Campos*. Fundou, em Curitiba, o jornal *Diário Popular* e, posteriormente, passou a dirigir o jornal *Diário do Comércio* (DHBPR, 1991, p. 377). Publicou artigos na revista *O Cenáculo* e participou da *Revista Club Coritibano*, entre os anos de 1890 e 1896. Lá, escreveu sua série “*Plano para uma epopeia*”. Em 1891, teve seus contos e poesias, que eram impressos no *Diário do Comércio*, compilados no livro *Visões*, e, no ano seguinte, publicou seu primeiro romance, *Petruccello*.

Fomentou a criação de uma universidade no Paraná, apresentando seu projeto legislativo em 1892 (CAMPOS, 2008, p.60). Passou a morar no município de Paranaguá em 1896, onde fundou o jornal *A Aurora*. Neste mesmo ano, começou a escrever a obra *No hospício* (1905). Seu retorno ao litoral paranaense ocorreu devido ao contexto de guerrilha em virtude do episódio da aproximação e passagem das tropas federalistas pelo Paraná durante o ano de 1893 (VÍTOR, 1979, p.70; CÔRREA, 2006, p. 84). Em virtude das necessidades financeiras conseguiu um emprego de despachante no porto de Paranaguá. Foi com o incentivo do amigo Nestor Vítor que Rocha Pombo mudou-se, em 1897, para a cidade do Rio de Janeiro (VÍTOR, 1979, p.71). Lá continuou a carreira como jornalista e professor, dedicando-se à escrita histórica e literária.

A partir de 1900, publicou importantes obras de História, *Paraná no Centenário 1500-1900*, sob encomenda do Instituto Histórico Geográfico do Paraná (IHGBPR); *Compêndio de História da América* obra que “teve a primeira edição publicada pela Livraria Laemmert, fruto do prêmio obtido em concurso promovido pela Diretoria Geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro” (SILVA, 2012, p.65); e *O grande problema*, livro elaborado para analisar um plano de ensino para a constituição de um novo Instituto de Educação na cidade do Rio de Janeiro.

literários e abolicionistas, como o Club Coritibano, a redação do jornal *Livre Paraná* e a Confederação Abolicionista do Paraná. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou a dialogar com o cenário literário do Simbolismo. Tornou-se crítico literário e admirador do estilo de Cruz e Souza. Auxiliou Rocha Pombo na fixação na cidade do Rio de Janeiro em 1897. Atuou como professor e vice-diretor do Colégio Pedro II. Mudou-se para Paris, onde passou a ser correspondente jornalístico de *O Paiz*. Foi o divulgador de diversas obras estrangeiras. No retorno ao Brasil, em 1905, continuou com o trabalho de crítico literário, cronista e poeta. Faleceu no Rio de Janeiro aos sessenta e quatro anos. (MURICY, Andrade. Prefácio. In: VÍTOR, Nestor. *Obra crítica de Nestor Vítor*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969-1979).

No mesmo ano em que conseguiu publicar *No hospício* (1905), publicou outra obra, desta vez dando continuidade às de cunho histórico, com o lançamento do primeiro volume da *História do Brasil*, série finalizada em 1917, com dez volumes (MACHADO, 1979, p.viii). Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1912, com 55 anos de idade (BEGA, 2013, p.79). Entre os anos de 1913 e 1915, retornou a Curitiba esporadicamente para tentativas de uma nova candidatura ao Congresso Legislativo paranaense. Conseguiu ingressar novamente na política no ano de 1916, exercendo mandato no biênio de 1916 a 1917. Após este período, retornou à carreira de professor e historiador na cidade do Rio de Janeiro, onde residiu até o seu falecimento em 1933.

A pesquisa versará sobre a trajetória de Rocha Pombo buscando diferenciá-lo quanto à escolha de fontes e a partir de análises distintas sobre documentos comuns na produção do intelectual. Para isso, surgem algumas orientações fundamentais quanto à concepção adotada e função dos intelectuais, as ideias de reforma(s) proposta(s).

A historiadora Helenice Rodrigues da Silva (2002) analisou a constituição do termo intelectual a partir do contexto francês nos anos finais do século XIX. Para a pesquisadora, uma das suas considerações acerca do conceito de intelectual deu-se mais a uma cultura comportamental inserida em um contexto, do que propriamente um conceito fechado e produzido com prévia intencionalidade. De caráter polissêmico através das diferentes épocas a serem analisadas na História Política francesa, o termo intelectual, segundo a pesquisadora, deve ser observado de acordo com as suas características presentes na sua formatação e meio de reconhecimento entre seus pares. Mais do que definir, como ressalta a historiadora, o importante é compreender que o próprio conceito possui, evidentemente, um contexto.

[...] o neologismo 'intelectual' designa, originalmente, uma vanguarda cultural e política que ousava desafiar a razão do Estado. [...] Continuando a designar um grupo político, o substantivo 'intelectual' qualifica sobretudo uma atitude e uma maneira de se posicionar no mundo. No entanto, se a acepção desse conceito perdura, em contrapartida os modelos de representação do intelectual se transformam em decorrência das mutações históricas. O espaço de ação (simbólica e política) dos intelectuais é tributário das inflexões da sociedade, do 'campo' cultural e da conjuntura histórica. (SILVA, 2002, p.16)

Consciente da mutabilidade do termo em determinados contextos, o estudo dos intelectuais dentro do campo da História da Educação. E, mais especificamente, da educação brasileira, será resguardado desta forma, como um sentido orientador.

Portanto, ao analisar o espaço de ação de Rocha Pombo foi fundamental para compreensão tanto do conceito, como a importância de sua classificação como um intelectual na História da Educação brasileira. Mais do que mero significado em seu tempo, buscou-se analisar ao longo dos capítulos dessa dissertação, o que a pesquisadora nomeia de *espaço de ação* do intelectual. Consciente dos seus campos e subcampos, interseções, permanências, rupturas, arranjos e lugares pela sua trajetória cultural e contexto histórico.

Ainda referenciando as análises de Silva, no que concerne ao estudo no campo de História Intelectual, tem-se a caracterização de alguns elementos de ordem metodológica. As perspectivas, bem como os limites para o estudo dentro do campo mostram-se mais que necessários para a análise desta pesquisa.

Questionar as condições de possibilidade e os espaços possíveis de uma história intelectual pressupõe o distanciamento de todas as contingências capazes de nos induzir a certezas, a ideias absolutas e a posicionamentos definitivos. Domínio de investigação ainda pouco balizado e sistematizado, a história intelectual exige, por parte dos seus utilizadores, a consciências de seus limites. (*ibid*, p.25)

Para compreender e ter consciência sobre os limites, tem-se a necessidade de entender as possibilidades de alcance dos estudos dentro do próprio campo. Silva compreende que o pesquisador deve estar ávido por uma percepção e caracterização *pluridisciplinar* sobre o intelectual. Assim, nas relações entre as outras áreas das Ciências Humanas, como a Filosofia e a Literatura, por exemplo, a compreensão sobre o objeto será melhor dimensionada.

Outra atenção deve estar fundamentada na problematização, sejam nos discursos, posicionamentos, debates educacionais e políticos, bem como na inserção e afirmação dentro de um grupo e características do contexto. Para Silva, estas relações visam a possibilitar ao pesquisador uma noção melhor sobre o seu objeto, isso quando entendidas de forma coerente e eficaz.

A pesquisadora ressalta ainda a percepção e compreensão do posicionamento das ideias geradas pelo intelectual ou o seu grupo. Enfatiza que a produção desses conceitos está inserida dentro de um contexto de produção. Desta maneira, a pesquisa em História Intelectual deve encontrar, por parte principalmente do

pesquisador, um terreno limítrofe e atencioso na produção do saber, na projeção de verdades científicas ou sociais e, sobretudo, no estabelecimento de preceitos culturais para o seu tempo.

A atividade do intelectual engajado, para não dizer a sua própria existência, é conflitual e ambivalente. Por um lado, ele tem por função a produção do conhecimento, a elaboração das ideias, por outro lado, investido por essas mesmas ideias, ele 'enuncia a verdade'. A prática do intelectual se situa então entre dois polos distintos e contraditórios: a produção do saber e a enunciação da verdade. A tentação ideológica ameaça os intelectuais a partir do momento em que eles tendem a considerar o saber como uma ideologia e esta última como uma verdade. (*ibid.*, p. 17)

Desta forma, busca-se compreender a trajetória do sujeito histórico José Francisco da Rocha Pombo observando-o enquanto um intelectual ambivalente e contraditório. Parafraseando Helenice Silva, o intelectual deve ser analisado a partir da sua função clássica: a produção das suas ideias, bem como pela consistência por elas revelada. A partir dessas diretrizes, analisar as diversas possibilidades dessa produção de conhecimento passa a ser um grande desafio.

Diante da atenção a ser dada aos ambientes e práticas do intelectual, cabe observar a ambiência de Rocha Pombo durante o período em que ele pôde manifestar o auge de sua produção. O recorte deste estudo encontra-se entre os anos de 1879 a 1917. Visa delimitar, na tentativa de abranger, a produção de Rocha Pombo e a fundamentação de suas obras e escritos. Entre os seus 22 anos aos seus 60 anos de idade ele produziu 24 livros de natureza diversa entre obras literárias, ensaios filosóficos, compêndios didáticos e 1 dicionário de sinônimos³. Além de escrever incontáveis colunas e textos jornalísticos em diversos periódicos nacionais e internacionais.

O movimento intelectual a partir de 1870 tecia seus projetos alicerçados na investigação, criação e legitimação de ideias que atendessem aos anseios dos novos grupos sociais do fim do século XIX (ALONSO, 2002, p. 28). Temas como a abolição, reformas do sistema monárquico e a Proclamação da República, a modernização, a educação, a imigração e a industrialização das províncias marcaram o roteiro dos debates em diversos espaços de discussões pelo país. O cenário nacional de novas ideias também estava favorecido no

³ Cf. SILVA, 2012, p. 256.

[...] período de 1870 a 1900, o momento em que a Revolução Científico-Tecnológica se cristaliza, difundindo as novas condições da economia globalizada e seus princípios de racionalidade técnica. Esse efeito globalizante e o 'bando de ideias novas' que o acompanham, iriam articular a inserção do país nesse contexto modernizador e propiciar a gestação das novas elites formadas pelos modelos de um pensamento científico cosmopolita. (SEVCENKO, 1998, p.35)

Considera-se, de uma geração, os nascidos numa mesma época, pois partilharam experiências semelhantes em determinados grupos dos quais conviviam. Porém, cabe o discernimento de compreender que apesar dos laços de convivência, um mesmo grupo poderia ter sujeitos díspares tanto em idade, em pensamento, ocupações e projetos. Não correspondendo assim às expectativas de compreensão de uma geração, muito menos de uma homogeneidade dos seus agentes.

Esses agentes eram polígrafos, ou seja, atuavam em várias frentes de expressividade para exortar os seus projetos. Assim, como mediadores, além de manifestarem seus projetos pessoais, buscavam a formação de um campo intelectual para o período. No entanto, compreende-se que em virtude do uso de ambientes e expressões diversas como forma de divulgação de suas propostas e, conseqüentemente, de sustento, não se tem uma caracterização de um campo intelectual brasileiro propriamente definido no final do século XIX e início do século XX. No Paraná, mais especificamente Curitiba e cidades litorâneas, a caracterização e formação de um futuro campo intelectual estava relacionado com as intencionalidades e

a necessidade de construção de uma identidade cultural e de consolidação política dessas elites possibilitou o surgimento de uma geração de letrados que, por exigência das transformações sócio-históricas do período, foram levados a pensar um novo modelo político, o republicano, que melhor atendesse a seus interesses. Nesse contexto, Paris e Londres tornaram-se os símbolos da modernidade, do avanço e do progresso, tanto em termos culturais como em relação aos seus modelos políticos, constantemente referenciados, analisados e comentados nos periódicos locais. Curitiba, como centro do poder do Paraná, tornou-se o local por excelência do investimento econômico e cultural das elites com vistas a aproximar-se cada vez mais da idéia de progresso. (CORRÊA, 2006, p.33).

Seus agentes dependiam de trabalhos diversos, eram escritores, jornalistas, professores, juristas, entre outras profissões nos quais podiam opinar, além de suas funções, posicionamentos sobre temas referentes ao contexto em que se encontravam. Rocha Pombo vivenciou intensamente diversos grupos intelectuais do

final do século XIX e início do século XX, e de igual maneira, participava dessa categorização enquanto um intelectual de atuação polígrafa.

O próprio Simbolismo paranaense, escola literária da qual Rocha Pombo fez parte, é o exemplo para análises sobre uma geração de intelectuais. Pode-se apresentar enquanto *polígrafa* quanto às ocupações de seus agentes e *ambivalente* em relação aos objetivos internos ou pessoais de cada integrante na composição de suas obras. Problematicando as suas produções, analisam-se as contradições do grupo, passando a observar as singularidades de cada projeto.

Nestor Vítor, poeta e intelectual que participou ativamente da chamada geração simbolista paranaense descreveu, na *Revista Terra de Sol*, na edição de julho a setembro de 1924, algumas impressões sobre grupo no qual fez parte junto ao seu amigo pessoal Rocha Pombo.

Certo que o otimismo e o patriotismo daquela geração ainda tinham muito de ingênuos, excedendo ela por demais no que imaginava o sentimento da realidade das cousas. Estávamos longe então de poder medir a nossa real capacidade eficiente: confundíamos-la, e ainda nisto entrando muito exagero, com os nossos recursos naturais. Ignorávamos a ignorância própria, a quase nenhuma capacidade prática que tínhamos para organizar, sequer, um programa de trabalho e de vida verdadeiramente fecundo. Nas festas que se realizavam comemorando o 7 de Setembro e as datas mais gloriosas da guerra, exaltavam-se os oradores numa retórica geralmente oca, que dava em resultado embriagá-los com suas próprias palavras, como ao auditório ingênuo, entre as auriverdes folhas de independência que ornamentavam o recinto, ao som dos hinos pátrios, recamados muitos peitos das condecorações que durante a guerra⁴ se haviam prodigalizado, como em tais emergências convém. [...] Formavam-se clubes literários, organizavam-se bibliotecas nas províncias, criavam-se jornais com títulos indígenas mais ou menos balofas da ocasião. Estávamos na última fase romântica, na fase condoreira, como depois a chamaram. (VÍTOR, 1979, p.60)

Rocha Pombo, apesar de participar ativamente do grupo, era um personagem diferenciado no convívio com os jovens poetas. Tarcisa Bega (2013) analisa que a participação do intelectual ao movimento simbolista paranaense favoreceu uma maior representatividade para o grupo, pois Rocha Pombo era “quase uma década mais velho que o núcleo simbolista do Paraná, [e] terá com eles relações bastante próximas por sua condição de jornalista político” (BEGA, 2013, p.79). Ainda analisando a permanência de um intelectual mais velho que os demais dentro do movimento, Bega analisa a contribuição de Rocha Pombo que, apesar da diferença etária, participou ativamente desta geração. Conceito este que pode conter sujeitos de idades

⁴ Em referência a Revolução Federalista (1893-1895).

diferenciadas, que partilham das experiências em comum, sem necessariamente estar categorizado somente pelo seu nascimento.

Rocha Pombo juntamente com Justiniano de Mello e Silva, os 'velhos' dentro do grupo que escrevem para *O Cenáculo*, não podem ser confundidos com seus fundadores. Foram conclamados a contribuir com sua experiência para a elevação do nível literário local. Mas a ebulição de ideais presentes entre os jovens intelectuais paranaenses, num misto de anticlericalismo, anarquismo, republicanismo e positivismo, reforçam uma certa 'atitude de reserva' de Rocha Pombo. Isso porque era, por um lado, extremamente vinculado ao jogo de interesses nas instâncias econômica e política local e, por outro, por não pactuar, como protestante evangélico, das posições satânicas que já se manifestavam em Dario Vellozo e Júlio Pernetta. (BEGA, 2013, p.86).

A participação do intelectual ao movimento também se deu no âmbito dos laços de amizades. De forma diferenciada aos hábitos de seus participantes, Rocha Pombo, apesar de frequentar os ambientes de discussão literária, como os saraus, cafés e reuniões privadas realizadas nas casas dos membros do movimento, possuía outras rotinas mais associadas a uma vida pacata. Nestor Vítor, na mesma coluna anteriormente citada, narra com saudosismo a figura paternalista exercida por Rocha Pombo dentro do movimento.

Casado, idealmente casado, proliferando como um patriarca, de hábitos sedentários, lendo ou escrevendo sempre, para o jornal ou para si, além disso com as preocupações materiais de sua empresa, ele não nos acompanhava nas batidas em que andávamos por toda parte, conforme aquele, por então, mui estreito ambiente permitia, ou até fora da cidade, pelos magníficos arredores curitibanos, ainda coberto de pinheirais, chorões e salgueiros. Quando, porém, nas nossas revoadas, invadiamos a sala de sua redação ou lhe fazíamos em casa uma visita, acolhia-nos Pombo de braços abertos, pedindo-nos lisonjeiramente artigos, ou deixando-nos acariciar ao colo um dos seus adoráveis filhinhos, se era na encantadora atmosfera do lar. (VÍTOR, 1979, p.67)

Assim, os intelectuais utilizaram diversos espaços de expressividade, principalmente por meio de periódicos, como forma de aparato ideológico aos temas sobre os quais eram requeridos ou desejavam se manifestar. Para este grupo, especificamente, o ímpeto reformista mostrou-se como processo de mediação política e cultural. E além disso, a vontade por mudanças tornava-se uma lógica palpável, como assinala Elias Tomé Saliba ao analisar as características da vida privada no início da República.

Toda a geração de intelectuais, jornalistas e pensadores brasileiros que viu nascer a República esforçou-se para forjar um conhecimento sobre o Brasil em todas as suas peculiaridades, pois aquele momento, que se seguiu ao advento da República, parecia uma rara, e talvez única, oportunidade histórica de o país se pôr no nível do século, integrando-se de uma forma definida no mundo ocidental. O advento da República e os efeitos combinados da nova expansão europeia na Belle Époque representaram uma esperança para as gerações de pensadores no início do século XX. Mas, dotados de um equipamento intelectual herdado das linhagens ideológicas positivistas e evolucionistas – equipamento este já originado de uma situação de crise da racionalidade cognitiva –, acabariam oscilando entre a adoção de modelos deterministas e a reflexão sobre suas implicações; entre a exaltação de uma ‘modernidade nacional’ e a verificação de que o país como tal, era viável. (SALIBA, 1998, p.296)

A ideia de reforma estava presente em a diversos contemporâneos de Rocha Pombo. Porém, destacam-se as suas estratégias e expressões das produções jornalísticas, literárias e historiográficas como meio de observação sobre os diversos tipos de reformismo social empregados por ele.

Ao analisar a *geração de 1870*, Angela Alonso (2002) demonstra como os objetivos desses intelectuais estavam relacionados à associação entre a política e a cultura. O interesse deste movimento de ideias fundamentava-se mais em reformas do que propriamente em uma alteração drástica no sistema político (ALONSO, 2002, p. 324). Compreende-se, nesse sentido, Rocha Pombo como um intelectual reformista por ter apresentado propostas que visavam alterações, mas não necessariamente rupturas com o sistema político e educacional vigente.

Sua forma de expressão também se enquadrou em áreas difusas, de tal modo que as suas produções, por mais diversas que se demonstraram, apresentaram a coesão nas propostas reformistas. Fundamenta-se a esta noção de reformismo ao que Angela Alonso considerou sobre as formulações da geração de 1870.

Chamei o movimento de *reformismo* para enfatizar que, embora cheguem a bradar pela revolução, os grupos contestadores visavam obter reformas estruturais sem a quebra violenta da ordem institucional, sob o comando de uma nova elite. Nesta ambição em comanda e disciplinar as reformas mantiveram continuidade com a tradição imperial. [...] Os grupos contestadores produziram interpretações do Brasil nas quais os alicerces subterrâneos do *status quo* imperial eram convertidos em problemas propriamente políticos, exigindo equação. Em resposta à agenda da política aberta nos anos de 1870, produziram projetos de reforma. (Idem, grifos originais)

Evidentemente que cabem algumas ressalvas ao considerá-lo enquanto um intelectual reformista. Ao analisarmos a trajetória de vida de Rocha Pombo, nota-se

que apesar de estar à margem dos debates locais e nacionais em alguns momentos de sua vida, buscou o viés reformista como meio de inserção nos grupos e espaços de debates nos quais esteve envolvido. Além disso, a ambiguidade de seus posicionamentos ora como representação da sua herança familiar e cultural – como a sua ligação com o partido Conservador e grupos oligárquicos – ora ambientadas em ações influenciadas por linhas de pensamento e escolas literárias – Anarquismo, Socialismo ou o Simbolismo – mostraram evidentes contradições durante a sua trajetória.

No primeiro capítulo, sob o título ***Do jornalismo missionário à experiência política***, tem-se como problemática específica a investigação sobre a trajetória jornalística do intelectual a partir das análises sobre as propostas do seu primeiro mandato como deputado provincial em 1887 e 1888. Serão observados os aspectos de moralidade, civismo e ações pedagógicas que foram defendidos nos textos jornalísticos, discursos e escritos de Rocha Pombo entre os anos de 1879 e 1892.

Alguns questionamentos surgiram para evitar o discurso generalizante sobre seus posicionamentos reformistas. Ao analisar as fontes, notou-se a necessidade de problematizar questões como, por exemplo: quais foram os aspectos de moralidade, civismo e ações pedagógicas presentes nos escritos? Quais eram os objetivos e a representatividade de Rocha Pombo dentro dos periódicos? Como ele pôde utilizar desses periódicos para consolidar a sua figura enquanto um homem público? Quais foram as bases culturais, filosóficas e morais valorizadas por Rocha Pombo para a composição do projeto de universidade?

Como delimitação, serão priorizados os períodos de participação de Rocha Pombo nos jornais e revistas das cidades em que ele obteve maior representatividade na intelectualidade local. A pesquisa versará sobre as bases que promoveram o seu projeto formativo entre os anos de 1879 e 1888. Esta delimitação foi necessária tanto pelos periódicos em que ele participou, quanto pela datação da obra *A supremacia do ideal* (1882). Quanto ao projeto de universidade no Paraná, serão consultados os *Anais do Estado* (1887, 1892) e as *Leis do Paraná* (1892), além de biografias e estudos específicos.

No mesmo capítulo, serão considerados como fontes os periódicos: *O Povo*, de Morretes, do qual Rocha Pombo foi proprietário e redator. Nesse sentido, serão analisados os anos de 1879, nº 19, e de 1880, nº 06. O jornal *Eco dos Campos*, periódico do qual foi proprietário e redator na cidade de Castro, analisando o nº 1 e o

nº 35, do ano de 1883, e o nº 79, de 1884. Para os estudos sobre os discursos políticos de Rocha Pombo será observado o jornal *Gazeta Paranaense*, especificamente entre os anos 1882 e 1889.

No segundo capítulo, ***Literatura e Reformismo***, serão analisadas obras literárias com o intuito de observar como, por meio da prosa e da poesia, Rocha Pombo conseguiu expressar o seu ideal reformista. A problemática encontra-se na análise dos escritos, ao tentar-se verificar quais eram os princípios reformistas defendidos por ele em relação à formação dos indivíduos, à moral e à responsabilidade cívica presentes em suas obras literárias. Novas questões surgiram a partir das fontes, a saber: Quais os ambientes de publicação dessas obras? Quais os meios de identificação com o movimento simbolista na obra *No hospício*? Como seus personagens expressavam suas intenções de modificação social? Quais as referências teóricas utilizadas por ele em sua literatura?

As incursões literárias apresentadas na *Revista do Club Coritibano* e na revista *O Cenáculo*, bem como na obra *No hospício*, serão as fontes principais deste capítulo. Observando as singularidades que as compõem, objetiva-se compreender os reflexos das tensões políticas como um primeiro momento de confirmações do seu pensar reformista. Desta forma, ao analisar esta linguagem, será observado como a partir da prosa e da poesia de Rocha Pombo é possível compreender seu projeto social.

No terceiro capítulo, intitulado ***A História como ideal formativo***, serão analisadas as concepções de História do intelectual e os objetivos do compêndio *História do Brasil*.

Para esse período de produção histórica, em virtude da trajetória do intelectual, serão consideradas como fontes secundárias as publicações em periódicos e estudos já realizados na historiografia educacional sobre a constituição do seu ideal educativo em conformidade com o mercado editorial durante as primeiras décadas do século XX. Cabem, primeiramente, alguns questionamentos sobre as fontes: Quais as bases teóricas na sua escrita histórica? Quais as diferenças e semelhanças entre suas crônicas jornalísticas que tratavam de análises de eventos históricos e os textos em seus livros didáticos? Como eram elaboradas as suas análises sobre os eventos históricos? Qual é a consistência do ideal formativo dentro da escrita histórica? Como, segundo Rocha Pombo, a História poderia ser o meio de modificação social?

Para a efetivação da pesquisa foi necessária a consulta em alguns acervos presentes na Biblioteca do Museu Paranaense, no Arquivo Público do Estado do

Paraná e na Seção Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná, bem como arquivos digitalizados da Biblioteca Nacional por meio da Hemeroteca Digital e o acervo de teses da Universidade Federal do Paraná.

1. DO JORNALISMO MISSIONÁRIO À EXPERIÊNCIA POLÍTICA

la passando um typo magro, pequeno, com uma quartolinha do século passado, uma sobre-casaca do velho Euphrasio.
-E aquelle?
- É Rocha Pombo. O primeiro romancista do Paraná. Enleiou-se um tempo na política, mas era bom filho e... está feito redactor do Diário Popular.⁵

A trajetória jornalística de Rocha Pombo, desde as primeiras atividades no jornal *O Povo* de Morretes, esteve marcada por manifestações do seu pensamento reformista. Ele aliou-se ainda jovem ao Partido Conservador e à elite ervateira (BEGA, 2013, p. 80). Desta maneira, por estar presente em grupos influentes nas dinâmicas sociais do período, o jornalismo tornou-se o primeiro espaço no qual Rocha Pombo pôde se posicionar enquanto intelectual. Ele apresentou, nos editoriais e colunas, casos condizentes com as discussões dos cenários nos quais estava inserido, como a questão da abolição, da imigração, da industrialização e das propostas de reformas sociais. Assim, ao se pôr enquanto cronista ou crítico social nos textos jornalísticos, passou a refletir e transmitir os ideais dos grupos em que ele se inseriu.

Como serão consideradas muitas fontes em periódicos do período, cabem algumas observações quanto ao uso e à análise delas. Os jornais desta época tornaram-se um caminho de divulgação de ideias e passaram a refletir a necessidade de incorporação do debate político em torno das disputas oligárquicas regionais (BARROS, 1986; DENIPOTI, 1998; OSINSKI & BRANDALISE, 2015). O cenário da imprensa na década de 1880 estava atrelado a este meio de discursos e posicionamentos políticos para os quais os jornais eram utilizados. Por meio dessa dinâmica, as oligarquias, advindas da economia ervateira, eram representadas cada qual em seu periódico.

É de evidenciar que, 'Província do Paraná', **liberal**; 'Gazeta Paranaense', **conservador**; e 'Dezenove de Dezembro', **independente** com tendências democráticas liberais [sic], viveram as fases políticas dos últimos anos do Império, em que tomaram parte outros órgãos de imprensa, também os republicanos, tais como 'A República', em Curitiba e 'Livre Paraná' e 'Pátria Livre', em Paranaguá [...]. (PILOTTO, 1976, p. 13, grifos do autor)

⁵ SOUZA, Hildebrando. Dez annos depois... In: **A REPÚBLICA**, 15/01/1888, p.2.



JORNAL O POVO. Morretes, de 19 fev. de 1880.

De acordo com Ana Luiza Martins (2013), os periódicos brasileiros passaram por transformações após a instalação da Imprensa Régia em 1808. Estas mudanças ocasionaram desde alterações no uso de tecnologias para as fontes e tipografias até o uso dos impressos como espaço de comunicação. O jornal passou a servir como meio de comunicação do governo, bem como meio de divulgação dos ideais dos grupos políticos detentores destes periódicos. O periódico geralmente era sustentado pelos seus assinantes e, por vezes, atendia à lógica da imprensa do período: dialogar com os embates e ideais de seus contextos.

O jornal se impunha para a comunicação oficial de atos do governo, para a conexão entre as províncias e o poder central e – a despeito do quadro urbano incipiente – para consumo de proprietários rurais que edificavam casa na cidade, visando alguma protagonização no teatro da política imperial. Logo, jornais e algumas revistas podiam ser adquiridos apenas nos centros administrativos de maior expressão, cujo quadro burocrático, presumivelmente leitor, dependia daqueles impressos. Em todos esses circuitos, o jornal desempenhou papel relevante acrescido de outra função imprescindível: veículo de divulgação de anúncios de todo o teor, numa sociedade que ingressava na oferta e procura de serviços diversos. (MARTINS, 2013, p. 54)

A lógica, portanto, dos impressos do período imperial, demonstrava a necessidade de comunicação e informação sobre os órgãos que regiam as localidades mais afastadas. Além disso, eles acabaram por refletir as mudanças políticas e administrativas de seu tempo. Temáticas como o processo de emancipação paranaense ou o próprio período de transição entre o império e a república tiveram ampla repercussão nos jornais dos fins do século XIX (SEVCENKO, 1985, p. 94). Independente da linha política e ideológica que os periódicos representavam, a contestação política foi fundamentada em “componentes do repertório da política científica e à tradição nacional em busca de instrumentos de crítica intelectual e de formas de ação política para combater as *instituições, práticas e valores* essenciais da ordem imperial.” (ALONSO, 2002, p. 45, grifos da autora).

Um exemplo desta prática reformadora foi a repercussão dada pelo jornal *Gazeta Paranaense* para o evento da mudança do sistema político. Sendo um jornal que representava o Partido Conservador e que, conseqüentemente, exaltava a centralidade e a manutenção do governo, apontou inúmeras mudanças de que o período e o sistema administrativo imperial necessitavam. Rocha Pombo foi um dos interlocutores deste ideal reformista ao exaltar o seu aparato ideológico com propostas sobre a instrução pública, a imigração de contingentes europeus e as falhas do sistema político.

Diante da análise deste contexto em que a fonte impressa carrega significados além de seus objetivos diretos de informação, cabe evidenciar os pressupostos dados por Patrick Charaudeau sobre a fonte midiática. No caso deste estudo, serão analisados os conceitos do pesquisador especificamente sobre as fontes jornalísticas. O texto jornalístico é um excelente aparato para o estudo histórico. Entendido enquanto uma fonte histórica, demonstra uma instrumentalização para observar os discursos sobre as características de uma época, com práticas, posturas e valores de um período.

A informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo (...). Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo. (CHARAUDEAU, 2013, p. 19-20).

São nesses espelhos deformantes da realidade que a fonte jornalística deve ser percebida, considerando-se, evidentemente, as estratégias discursivas utilizadas por Rocha Pombo ao utilizar-se de diversos suportes como meio de atração do leitor para o seu texto. Para Charaudeau, a importância de se entender a lógica da comunicação midiática é fundamental para a compreensão dos discursos expressados por ela. Evidenciando, sobretudo, como a fonte jornalística possibilita por meio de circunstâncias únicas de escrita e interpretação do contexto acabam por definir o olhar a que foi evidenciado no texto jornalístico.

Rocha Pombo iniciou sua carreira jornalística com o semanário *O Povo* na cidade de Morretes. Na edição de 19 de fevereiro de 1880, Rocha Pombo apresentou algumas contestações ao governo imperial. Corrêa (2006), ao avaliar a participação de determinados intelectuais no cenário jornalístico e político paranaense, considerou Rocha Pombo como um dos intelectuais que, por meio da diversidade de espaços de ação, compuseram seus ideais e demarcaram seu lugar. Assim, ao expor seus posicionamentos por meio de periódicos, o intelectual demonstrava-se consciente e apto a circular em vários espaços, como por exemplo, a política.

Ao defender a República dentro dos moldes evolucionistas vigentes no século XIX, Rocha Pombo reafirma sua crença reformista e não revolucionária enunciada em seu extinto hebdomadário morretense. Ao observar esse discurso dentro do contexto de recém-ingresso no campo da política, ele demonstra seu desejo de participar do jogo político – assim como sua candidatura conservadora pelo segundo distrito – ‘querendo ser útil à minha província eu não podia dispensar-me de escolher um dos dois partidos militantes’(...). (CORRÊA, 2006, p.78)

Como se tratava de um periódico fundado pelo intelectual na cidade de Morretes, em 1879 (PILOTTO, 1953, p. 13), demonstrava que sua presença dentro do Partido Conservador não o impedia de apontar críticas e questionamentos sobre questões pertinentes ao sistema político imperial⁶. Dentro do jogo político do século XIX, estar em um partido político representava associar-se aos debates das oligarquias locais.

⁶ A influência da participação de intelectuais dentro do Partido Conservador estava por legitimar a representação dos anseios do próprio partido, mesmo como meio de fundamentação das pautas e questões como a industrialização, a abertura de estradas, a imigração, entre outros temas que agradassem o ideário básico do partido (QUELUZ, 1994, p. 29). Representavam também a vontade do Partido de viabilizar maior publicidade das suas questões em diversos meios de comunicação.

Dois partidos haviam surgido, ainda, no tempo da regência, e entre eles realizar-se-ia o jogo político, no Império: o Partido Liberal, em 1831, e o Partido Conservador, em 1837. O poder político, no entanto, pertencia e era exercido pelas oligarquias locais. [...] Os grandes senhores rurais, donos da terra, tinham todos os meios de controle eleitoral, de modo que as soluções políticas do Império foram sempre soluções políticas do Interior, 'daqueles que governavam a propriedade'. (WESTPHALEN, 1996, p. 57)

O interesse de Rocha Pombo estava em observar e se inserir nesta dinâmica política. Os argumentos utilizados pelo intelectual, e por uma corrente dentro do próprio partido, estavam nas propostas reformistas para o Império. Não necessariamente questionavam a ordem política, mas apresentavam análises e projetos para mudanças estruturais na sociedade.

Não havendo uniformidade de pensamento, união nem disciplina no partido liberal, que é o REPUBLICANO, não podendo nem sequer iniciar uma simples reforma e isto dispondo da boa vontade da coroa, poderá como a república fazer a felicidade do paiz? Devo antes dizer que eu não quero em absoluto a república, e se desejo o seu estabelecimento, como uma forma de governo fecunda, porque põe em actividade todas as forças sociaes, todas as aptidões, não o quero a não ser pela evolução natural e expontanea de vida das nações. **Creo que não há um só brasileiro que não abrace, que não aplauda as grandes reformas de que o paiz tem necessidade:** e é isto o que eu também almejo, porque estou certo e a **historia no-lo o diz, que o espírito de reforma é a alma da sociedade.** [...] **Sou pois em primeiro caso reformista. Agora que culpa tenho eu que o rei queira olhar os reformistas como seus inimigos?** (ROCHA POMBO, 1880, p. 2, grifo nosso)

Para o intelectual, o seu pensamento passaria pelo crivo do tempo e ficaria, segundo ele, marcado na história. Analisava que com ou sem a boa vontade do imperador, a mudança viria por meios considerados imperativos ao desenvolvimento da sociedade. Assim, ao enfatizar sua crítica, mesmo em um jornal local, Rocha Pombo demonstrava o seu papel enquanto intelectual não só para o partido, mas para a intelectualidade do período como um todo.

Outro ponto a se observar são as noções de patriotismo e responsabilidades cívicas compreendidas por Rocha Pombo. Para ele, não havia um cidadão brasileiro que não pensasse no bem do país. Este *bem*, evidentemente sob a lógica de Rocha Pombo, estava relacionado à ideia de reestruturação do que um pensamento de mudanças radicais para o período. Independente das linhas de políticas, ele compreendia a reforma como uma preocupação dos cidadãos. Como uma moral inerente à qualidade de cidadão, este patriotismo reformista que se estabelecia como a melhor solução para os problemas do Império. Não era necessária, portanto, uma

mudança política drástica, mas uma consciência do cidadão sobre o que era preciso realmente ser alterado.

Em Curitiba, a partir de 1880, Rocha Pombo passou a publicar suas colunas em outro periódico, a *Gazeta Paranaense*, jornal do Partido Conservador, entre os anos de 1882 e 1889. O jornal era um *órgão do Partido Conservador*, e circulou entre os anos de 1876 e 1889, dirigido por Benedicto Carrão, político e proprietário do periódico. De circulação semanal, a *Gazeta Paranaense* era publicada geralmente aos sábados, mas sua periodicidade variava de acordo com a temática e a necessidade de publicações extraordinárias. O jornal, com tipografia situada no centro das discussões comerciais e políticas da época, o Largo do Conselheiro Zacarias, servia como um dos meios de transmissão dos ideais do partido.

Neste periódico, Rocha Pombo publicou diversos artigos de cunho reformista dirigidos ao presidente da província entre os anos de 1882 e 1883, o Dr. Carlos de Carvalho. O primeiro ponto a ser analisado é como a escrita possibilitou a Rocha Pombo a exposição de seus valores morais e cívicos para a sociedade e não somente ao presidente da província. A segunda análise está em observar que o objetivo poderia ser a projeção de sua figura enquanto um intelectual paranaense, que bradava por reordenação social, mesmo que as críticas apontadas não tivessem repercussão sobre as políticas do Estado. Defendia uma reordenação voltada à melhoria social e que, apesar de alguns projetos de cunho político e econômico, tinham por síntese o objetivo de alterar ou edificar a moralidade dos indivíduos por meio da educação.

Cecília Maria Westphalen (1996) analisou a dinâmica de sucessão dos cargos de presidentes da província. Em sua maioria, era ocupada por agentes políticos externos ao Paraná, dificultando assim o entrosamento e a compreensão das questões locais.

O cargo de presidente da província era de livre escolha do poder executivo central, ou seja, da indicação política do Gabinete no Governo e da nomeação do Imperador. Os seus ocupantes eram, pois, os amigos e correligionários da situação. Via de regra, políticos que se haviam destacado na Câmara, ou em trânsito para o Ministério. Esse fato teria por consequência grande instabilidade no exercício da Presidência e, pois, na condução dos negócios administrativos da Província do Paraná. [...] essa instabilidade foi marcante, haja vista que nos 36 anos da vida provincial, sucederam-se 55 ocupantes do cargo, alguns repetidas vezes não contínuas, como Agostinho Ermelino de Leão e Jesuíno Marcondes, quase sempre, porém, na qualidade apenas de eventuais e efêmeros vice-presidentes em exercício. De outro lado, eram homens vindos de fora e que, por pouco tempo permanecendo na Província, dificilmente conheciam os seus problemas, entregando-se às conveniências

do jogo político manobrado pela situação dominante. (WESTPHALEN, 1996, p. 59).

Sob o título *Questões da actualidade - A'S. ex. o sr. Dr. Carlos de Carvalho*, Rocha Pombo passou a discutir temas como a colonização e a instrução pública na província. Os artigos foram divididos em três partes e publicados em seis edições no ano de 1882. Na edição de nº 195, Rocha Pombo iniciou as discussões das propostas sobre a Instrução Pública, um tema considerado emergente nos debates intelectuais do período. Utilizando-se como forma de exposição, uma referência às ações do presidente da província, Rocha Pombo pondera e elogia as primeiras ações do político em relação à instrução no Paraná.

É forçoso o movimento que se está operando na instrucção pública da província desde que tomou ás redeas da administração o sr. dr. Carvalho. Nunca mesmo presidente algum estreitou tão auspiciosamente. S. Ex. tem visitado algumas das principaes localidades da província, procurando simultaneamente fiscalisar melhor a cobrança de impostos e zelar assim os interesses da fazenda publica e animando a propagação do ensino popular. Exultamos com tudo isso; mas não ficamos satisfeitos com tão pouco... (GAZETA PARANAENSE, 13/05/1882, p. 1)

Para Rocha Pombo, as aspirações públicas não representavam um sinônimo de mudanças produtivas se não estivessem aliadas aos critérios de moralidade defendidas por ele. Era necessário elaborar reformas que contribuíssem e fossem fundamentadas nas reais causas dos problemas sociais. Ao agente público cabia, portanto, analisar o cenário e, no caso específico da matéria - a educação do período - passar a observar os apontamentos realizados por indivíduos dotados de soluções e proposições para tais problemas. A instrução pública se constituiu num dos principais eixos para compreender os problemas sociais analisados pelo intelectual.

[...] A' nosso ver, não será o alfabeto o evangelho de nossa almejada regeneração social; nem será a defeituosa instrucção que o Estado paga ás crianças o meio de preparar o futuro da nação. O sr. dr. Carvalho não é um espirito vulgar. Temos por isso muito que esperar dos talentos e do patriotismo de s.ex. Não deixamos que s.ex. levantou na província, em favor da nobre causa da instrucção. Mas não contentamos só com isso. Presuppomos na mente de s. ex, como resultado complementar da actividade que está revelando, a gestação de ideás mais saltares e fecundas que tendão a radicalmente melhorar a educação do povo. Felizmente, ainda que tarde, os apuros em que está pondo a lavoura a extinção da escravatura, vão denunciando claramente as imperfeições do ensino publico no Brazil. Desde já convidamos a atenção de sr. dr. Carvalho para o próximo numero da *Gazeta*, em que expenderemos o nosso pensamento sobre programma de ensino que convem adoptar-se em nossas escolas. (Ibidem, p. 2.)

Com críticas às condições da instrução pública na província, Rocha Pombo questionava os esforços ainda não suficientes, segundo ele, para se pensar na instrução no Paraná. Para ele, Carlos de Carvalho deveria demonstrar que possuía a qualidade de um bom governante ao relacionar o seu talento e patriotismo à compreensão das reais causas a serem melhoradas na educação. Para isso, bastava ao presidente compreender o que os intelectuais, tais como o próprio Rocha Pombo, conseguiam visualizar como solução para os problemas da província. Assim como no jornal *O Povo*, a qualidade para exercer uma boa gestão pública estava no entendimento da reforma constante e progressiva, principalmente com as alterações no sistema de trabalho que estavam por vir com o final gradativo da escravatura no país.

A segunda parte da coluna sobre Instrução Pública foi publicada na edição nº 196 de 17 de maio de 1882. Continuando suas críticas à instrução pública, Rocha Pombo argumentou sobre o entendimento do governo em relação aos recursos destinados e às condições de trabalho do professorado paranaense. Para ele, se a situação caótica da instrução pública ficasse somente sob a responsabilidade do professor, a solução nunca se realizaria.

Como quase tudo em nosso paiz, si ella [a educação] tem recebido do governo algumas atenções, é simplesmente por luxo ou por descargo de consciência. A administração publica parece muitas vezes ligar o maior interesse ao desenvolvimento da instrução popular, mas...nos relatórios... na papellada que sempre teem o destino de embelecer no archivo das secretarias. Então, aquillo que tem-se descurado pela pratica, procura-se salvar... pelas cifras... E' de facto originalíssimo esse modo de ser patriota. Quanto tem de submeter seus actos à fiscalisação dos poderes superiores, a administração lembra-se do que devia ter feito!... Para cumprir o seu dever, manda escrever nos relatórios alguma cousa que agrade e o patriotismo do governo! E que brilhaturas não faz o nosso Brazil nas peças officiaes! (GAZETA PARANAENSE, 17/05/1882, p. 2)

Observa-se que a crítica do intelectual novamente esbarra na moral patriótica, considerada por ele como importante aos governantes. Segundo suas análises, o cenário educacional melhorava apenas para a burocracia. Os investimentos que a instrução pública recebia não se efetivavam em alterações significativas para o desenvolvimento da educação. Suas críticas mantêm o tom de ironia, como forma de estratégia discursiva, ao demonstrar a indignação diante de um contexto de recursos escassos destinados à educação. O patriotismo aparente também deveria ser revisto,

pois, para Rocha Pombo, esperava-se de um governante a sensatez sobre a reformulação das bases da sociedade.

Fallamos com desgosto do atraso moral em que se acha o povo; da falta de progresso, pela inópia de iniciativa e de esforços patrióticos; lamentamos o desprestígio da razão pública, o predomínio burocrático, a prepotência do governo – tudo isso como as causas de estarem sujeitadas as forças progressivas do paiz.... E' uma tolice.... Quem quizer ver como estamos adiantados, como é florescente o estado desta grande e riquíssima nação... leia os relatórios das administrações provinciaes [...] Quanto à instrucção pública, as peças officiaes levão a sua habilidade inventiva além do ponto até onde pode ser tolerada... Si se julgar por ellas, não houve ainda um presidente de província que não prestasse relevantíssimos serviços à educação nacional. Entretanto, em todo o paiz e desde que somos nação autônoma, pode-se nomear os administradores provinciaes que teem feito alguma cousa, que tem trabalhado um pouco pela civilisação do povo. (Idem, grifo nosso)

Novamente, Rocha Pombo exaltou os aspectos de moralidade dos cidadãos e líderes governamentais como condicionantes ao patriotismo reformador no qual ele se inspirava para que mudanças pudessem acontecer no Paraná. Rocha Pombo analisava que, ao se desprender dessas análises nas bases dos problemas, o agente público tendia a colocar a responsabilidade dessas ações em outras áreas. No caso da educação, a culpa pelo déficit do seu desenvolvimento recaiu muitas vezes sobre o professorado. Rocha Pombo continua a análise crítica sobre a disparidade entre o entendimento das verdadeiras razões e ao que a administração pública considerava como causas, como por exemplo a incapacidade dos professores.

Então, sem terem o que dizer (porque é preciso dizer cousa que valha...), sem terem um argumento que salve as responsabilidades patrióticas da administração, irrogão a culpa do mal sobre os funcionários subalternos, os pequenos e inocentes Damocles⁷ da espada governamental. Aqui mesmo em nossas províncias temos exemplos. Quantas vezes os presidentes teem atribuído o atrazo da instrucção pública ao professorado? Quantas vezes, ter-se-há ouvido, nas sessões de abertura da Assemblêa, phrases de recurso como esta: 'O estado deploravel da instrucção do povo é devido em grande parte à incapacidade dos professores...' Oh que falta de estudo! Oh que falta de patriotismo, santo Deus! O grande problema da educação popular entre nós só se há de resolver por uma reforma radical do programa de ensino. Si,

⁷ Referência a uma alegoria moral da Grécia Clássica. A história narra sobre um opulento rei chamado Dionísio, que, cansado de ouvir as exaltações de Dâmocles, um bajulador da corte, sobre a boa vida do afortunado rei, possibilitou ao amigo uma experimentação das suas riquezas por um único dia. Mas para isso, além das vantagens e mordomias, direcionou uma espada apontada para a cabeça de Dâmocles, presa apenas por um fio de cabelo. Este, apreensivo pela situação em que se encontrava, após perceber a espada, desistiu da experiência. Dionísio termina a lição esclarecendo que a espada significava o ônus que o poder traz consigo, e que cabia a Dâmocles observar atentamente os perigos e tensões acarretadas pelo poder. **A espada de Dâmocles.** Disponível em: <<http://direitopenal.awardspace.com/ed.htm>>. Acesso em: 27/08/2016.

tendo concentrado todas as energias da opinião pública, pela completa neutralização desta, quisessem os homens da governação a custa de muito esforço, de muito trabalho e de muita dedicação, curar seriamente dos destinos da pátria, terião conseguido muito em prol do preparo social do povo, e do Brasil, inculto e pobre no meio de riquezas, não estaria sujeito a passar por uma crise violenta e aterradora em todos os seus factores de vitalidade. (Ibidem, p. 3)

Os critérios de compreensão da dinâmica educacional pelo poder público seriam definidores para o desenvolvimento social. Assim, ao observar que a responsabilidade não era do professorado, ele sugeria que, se a administração pública estava de fato interessada em buscar a efetiva solução, bastava observar o cerne da questão: as condições curriculares e o incentivo aos professores. Ao explorar essa defesa aos profissionais do magistério, Rocha Pombo não somente buscava ampliar o seu número de leitores, mas considerava-se, devido a sua experiência de longa data, como um homem das letras. Um intelectual que tinha por suas bases o magistério por meio do autodidatismo. Sua instrução foi o principal meio de ascensão social. Desta forma, identificando-se com os sujeitos criticados, ao se considerar como um agente pertencente ao professorado, compreendia que o problema da instrução pública do período estava mais associado ao movimento de falta de investimentos direcionados à instrução pública. Nessa estratégia discursiva, poderia agregar não só leitores de suas colunas, como futuros eleitores.

Rocha Pombo considerou a importância da valorização dos professores, que por vezes só recebiam o ônus da sua função, como um caminho para a modernidade da província. Os professores, segundo ele, não tinham condições de trabalho básicas necessárias para o exercício da profissão, além da remuneração não estarem vinculadas a índices de desempenho na execução de suas funções.

Para demonstrar que estava fundamentando em críticas coerentes, utilizando-se da estratégia de autoridade sobre o seu discurso, Rocha Pombo termina sua coluna com duas citações. A primeira em uma referência a “uma autoridade do ensino da América do Norte”, o sr. M. Wickersham, ressaltando o papel fundamental da instrução como facilitadora das ações do homem no trabalho com as máquinas. E a segunda apresentando os pensamentos do economista e cientista político belga Émile de Laveleye (1822-1892)⁸, “apóstolo da instrução do povo”, sobre a necessidade do

⁸ Émile de Laveleye (1822-1892) foi economista, historiador e escritor socialista belga. Desenvolveu teorias sobre o bimetalismo, propriedade primitiva e princípios do que seria conhecido como socialismo catedrático. Seus trabalhos relacionavam a literatura, a história e a economia. (Nota biográfica da

desenvolvimento intelectual dos trabalhadores para a melhoria no uso das máquinas na agricultura e nas indústrias. A mesma citação de Wickersham fazia parte de uma nota no primeiro capítulo do livro *L'instruction du peuple*, de Laveleye, no qual o próprio autor utiliza desta referência para justificar a elevação do trabalhador por meio da instrução. (LAVELEYE, 1872, p. 4).

Rocha Pombo ainda utiliza Laveleye como base para a fundamentação e finalização do seu texto, como um “ornato erudito dos discursos” (ALONSO, 2002, p. 55). Na edição nº 205, de 28 de junho de 1882, na terceira parte dirigida a Carlos de Carvalho, Rocha Pombo compila as principais ideias das análises do economista em dez máximas sobre a instrução pública, compreendendo as pesquisas comparativas do intelectual belga às instruções públicas em países como Inglaterra, Escócia, Portugal, França, Canadá, Austrália, Chile e Brasil. Propunha, portanto, como ideal reformador, uma instrução pública municipalizada, obrigatória, com base curricular abrangente, com formação e gratificação ao professorado.

- I – O ensino é gratuito e obrigatório.
- II – As despesas com a instrução serão feitas pelas municipalidades. A província concederá subsídios na proporção do número de alunos que frequentarem a escola.
- III – Fica estabelecida uma taxa escolar sobre os bens móveis existentes no município.
- IV – Cada município é obrigado a sustentar o número de escolas que for exigido pelas necessidades da população.
- V – A província é obrigada a conservar um curso normal para o preparo do pessoal docente.
- VI – As autoridades escolares são: o presidente da província, o deirector geral por elle nomeado, e as camaras municipais
- VII – O professor será nomeado pelas camaras, precedendo concurso, ou simplesmente sobre uma lista de candidatos diplomados. Quando não houver candidatos diplomados, as camaras nomearão, o que tiver exercício o ensino particular, ou qualquer pessoa idônea.
- VIII – O professor publico não poderá ser demitido por autoridade alguma depois de um julgamento prinnciado por um jury especial.
- IX – Além do ordenado fixo, o professor terá direito a perceber uma gratificação, relativa ao número de alumnos que deixarem a escola suficientemente instruidos. Ainda mais: o professor só fará jus a aposentadoria pelo número de alumnos que preparar.
- X – As materias de ensino são: ler e escrever a língua vernacula; arithmetica, systema metrico decimal; geometria elementar; geografia e história do Brazil; princípios de direito público; noções de physica, de hygienne e de economia rural; o desenho e a grammatica. O methodo instrutivo é sobretudo empregado. (GAZETA PARANAENSE, 28/06/1882, p. 2)

O nono item ainda recebeu destaque na conclusão do texto como uma das primeiras possibilidades de “uma verdadeira revolução na nossa instrução pública!” (Idem), a ser observada pelo presidente da província. Para Rocha Pombo, a carreira do professor se igualava à do militar em importância para a província. Ele finaliza o texto com expectativas da incorporação de suas ideias em um plano de “reforma que venha a fecundar o ensino publico na provincia e melhorar assim o estado de nossa educação popular”. (Ibidem, p. 3).

Ao utilizar citações de autores estrangeiros, ele buscava demonstrar erudição e sintonia com ideias que estavam em discussão no cenário internacional. De acordo com Angela Alonso, a manifestação coletiva, tanto em citações como nas ações coletivas em manifestos e clubes literários, demonstra um direcionamento dos discursos destes intelectuais às correntes europeias. De acordo com Alonso (2002), os

argumentos e conceitos de teorias estrangeiras não foram adotados aleatoriamente, sofriam um processo de triagem: havia um critério *político* de seleção. Os agentes elegeram um conjunto de teorias e noções por razões *práticas*: estavam em busca de subsídios para compreender a situação que vivenciavam e para desvendar linhas mais eficazes de ação política. [...] O movimento intelectual colheu elementos para compor uma interpretação da conjuntura no repertório político-intelectual contemporâneo. (ALONSO, 2002, p. 39, grifo da autora).

Observa-se que, ao utilizar citações de teorias europeias para referenciar seus argumentos, Rocha Pombo apresentava duas estratégias para que o seu discurso reformista fosse observado. Como uma primeira hipótese, esta fundamentação das suas propostas de reformas para a província trariam um caminho notoriamente estudado por um intelectual e que poderia ser seguido. Outra hipótese seria que ao utilizar-se deste discurso externo, poderia novamente demonstrar somente a autoridade de sua fala.

No Brasil, a obra de Laveleye também foi referenciada por outros intelectuais, como é o caso de citações de Rui Barbosa na Câmara dos Deputados, em discursos por ocasião da Reforma de Ensino Secundário e Superior, em sessões do ano de 1882. De acordo com Calippo (2009), a obra do economista belga oferecia dados comparativos da instrução pública entre o contexto europeu e o brasileiro.

L'instruction du peuple interessava particularmente ao Brasil. No livro, Laveleye afirma ser a instrução a questão mais urgente e mais importante de sua época. Defende a intervenção do Estado no ensino primário e a sua gratuidade traçando um panorama sobre o ensino em vários países da Europa, como a França, a Alemanha, a Dinamarca e a Espanha, fornecendo dados técnicos a respeito dos cursos aí ministrados, como o número de alunos, as matérias ensinadas, a quantidade de salas de aula e as normas de ensino adotadas em cada escola. Em 1870, segundo o economista belga, a população brasileira era estimada em 10.580.000 habitantes e o governo de D. Pedro II estabeleceu um sistema geral de escolas primárias que ele se esforçava para melhorar. Havia 3.378 escolas primárias com 106.624 alunos; 405 escolas de segundo grau, com 8.000 alunos, o que resultava em uma média de 1 aluno para cada 92 habitantes! (CALLIPO, 2009, p. 23)

Estas referências não se restringiam a suas crônicas jornalísticas. Em *Supremacia do ideal (estudo sobre educação)*, de 1883, obra escrita por ele aos 25 anos, Rocha Pombo explanava sobre a educação dos indivíduos como uma primeira iniciativa para a obtenção do progresso e da civilidade da nação brasileira. Rocha Pombo demonstra, no seu ensaio filosófico, a preocupação de exaltar sua formação intelectual. “O meu ideal era escrever, mas para escrever era preciso antes de tudo não perder-me no ridículo – era preciso saber... Que fortuna! Foi a minha salvação. Assim, é bom sempre querer escrever.” (ROCHA POMBO, 1883, p. XIV). E, ainda objetivando demonstrar sua bagagem cultural, Rocha Pombo evidenciou suas referências teóricas ao citar a familiaridade com os autores do período, como Darwin, Comte, Büchner, Spencer, Littré e Flamarion. (Idem, p. XX). Ele demonstrava também uma definição fundamental para o que viria a ser o seu interesse pela escrita, inicialmente jornalística.

Fui sentindo logo um gosto extraordinário pelo jornalismo. Lia mais os jornais do que os livros. Era preciso ser assim mesmo. Os livros exigem certo assentamento e mais reflexão. E para começar, deve-se partir do princípio... afim de não cançar logo. Tinha eu muito cuidado em possuir as melhores theories a respeito de moral política. Discutia, folgava de expender as minhas ideas e achava que ellas sempre erão as melhores. Veio-me a vontade de escrever. Escrevi durante mais de dois mezes, com muita applicação e muito gosto. Mas escrevia... só pelo prazer de recitar as minhas produções. (ROCHA POMBO, 1883, p. X-XI)

A escrita, aparentemente hedonista e despretensiosa, representava mais uma tentativa de adequação do seu discurso ao expor os valores morais e políticos adquiridos durante a sua trajetória. Apesar de considerar as motivações de sua escrita como *um prazer de recitar* suas produções, há de se observar que estas reflexões

foram resultado do sentimento e identificação enquanto a função de intelectual dentro dos grupos em que frequentava.

De acordo com Taborda de Oliveira (2013), este interesse pela carreira jornalística adveio pela própria demonstração e vontade pela escrita como cronista literato a que Rocha Pombo se dispôs a ser ao longo dos anos. Assim,

[...] aquele homem que se mostrou leitor contumaz, e assumia-se como um escritor que deveria fazer chegar a todos as suas reflexões por diferentes meios de divulgação. Daí que a imprensa, em especial – note-se a sua apologia do prelo – e o jornalismo, em particular, seriam para ele dois elementos constituidores da possibilidade de intervenção do intelectual sobre um universo de problemas afeitos ao domínio público, o único que poderia garantir a todos o usufruto daquilo que de melhor produziu o gênio humano. (TABORDA DE OLIVEIRA, 2013, p. 9)

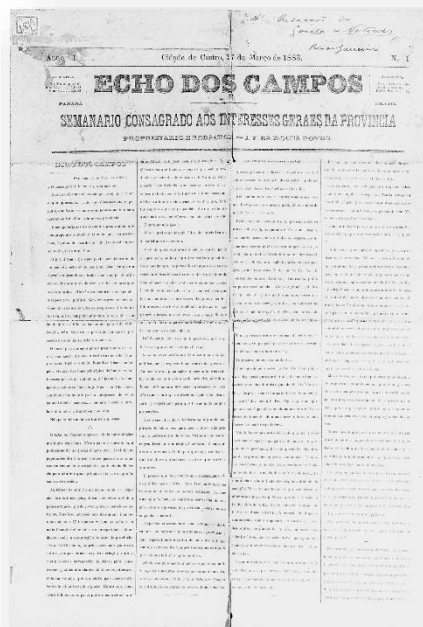
Com a mudança para a cidade de Castro em 1883, Rocha Pombo fundou outro jornal, o *Echo dos Campos* (DHBPR, 1991, p. 377), no qual continuou a debater, em suas crônicas, os questionamentos sobre a modernidade, a necessidade de instrução pública, a imigração europeia e a industrialização da província. A difusão dos seus ideais políticos esteve presente significativamente em periódicos e, a partir da mudança de cidade, mais especificamente em dois jornais: o *Echo dos Campos* e na continuidade da correspondência e publicação com o *Gazeta Paranaense*.

Na primeira edição do jornal *Echo dos Campos*, o intelectual manifestou seu compromisso com o jornalismo, que, segundo ele, deveria ser a base do respeito para com a sociedade. Na primeira coluna do jornal, já descrevia suas diretrizes:

O nosso jornal define-se por si mesmo. Não haverá uma só pessoa que esteja por saber o que queremos. Tudo que dissessemos, e por muito que fosse, resumir-se-ia forçosamente n'isto: queremos trabalhar pela nossa província. [...] O nosso programma é pois de todo jornal serio. A nossa missão é a que cabe à imprensa em todo o mundo. **Espalhar ideas, lutar pela victoria dos bons principios; defender os interesses geraes da industria, da lavoura; do commercio; pôr-se ao lado da justiça e da liberdade; contribuir finalmente para o progresso de todas as instituições sociaes....** eis ahi: é essa a tarefa sublimada da imprensa moderna. Não pode deixar de ser tambem a nossa. (ECHO DOS CAMPOS, 17/03/1883, p. 1, grifo nosso)

Nota-se que as diretrizes se relacionavam tanto com a mudança para um novo campo intelectual (a ser conquistado), como com a necessidade de demarcação política para a região. A ordem de valorização elencada por ele – *ideias, bons princípios, indústria, lavoura, comércio, justiça, liberdade e progresso* – resume a

pretensão e sua noção de pertencimento enquanto um intelectual do seu tempo e lugar.



JORNAL ECHO DOS CAMPOS. Castro, de 17 mar. de 1883.

Seus objetivos estavam relacionados aos interesses do Partido Conservador em colocar mais um representante no território de Liberais (BEGA, 2013, p. 81). Rocha Pombo também adquiriria vantagens com essa influência partidária: poderia, assim, tornar-se um agente político e levar a cabo o seu projeto de reforma social. Porém, cabia passar pelo escrutínio e, para isso, sua influência enquanto intelectual precisava ser constituída e demonstrada. O campo jornalístico seria, portanto, o espaço ideal para essa tentativa de ascensão política.

Rocha Pombo lançou-se candidato pelo Partido Conservador ao cargo de deputado provincial. Concorreu pelo 2º distrito e “representava a face mais moderna do partido, defendendo a abolição da escravatura e a implantação de uma economia local de cunho plenamente capitalista.” (BEGA, 2013, p. 83).

As primeiras edições da *Gazeta Paranaense* de 1884 trazem os resultados das eleições para deputados provinciais realizadas em dezembro de 1883 nas paróquias dos distritos. Na edição de 5 de janeiro, publicou-se uma longa lista de resultados em cada paróquia de votação dividida entre os distritos.



JORNAL GAZETA PARANAENSE. Curitiba, de 04 de março de 1882

O vencedor das eleições foi Benedicto Carrão, seguido do Conselheiro Manoel Alves. Na edição de 19 de janeiro, por ser Benedicto Carrão o dono do jornal, um longo editorial de agradecimento foi feito ao *distinto eleitorado* pela margem de votação através do estado, exaltando a participação desse efetivo e prometendo dispor de esforços para representar seu eleitorado na Assembleia Provincial.

Aspirava representar essa parte da provincia somente para secundar os esforços que pela imprensa hei empregado em prol do interesse moral e material do 2º districto. Essa aspiração merece o mais franco e leal apoio de meus amigos, e envolvendo ella um compromisso, asseguro aos meos co-religionarios, que, nos limites de minhas forças, sabel-o-hei cumprir. (GAZETA PARANAENSE, 19/01/1884, p. 1)

As edições da *Gazeta Paranaense* até meados de 1884 mostraram os procedimentos eleitorais, como número de eleitores e os métodos de apurações das urnas. Em toda a província, a vitória de candidatos conservadores para a Assembleia Provincial do Paraná foi evidentemente exaltada nas páginas do jornal. Assim, da mesma maneira, as irregularidades que interferiram no resultado das eleições dos candidatos conservadores. Na paróquia de São José da Boa-Vista, alguns votos não foram computados em virtude da não apresentação da cópia do caderno de assinaturas ao juiz responsável pelo 2º distrito. Assim, obedecendo a disposição do

Código Eleitoral de 1881, o decreto 3.029, de 9 de janeiro de 1881, **a Lei Saraiva**, sem a comprovação desses eleitores, os votos computados ao Partido Conservador não seriam considerados.

Segundo as informações telegraphicas que temos, os membros da junta apuradora do 2º districto não annullarão, como aqui se dizia, a eleição de S. José da Boa-Vista, DEIXARÃO DE APURAL-A por não ter a mesa eleitoral remetido a copia da lista das assignaturas dos eleitores, recommendada pelo art. 151 [...]. As funções da junta apuradora achão-se determinadas nas disposições que propositalmente indicamos; ellas são simples e faceis; mas convinha sahir fora de sua esfera de acção para garantir aos liberaes a maioria de que tem necessidade para os manejos da assembleia provincial. O governo verá de braços crusados um facto semelhante? (Idem, destaque original)

Na mesma edição, entre novelas, anunciantes e notícias que falavam sobre a importância da educação, do bem-estar e da saúde, o tema das eleições volta em outra notícia. Mas, desta vez, em forma de denúncia. Em tom contundente, convocava os leitores ao julgamento da responsabilidade e derrota conservadora na paróquia de São José da Boa-Vista. Segundo o jornal, foram cometidas injustiças ao candidato do Partido Conservador, Rocha Pombo.

O fim que a junta tinha em vista era negar diploma ao Sr. José Francisco da Rocha Pombo, conservador, legitimamente eleito, para diplomar o Sr. Tristão q'não pode triumphar nas urnas, mas que há de vir engrossar as fileiras do Sr. Marcondes [Líder do Partido Liberal]. Por este meio é fácil obter maioria. Podia dispensar-se a eleição; a designação das juntas apuradoras seria bastante e muito mais suave. Estava reservado ao Paraná mostrar o que vale a reforma eleitoral quando há interesse em suprimir-se um deputado da opposição. Andar assim... e viva a maioria liberal. (Idem, p. 3)

Os jornais que se seguem nas edições até o mês de maio retratavam desapontamentos pela não consignação dos votos a Rocha Pombo. O que se destaca, porém, dessa seleção de edições do ano de 1884 é a participação da figura pública de Rocha Pombo. Da sua mudança para o interior ao episódio das urnas de São José da Boa-Vista, além de projetar sua imagem ao partido, afirmava outra intencionalidade: a sua vontade de exercer o cargo público como um dever social às causas dos seus eleitores.

A escrita jornalística de Rocha Pombo se seguiu em inúmeras colunas expressando as suas indignações por meio do jornal *Echo dos Campos*. Tais textos foram transcritos nas edições de 26 de janeiro e 1º de fevereiro de 1884 na *Gazeta Paranaense*. Observa-se que a sua inserção no cenário jornalístico local objetivou o

reconhecimento no campo jornalístico a sua ascensão dentro da intelectualidade paranaense por meio das discussões no campo político (BEGA, 2013, p. 81).

Na edição de 1º de fevereiro, Rocha Pombo apresentou seu editorial do *Echo dos Campos* de Castro publicado “a pedidos” na Gazeta Paranaense. Nele, o intelectual ressaltou a sua indignação frente ao resultado da não apuração dos votos favoráveis a ele. Sobre o título de *Escândalo sobre escândalo*, Rocha Pombo descreveu suas inquietações sobre o ocorrido.

A maior vindicta que poderia ter a afronta que soffreão a justiça e o direito na sessão da junta apuradora, no dia 14, é a indignação que manifestarão os proprios co-religionarios do sr. Hypolito Alves. Não se compreende como há homens já tão avesados a pratica de abusos e desregramentos, que nem ao menos mudão de côr nos momentos da perpetração do crime! Dominados e dirigidos de um unico pensamento – o de engendrar forte maioria na assembleia provincial – os prohombres do liberalismo frouxão-se as bridas e precipitão-se insanos e desesperados pelas veredas da prepotencia, do absurdo e das traficâncias eleitoraes. Conheça o publico tudo que se passou em Castro no dia 14. Alem do escândalo praticado contra os meus direitos, a junta apuradora cometeu outros abusos gravissimos contra a lei. As authenticas apuradas, quase todas, não estavam assignadas e continhão entrelinhas e borrões. Na authentica da Lapa, vem o Sr. Manoel Alves de Oliveira com 61 votos... e a Junta apura esses votos para o Sr. Manoel Alves de Araujo! E esta! A eleição desta cidade é a mais inquinada de nillidades. O escrivão de paz, fala-se não estava juramentado! E nem podia ser porque era menor! [...] Aprendão os conservadores estes exemplos de requintada moralidade! (GAZETA PARANAENSE, 01/02/1884, p. 4)

O posicionamento de Rocha Pombo possibilita compreender alguns aspectos desse evento. Primeiramente, a forma como ocorriam as dinâmicas do sistema eleitoral – as fraudes e o jogo de interesses por trás delas –, o que impõe observar a influência do Partido Liberal no 2º distrito. Outro ponto de análise diante da indignação de Rocha Pombo é que se destacam não somente os posicionamentos frente à derrota, mas observa-se os valores defendidos pelo intelectual. Exaltava, além da exigência de um processo eleitoral com lisura e idoneidade, as noções de moralidade e civismo que deveriam estar sempre relacionadas com a honestidade e como elemento norteador do bom cidadão. Ao direcionar as críticas ao sr. Hypolito Alves, candidato pelo Partido Liberal, Rocha Pombo descaracteriza-o no ambiente político, considerando a sua omissão diante do ocorrido como um dos atributos dos correligionários do Partido Liberal. O diálogo, portanto, não estava somente na revelação da denúncia de fraude eleitoral. Passava a servir de exemplo de mau cidadão, a ser também observado pelos seus eleitores e demais leitores do jornal.

Rocha Pombo viria a se tornar deputado somente nas eleições de 1886 pelo 2º distrito. Por meio da sua trajetória jornalística, fez desse campo um meio de elaboração e divulgação de seus ideais, utilizando-o como caminho para a ascensão política e ordenamento de suas críticas e considerações mais efetivas diante de problemas considerados por ele nevrálgicos à sociedade.

1.1 Política e projeto universitário

O biógrafo Valfrido Piloto citou as análises de Romário Martins sobre a primeira legislatura de Rocha Pombo: “da primeira vez, moço, idealista, intímido [audacioso], abolicionista, suspeito de republicano, sua atuação desagradou o conservadorismo e irritou o carrancismo da época” (PILOTO, 1953, p.15). Sua entrada para a legislatura, no entanto, não foi popular ou de aclamação. A legislação eleitoral vigente no período determinava o número de membros das assembleias provinciais.

No Paraná deveriam ser 22 deputados, sendo 11 para cada distrito. O primeiro distrito correspondia à capital e ao litoral, já o segundo, ao interior. Nas eleições do segundo distrito, ocorridas em janeiro de 1886, houve um total de 1079 eleitores autenticados, sendo o coeficiente eleitoral de 97 votos (número de eleitores dividido pelo número de vagas por distrito). Oito candidatos conseguiram atingir o coeficiente para o segundo distrito, sendo o total da votação de 699 votos para o Partido Liberal e 371 para os Conservadores (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 11/02/1886, p. 2). Observa-se, a partir destes dados da votação por partidos, 9 votos brancos sendo considerados, mas não computados ao coeficiente eleitoral.

			votos
1	Damaso Ribas. . .	C	121
2	Dr. Theresio Porto .	C	114 s.1
3	Pedro Lustosa. . .	L	114
4	José M. Miller . . .	C	112
5	Padre Camargo . . .	L	108
6	Dr. E. Westphalen .	L	106
7	Con A. d'Araujo. . .	L	105 s 1
8	Dr. Vicente Machado	L	100 s 1
	Dr. Tristão Cardoso	L	95
	Domingos Cunha . .	L	42
	Rocha Pombo . . .	C	24
	Amazonas Marcondes	L	21
	Ventura	CeL	8
	França Loures . . .	L	6

(DEZENOVE DE DEZEMBRO, 11/02/1886, p.2)

Rocha Pombo obteve 24 votos apenas, não atingindo assim o coeficiente eleitoral. Mas como ainda restavam três vagas para serem preenchidas pelos dois partidos, ambos lançaram os concorrentes possíveis para uma segunda votação. De acordo com o artigo 176 da Lei Saraiva, era considerada a possibilidade de um novo escrutínio após vinte dias, possibilitando somente aos candidatos que não atingiram tal coeficiente, a concorrência por essas vagas remanescentes. No segundo escrutínio, o Partido Conservador apoiou uma única candidatura, a de Rocha Pombo.

Mas, mesmo sendo somente ele, era necessário atingir o coeficiente eleitoral. Assim, como candidato remanescente, Rocha Pombo disputou uma nova tentativa de ingresso ao Congresso Legislativo Paranaense.

2º DISTRICTO	
(2ª ESCEUTINIO)	
<i>Palmeira</i>	
Dr. Tristão	31
Domingos Cunha	30
Pombo	8
<i>Lapa</i>	
Tristão	48
Domingos Cunha	43
Pombo	10
<i>Rio Negro</i>	
Pombo	12
Tristão	10
D. Cunha	10
<i>Campo Largo</i>	
Pombo	52
Tristão	26
D. Cunha	23
<i>Guarapuava</i>	
Tristão	58
D. Cunha	56
Pombo	20
<i>Palmas</i>	
Pombo	17
Tristão	13
D. Cunha	11
<i>Ponta Grossa</i>	
Tristão	6
Cunha	4
<i>Resumo (votação conhecida)</i>	
Dr. Tristão	192
D. Cunha	179
Pombo	119

(DEZENOVE DE DEZEMBRO, 02/03/1886,p.1)

Com 119 votos, Rocha Pombo conseguiu a sua inserção pelo Partido Conservador, como deputado provincial em 1886. O mandato para o biênio 1887/1888 possibilitou a ele um novo espaço de divulgação de suas proposições, tendo como seus eleitores os grupos de ervateiros e criadores de gado, favoráveis às ideias do

partido Conservador. Como parlamentar de seu distrito, apresentou projetos polêmicos para um político recém-chegado aos bancos da Assembleia e representante destes setores sociais.

Por exemplo, o “imposto de 1% sobre o valor imóvel das propriedades territoriais da província” (ANAES DA ASSEMBLEIA, 23ª Sessão Ordinária, 16/11/1886, p. 81), que seria dividido entre um fundo de financiamento para os capitais para indústrias e para a construção de estradas nos municípios e comarcas. Outros projetos de cunho reformista marcaram a ação intelectual de Rocha Pombo. No mesmo ano, ele apresentou um projeto sobre impostos às propriedades territoriais (ANAES DA ASSEMBLEIA, 29ª Sessão Ordinária, 15/12/1886, p. 20 e 21), que visava taxar as grandes propriedades agrícolas, como meio de aquisição de recursos diretos para a província. Até o momento, havia inúmeros impostos indiretos pagos pelos fazendeiros sobre a exportação de seus produtos.

Rechaçado pela grande maioria do plenário da Assembleia (BEGA, 2013, p. 84) sem ao menos conseguir apresentar por completo a matéria, Rocha Pombo buscou o lugar onde poderia terminar de expor os seus ideais: as colunas do jornal *Gazeta Paranaense*. Sob o título de “Os destinos do Paraná”, na edição nº 1, de 01/01/1887, o intelectual apresentou os motivos do seu projeto de imposto sobre as propriedades.

Quando apresentei o projecto de que se trata não cogitei, confesso o francamente, de que alguns eleitores que me derão uma cadeira na Assembléa são fazendeiros, lembrei-me apenas que são todos paranaenses. Não me deixei levar pelo mau gosto de ver tributada uma indústria que pode ser considerada uma das primeiras fontes de riqueza que possuímos; pois o meu intuito, creião ou não creião, é, rigorosamente, emprehender uma grande medida geral que levante a indústria em nossa terra e tenda a preparar elementos de nossa grandeza futura. (GAZETA PARANAENSE, 01/01/1887, p. 2)

Consciente, porém, do pouco apoio ao seu projeto, ele utilizou as páginas jornalísticas para justificar os seus objetivos. Nelas, apresentou a explicação sobre a matéria duramente criticada por republicanos como o Dr. Vicente Machado (ANAES DA ASSEMBLEIA, 29ª Sessão Ordinária, 15/12/1886, p. 23; CORRÊA, 2006, p.92). Novamente, nas páginas da *Gazeta Paranaense*, Rocha Pombo evidenciou seus argumentos.

O projecto que apresentei é simples base para discussão. Eu mesmo teria de fazer lhe modificações. E como base para discussão, ele é tudo, mesmo imperfeito. A tarefa, portanto, que me proponho é dirigir-me aos meus comprovincianos e especialmente aos próprios fazendeiros, para lhes explicar os meus intuitos e os sentimentos que me determinarão o procedimento que tive e que estou disposto a ter sempre, muito embora deste proposito e desta posição só tenha a colher à princípio as desvantagens pessoais e os compromissos com que tato se alegrou a maioria. E fazendo pela imprensa o que não pude fazer completamente da tribuna, exonero-me de uma grande dívida a minha província. A enorme responsabilidade do futuro ficará evidente e accentuada. Só tenho a pedir um pouco de complacência e de tolerância, para não dizer um pouco de justiça: que minha província não me julgue sem me haver lido. (GAZETA PARANAENSE, 01/01/1887, p. 2)

Rocha Pombo finalizou a coluna apresentado trechos e problematizando o seu projeto. O fato de se lançar ao debate, apontando suas proposições reformadoras, já demonstra um caminho para compreender seus objetivos: consolidar-se como um intelectual consciente dos problemas provinciais e, principalmente, apto a propor mudanças. Tanto a proposta da taxaço sobre as grandes riquezas e latifúndios quanto posteriormente o projeto da Universidade do Paraná significaram um isolamento dentro do próprio partido, bem como do jogo político local. De acordo com Bega (2013), Rocha Pombo pode ser compreendido enquanto um militante radical dos ideais reformistas dentro do Partido Conservador, no qual

[...] representava a face mais moderna do partido, defendendo a abolição da escravidão e a implantação de uma economia local de cunho plenamente capitalista. Em seus trabalhos como deputado provincial, se, de início, defende o ideário dos Conservadores, gradativamente irá se distanciando de seu próprio partido, pois num cenário onde os embates se travavam entre ervateiros e fazendeiros de gado, apresenta e defende projetos reformistas que contrariam os interesses de ambos, [...]. (BEGA, 2013, p. 83)

Findado o mandato, Rocha Pombo voltou aos afazeres dos quais possuía maior domínio e aceitação, dedicando-se novamente à carreira de jornalista e a lecionar em colégios e aulas particulares. A não efetivação de seus projetos no Congresso Legislativo não o impediu de buscar outras estratégias para manter-se nas discussões da intelectualidade paranaense. No mesmo ano, ele fundou em Curitiba o seu terceiro periódico, *Diário Popular*, buscando um jornalismo mais desvinculado dos partidos e voltado a crônicas literárias e anúncios populares (DHBPR, 1991, p. 377). Neste periódico, fomentou o que viriam a ser os primeiros contatos com o grupo de literatos paranaenses que posteriormente formariam as bases e contatos para o seu ingresso no movimento simbolista (BEGA, 2013, p. 86).

No intuito de elaborar propostas que alterassem o cenário intelectual paranaense, Rocha Pombo elaborou um projeto de universidade para o Paraná. Visava atender a educação da elite advinda das mudanças econômicas trazidas pelo ciclo ervateiro e o eventual desenvolvimento industrial do estado. Na constituição do projeto de universidade estavam previstos os cursos de Direito, Letras, Comércio, Agronomia, Agrimensura e Farmácia, além da previsão da criação de um curso geral⁹. O maior diferencial do programa do intelectual estava na proposta de formação e profissionalização do magistério (CAMPOS, 2006, p. 43; SILVA, 2014, p. 165). No artigo 5º da Lei nº 63, de 10 de dezembro de 1892, havia a previsão de extinção gradual do Ginásio Paranaense e da Escola Normal para que se tornassem seções da universidade. A proposta envolvia discussões, que para o momento eram peculiares, principalmente quanto à manutenção e ao aprimoramento da carreira de magistério. Em relação ao curso Normal, a proposta possibilitaria a elevação do curso para o nível de formação universitária, o que para o período havia discussões muito incipientes a respeito. Porém, as maiores preocupações se encontravam nas questões relacionadas à manutenção da carreira do professorado do que propriamente uma discussão sobre a valorização e formação universitária do futuro professor. Para resolver esta questão, no artigo seguinte, ele mencionou a garantia da permanência do professorado dos cursos normalistas na carreira universitária.

Art. 5º Logo que a Universidade seja inaugurada, ficará extinto o Gymnasio Paranaense; e a Escola Normal constituirá uma das secções da mesma Universidade com regalias que compete e que vierem a competir aos referidos estabelecimentos.

Art 6º Os actuaes professores, tanto do Gymnasio como da Escola Normal, passarão a leccionar na respectiva secção da Universidade, devendo seus ordenados ser pagos pela empreza, e ficando garantida em toda a sua plenitude e a vitaliciedade que lhes compete.

Só depois de aposentados, na fórmula das leis vigentes, serão seus vencimentos pagos pelo thesouro do Estado. (LEIS DO PARANÁ, nº 13 de 10/12/1892)

Esta preocupação com a formação e continuidade da carreira do professorado demonstrava um dos fatores mais evidentes na proposta de Rocha Pombo: a valorização da formação do professor para a instrução pública.

⁹ Fundamentava-se em um curso básico e preparatório para a Escola Normal, ou, como na proposição de Rocha Pombo, serviria como um preparatório para a formação universitária do magistério. Esta proposta de um curso geral só viria a ser efetivada a partir da reforma de Afrânio Peixoto em 1917. (TANURI, 2000, p. 70)

Para o pesquisador Nívio de Campos (2008), o projeto de Rocha Pombo estava ligado à renovação cultural da sociedade paranaense. Porém, como analisa o pesquisador, o projeto e sua efetivação se encontraram na inoperância da articulação política necessária para a efetivação da obra.

No final do século XIX, [...], havia intenso debate sobre a necessidade de modernizar o Paraná, sobretudo a cidade de Curitiba. Desse modo, a universidade não pode ser entendida somente como consequências do projeto modernizador, mas também como elemento responsável pela efetivação da modernização política, social, econômica e cultural. Certamente, é dessa concepção que está imbuído o ideário de Rocha Pombo. O que lhe faltou foi estratégia no sentido de forjar um grupo coeso e forte em torno do projeto universitário; Rocha Pombo desconsiderou as disputas locais e particulares ao solicitar apoio do Estado para consolidar o seu projeto universitário. (CAMPOS, 2008, p. 60)

Os ideais reformadores de Rocha Pombo continuaram alicerçados na instrução como princípio da formação dos *bons cidadãos* para o desenvolvimento do estado. Seguindo a lógica de valorizar a instrução no seu mais alto nível, a especialização por meio de um curso universitário correspondia ao ideal do movimento de intelectuais da geração de 1870. Os princípios fundamentados na ideia de formação das elites alcançaram respaldo por meio da criação de faculdades em determinadas regiões do país, principalmente nos estados de São Paulo e Recife (ALONSO, 2002, p. 128). A ideia de uma universidade projetaria o Paraná no cenário nacional.

Em sessão na Assembleia Legislativa em 03 de novembro de 1892, Rocha Pombo teve o parecer sobre o seu projeto de universidade aprovado em forma de lei. Consta em ata, no preâmbulo do parecer, a aprovação do projeto pelo plenário, mesmo com ressalvas.

As comissões de Instrução Publica e de Fazenda, examinando o requerimento em que José Francisco da Rocha Pombo, pede a concessão por privilégio, durante cinquenta anos, para o estabelecimento de uma Universidade n'esta Capital, e considerando que é **intuitiva a vantagem q'este empreendimento trará para a instrução no Estado, e considerando mais que, comquanto o supplicante requeira garantia de juros sobre o capital a empregar, essa quantia não será um ônus para os cofres do Estado.** (ANAES DA ASSEMBLEIA, 23ª Sessão Ordinária, 03/11/1892, p. 82, grifo nosso)

Os apoios recebidos foram de concessões para o terreno e a fixação de juros. Apesar de significarem um investimento de capital, os recursos adquiridos não eram suficientes para a completa execução da obra. O projeto ficou apenas na pedra

fundamental e no nivelamento do terreno. De acordo com análises do próprio Rocha Pombo (PILOTTO, 1953, p. 23), seu ideal não se concretizou pela falta de vontade política dos deputados paranaenses, tanto na província, quanto na capital do país. O intelectual clamou para que

[...] concedesse [eles] uma subvenção de 60 contos, para inaugurar logo provisoriamente a Escola. E isso eu estava habilitado a fazer, visto como já tinha tudo organizado - estatutos, regulamentos, programas, etc. A subvenção que eu pedia era equivalente, quando muito, à despesa que o Estado fazia mantendo um Ginásio e uma Escola Normal. De sorte que a questão cifrava-se em escolher entre uma Escola com 4 ou 5 cursos integrais e superiores, de entrada, internato e externato do Ginásio, e Escola Normal, etc. – e o estabelecimento existente, incompleto, mal administrado e quase inútil, a julgar mesmo pela frequência que sempre teve. Mas os estadistas paranaenses não quiseram escolher. Há um deles que se morde de raiva quando ouve dizer que a minha ideia é boa. O coitado do botocudo! (ROCHA POMBO In: PILOTO, 1953, p. 23).¹⁰

O diferencial da análise sobre o projeto de Rocha Pombo encontra-se na sua preocupação com a formação de professores. Não bastava ser aprovado ou estruturado um novo nível de instrução para o cenário paranaense, era necessário formar profissionais qualificados para o exercício da função.

De acordo com Nívio de Campos, Rocha Pombo apresentou uma ação direta sobre a formação profissional para o magistério. Este, sem dúvida, foi um marco da sua proposta.

É interessante ressaltar que a universidade se constituía pelos cursos de Letras e Formação Profissional, o que evidenciava a concepção de um projeto diferenciado de ensino superior para aquele contexto histórico do Brasil e do Paraná, no qual existiam apenas as faculdades de formação técnico-profissional. Ademais, o artigo quinto estabelecia que, após a inauguração da universidade, seriam extintos o Ginásio Paranaense e a Escola Normal, pois ambos constituiriam uma das seções da instituição de ensino superior, caracterizando uma ação pioneira, pois a formação de professor ganhava *status* de formação superior, o que naquele momento pouco se discutia nas principais cidades do Brasil. (CAMPOS, 2008, p. 53)

A proposta de universidade de Rocha Pombo subentendia os princípios de um conhecimento universal das ciências e das artes. Campos também analisou as concepções filosóficas de Rocha Pombo, observadas pelas obras *A supremacia do*

¹⁰ O estadista referenciado por Rocha Pombo como *botocudo* tratava-se do então vice-governador da época Vicente Machado (BEGA, 2013, p.112), que apesar de pertencer ao Partido Republicano Federal, ligado às bases do Partido Conservador extinto após a Proclamação da República. (WACHOWICZ, 2002, p.68)

ideal e Petrucello, e como elas estavam alicerçadas no pensamento nietzschiano quanto à caracterização da crença nas artes como um caminho para uma cultura superior. Assim, como projeto de formação dos cidadãos, os reflexos desta filosofia, segundo o pesquisador, fundamentaram o projeto universitário de Rocha Pombo.

Rocha Pombo frequentemente manifestava seu desencanto pela transformação propagada pela reforma das leis, embora propusesse reformas do estado no período em que foi legislador, mas não acreditava na possibilidade de constituir o seu ideário societário apenas pelas mudanças das leis. Era um intelectual encantado com a ação pedagógica, haja vista que o processo de constituição de seu projeto cultural estava vinculado ao projeto educativo. (Ibidem, p. 51)

Apesar dos esforços e dos capitais simbólicos e econômicos investidos, Rocha Pombo não conseguiu efetivar a sua ação pedagógica reformadora específica ao propor uma universidade. E após essa tentativa fracassada (BEGA, 2013, p. 90) e por falta do uso de estratégias no jogo político (QUELUZ, 1994, p. 30; CAMPOS, 2008, p. 60), ele retornou avidamente à carreira jornalística, porém seu foco alterou-se e passou a se concentrar em investidas literárias na sua inserção no movimento simbolista no Brasil. Publicou no ano de 1895, na *Revista do Club Coritibano* e no *O Cenáculo*, alguns poemas e ensaios já de cunho simbolista.

2. LITERATURA E REFORMISMO

*Nós somos entre os homens, antes de tudo aquilo que os outros homens nos fazem ser. Que todos em torno de nós andem espantados a olhar-nos como enfermos e vede se sois capazes de conservar o nosso equilíbrio.*¹¹

Rocha Pombo buscou propor os seus ideais de reforma social por diversos meios de escrita. Na literatura, porém, os objetivos de demonstrar suas ideias sobre o civismo, a cidadania, o aspecto de desenvolvimento da província e questionamentos à ordem política apresentam-se ora tacitamente, ora explicitamente em seus escritos. Observou-se, contudo, que as vivências nas esferas políticas e nos meios culturais possibilitaram a ele um meio de expressão diferenciado. Ao utilizar-se de estratégias discursivas, como a literatura em poesia e prosa, as suas propostas reformistas passaram a ser apresentadas didaticamente por meio da vivência de seus personagens ou na indução à reflexão de seus poemas e contos.

Antes de se iniciar a apreciação da literatura de Rocha Pombo, cabe ressaltar que esta pesquisa não tem como viés a teoria literária. Compreende-se a importância das análises realizadas pela teoria literária a partir do entendimento da *literatura* como *literatura*, como ressalta Antoine Compagnon.

A definição de um termo como literatura não oferecerá mais que o conjunto das circunstâncias em que os usuários de uma língua aceitam empregar esse termo. É possível ultrapassar essa formulação de aparência circular? Um pouco, porque os textos literários são justamente aqueles que uma sociedade utiliza, sem remetê-los necessariamente a seu contexto de origem. Presume-se que sua significação (sua aplicação, sua pertinência) não se reduz ao contexto de sua enunciação inicial. É uma sociedade que, pelo uso que faz dos textos, decide se certos textos são literários fora de seus contextos originais. (COMPAGNON, 2010, p.44)

Ao observar o processo de significação dada ao texto literário de Rocha Pombo e seu contexto de enunciação inicial, busca-se para este capítulo ampliar o sentido de interpretação da fonte literária como um meio sobre o contexto social vivenciado pelo

¹¹ ROCHA POMBO, José F. **No hospício**. Edição e apresentação de Afrânio Coutinho. 2ªed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, [1905] 1970. p.30.

autor. Atinge-se assim outra perspectiva sobre o texto literário, uma percepção biográfica e sociológica como sinaliza Compagnon.

O contexto de origem restitui o texto à não literatura, revertendo o processo que fez dele um texto literário (relativamente independente de seu contexto de origem). Tudo o que se pode dizer de um texto literário não pertence pois, ao estudo *literário*. O contexto pertinente para o estudo *literário* de um texto *literário* não é o contexto de origem desse texto, mas a sociedade que faz dele um uso literário, separando-o de seu contexto de origem. Assim, a crítica biográfica ou sociológica, ou a que explica a obra pela tradição literária [...], todas elas variantes da crítica histórica, podem ser consideradas exteriores à literatura. (Idem, grifos do autor)

Cabe analisar primeiramente os pressupostos teóricos que configuram e fundamentam o estudo da literatura como fonte histórica. De acordo Manuel Antônio de Castro (1984), é a partir das análises literárias que podemos perceber as tensões, contradições e intensões dos autores, pois as obras possuem circunstâncias de produção que extrapolam as linhas de uma obra literária.

[...] o literário nunca é o discurso vazio de si mesmo. Daí compreender-se que o literário aceite diferentes leituras, aparentemente contraditórias, inclusive a formal e a linguística, mantendo-se esquivo a todas elas, pois só assim é o que é. Esse esquivo a todas elas, pois só assim é o que é. Esse esquivo não nos leva a concluir, por uma questão de lógica, que o literário é simplesmente o esquivo, como se pudéssemos supor que existe em si. O esquivo de nada deixa de ser esquivo. [...] Já o literário não é falta, pelo contrário, é algo demais. Tão demais que explode os contornos discursivo-semânticos para, pela ausência, ser mais presença. (CASTRO, 1984, p.62)

Para Castro, o estilo literário possui este valor de imprimir as intenções diretas e indiretas que foram elaboradas pelo seu autor. Parte-se, portanto, em primeiro lugar, da análise do tipo de gênero literário – épico, lírico ou dramático – e de seus subgêneros – épico, fábula, epopeia, novela, conto, crônica, ensaio, romance, ode, soneto, auto, comédia, tragédia, tragicomédia, farsa, entre outras. O poema é um gênero textual associado aos gêneros literários que possui características próprias formais e estilísticas. Os suportes materiais onde foram publicados também devem ser analisados. Uma obra literária publicada em um periódico pode mudar a sua intencionalidade, por exemplo. Assim, antes de analisarmos a obra ficcional, é necessário observar como foram escritas, constituindo a sua permanência em escolas literárias e a importância de seus suportes.

Jonathan Culler (1999), ao analisar os alcances da teoria literária na compreensão e interpretação sobre a literatura ficcional, ressaltou alguns parâmetros. A importância da percepção interpretativa do leitor/pesquisador sobre os textos é o ponto de convergência, porém, de igual maneira contraditoriamente inconcluso sobre as análises de obras ficcionais. Dentro das possibilidades estilísticas que um texto ficcional pode abordar, a interpretação sobre os seus argumentos encontra-se na leitura feita atentamente pelo intérprete.

O contexto da ficção, [...] explicitamente deixa aberta a questão do que trata realmente a ficção. A referência ao mundo não é tanto uma propriedade das obras literárias quanto uma função que lhes é conferida pela interpretação. [...] Interpretar *Hamlet* é, entre outras coisas, uma questão de decidir se a peça deveria ser lida como uma discussão, digamos, dos problemas de príncipes dinamarqueses, ou dos dilemas de homens da Renascença que estão vivendo a experiência das mudanças na concepção do eu, ou das relações entre os homens e suas mães em geral, ou da questão de como as representações (inclusive as literárias) afetam o problema da compreensão de nossa experiência. [...] Podemos relacionar *Hamlet* ao mundo de diferentes maneiras, em diversos níveis diferentes. A ficcionalidade da literatura separa a linguagem de outros contextos nos quais ela poderia ser usada e deixa a relação da obra com o mundo aberta à interpretação. (CULLER, 1999, p.38-39, destaques do autor)

A partir desse argumento e ao observar as fontes literárias produzidas por Rocha Pombo, partiu-se de dois eixos principais: buscar poemas e excertos pouco analisados pela historiografia os quais demonstrassem os seus argumentos reformistas e a possibilidade do diálogo sobre o seu contexto de escrita. O segundo eixo busca compreender os objetivos de escrita na sua obra simbolista *No Hospício* (1905). A interpretação sobre o que o intelectual diz destacar nas suas obras literárias fornece indícios de interpretação do seu pensamento.

O educador paranaense Erasmo Pilotto (1976) ao observar a essência da obra de Rocha Pombo destacou, entre as produções do intelectual, a obra ficcional como o melhor caminho para se conhecer os sentidos da produção do intelectual. Para Pilotto, era necessário ler Rocha Pombo além de seus principais projetos, era preciso interpretar a sua essência a partir da sua obra *No hospício*.

Assim, em primeiro lugar, Rocha Pombo não se define pelo monumento de sua grande **História do Brasil**; ou melhor, para você compreender a medida da **História do Brasil**, ou do longínquo projeto de Rocha Pombo de uma universidade que seria a primeira do Brasil e da qual chegou a lançar os fundamentos, ou a medida ainda de seu outro projeto de uma nova Utopia, etc., etc., para você compreender a medida dessas coisas precisa ler a novelazinha. **No Hospício** é todo o espírito dele enquanto o espírito pode

expressar-se, e **História do Brasil** é apenas um seu projeto realizado, apesar de sua medida excepcional e levado a termo em caráter e mente objetivos, de audácia, tenazes, tranqüilos, senhores de um método e de uma idéia de cultura. (PILOTTO, 1976, p.198, grifos do autor)

A inserção de Rocha Pombo no campo literário não era uma característica isolada e exclusiva a ele. A literatura para a geração de intelectuais a partir de 1870 passava a ser um espaço de libertação dos insucessos em outros campos (SEVCENKO, 1985; ALONSO, 2002), bem como um dos únicos meios de divulgação dos seus ideais. Não por ser um campo de menor valor simbólico, mas como “um meio para a redenção do autor e seus irmãos, ela [a literatura] representava a *própria Redenção em si mesma*” (SEVCENKO, 1985, p. 233, grifo do autor). A literatura carregava intencionalidades diversas e poderia ser utilizada como meio de propaganda sobre os discursos que buscavam explorar. Igualava-se à política e ao jornalismo, encarregando-se do debate ideológico, porém de forma mais sensível, facilmente e indiretamente dialogada com o leitor.

Há estudos já realizados sobre a prática literária como uma válvula de liberação dos ideais, assim, Nicolau Sevcenko, em sua obra *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*, analisou a literatura de Lima Barreto e Euclides da Cunha como um meio de desenvolvimento do debate e condução para as reformas necessárias para o período pelo viés literário. Na obra, além de analisar o cenário de debates do Rio de Janeiro da *belle époque*, o historiador investigou as singularidades das propostas desses autores em relação à lógica do uso da literatura como meio revolucionário. A

literatura, franca e direta, evitava quaisquer efeitos de polissemia, no afã de garantir a eficácia e contundência da sua mensagem dirigida. Seu horror ao efeito de facada, ao beletrismo postiço, atesta a rigorosa economia de expedientes e o finalismo decidido que a caracteriza. Nenhum desperdício, controle judicioso dos recursos de expressão, comunicação imediata, temática atual, sentido prático: a forma de composição corresponde estritamente ao conteúdo proposto. [...] Contudo estava longe de ser uma arte meramente instrumental, um veículo suave ou pílula dourada. Guardava ciosa o prodígio da sedução, do encantamento, esse efeito especial de se comunicar com a sensibilidade e as emoções dos homens, quaisquer que sejam as disposições da sua razão. (Idem, p. 232)

A literatura de Rocha Pombo pode ser analisada por este viés de difusão de seus objetivos. Ele não deixou uma obra específica sobre a discussão dos temas que

considerava ideais para o debate social, mas foi também pela literatura que conseguiu externar diretamente suas inquietações.

As obras literárias puderam significar sua redenção ao revelar, por meio de falas de seus personagens, o que gostaria de ver realizado em termos de mudanças sociais. A escrita do autor não consistia apenas em críticas, mas em modelos a serem observados e seguidos, retomando assim as palavras de Sevcenko quanto à intencionalidade de interferência social dos autores em suas obras literárias para o período.

As décadas situadas em torno da transição dos séculos XIX e XX assinalaram mudanças drásticas em todos os setores da vida brasileira. Mudanças que foram registradas pela literatura, mas sobretudo mudanças que se transformaram em literatura. Os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir. A rapidez e profundidade da transfiguração que devassou a sociedade inculcou na produção artística uma inquietação diretamente voltada para os processos de mudança, perplexa com a sua intensidade inédita, presa de seus desmandos e ansiosa de assumir a sua condução. Fruto das transformações, dedicada a refletir sobre elas e exprimi-las de todo modo, essa literatura pretendia ainda mais alcançar o seu controle, fosse racional, artística ou politicamente. [...] Os textos artísticos se tornaram aliás termômetros admiráveis dessas mudanças de mentalidade e sensibilidade. (SEVCENKO, 1983, p.237-238)

Ao avaliar como as transformações sociais foram visíveis em suas obras, os conceitos utilizados por ele e tipos de reformismo elaborados ficaram mais claros. Partindo do argumento utilizado por Angela Alonso (2000), compreende-se como reformismo o movimento intelectual e político que agitou a geração de intelectuais do período das últimas décadas do século XIX e início do XX. Assim, mesmo estando politicamente díspares quanto as opiniões políticas, inúmeros intelectuais buscavam um sentido de reforma para o contexto que viviam. Apresentavam suas propostas nos meios que dispunham e relacionavam seus objetivos de mudança social conforme a necessidade de representatividade de seus discursos.

As distinções políticas são mais explicativas do que as filiações intelectuais estritas. O ponto de vista político permite mostrar como liberais e positivistas estiveram mais próximos tanto no diagnóstico da crise (centralidade da escravidão na formação social brasileira) quanto no gênero de solução política proposta (reformas pelo alto através do Poder Moderador). [...] A ótica da importação e adaptação de ideias estrangeiras à realidade nacional perde ainda de vista que o movimento recorreu não apenas ao repertório estrangeiro disponível, mas também à própria tradição nacional. (ALONSO, 2000, p.51)

Rocha Pombo não era a exceção e sua geração utilizava-se do discurso reformista como uma possibilidade de diálogo, por vezes semelhantes, mas contraditoriamente polarizados, para apresentar mudanças da sociedade do período. Cabe, portanto, a necessidade de identificá-lo como um reformista, pois propunha mudanças sociais, porém, tais propostas passam a ser analisadas quanto os seus repertórios nacionais e estrangeiros na tentativa de verificação da essência e constituição dos argumentos. Ao conseguir analisar qual era o tipo de reformismo proposto pelo intelectual, evita-se generalizações quanto a sua participação em diversos grupos sociais.

A entrada para o movimento simbolista paranaense, e posteriormente carioca, pode ser considerada um momento de ruptura literária com o que o autor escrevera até então – obras ficcionais de cunho filosófico e educacional, além de sua vasta produção jornalística. Mais do que isso, a escrita simbolista e reformista de Rocha Pombo marca-se mais evidentemente durante a fala de suas personagens, em uma intensa afirmação diante e transmissão do contexto vivenciados pelo intelectual.

Diferentemente de sua poesia, o romance pôde exaltar um cenário, um pano de fundo do momento da escrita nas entrelinhas do texto. Analisar essas possibilidades de interpretação do romance de Rocha Pombo é fundamental para a compreensão de sua obra, sua inserção no Simbolismo e sua busca pela leitura do mundo em que vivia.

O enredo da história e seu desenvolvimento permanecem suscetíveis a essas influências, que dialogam com o contexto de Rocha Pombo. Passar a compreender esse olhar do autor do romance é fundamental para enfim perceber o texto dentro de sua lógica e suas características de gênero e estilo.

Renato Moscateli (2003), ao observar a importância da interpretação das fontes literárias, considera-as como meio de análise nas produções de autores e seus contextos. Ressalta que essa ação interpretativa materializa

um diálogo que se estabelecia entre o pensador de hoje e os sujeitos políticos de ontem, uma relação verdadeiramente dialética de onde nasce o saber. Trata-se, enfim, de uma bela imagem para referir-se ao ato da leitura: ler não é apenas ouvir a fala alheia, mas também propor ao texto uma fala pessoal e interrogativa, como se não se estivesse em frente a um objeto, o escrito, e sim diante de outro ser humano com o qual temos a oportunidade de conversar. (MOSCATELI, 2003, p. 50)

Partindo desse pressuposto de análise, buscou-se considerar a subjetividade inerente à literatura romanesca e na poesia como fontes de investigação para os objetivos de escrita de Rocha Pombo. Compreende-se aqui a subjetividade como um meio de interiorização individual e coletiva apropriada pelo sujeito. Portanto, pôde-se analisar, além dos elementos subjetivos, os elementos extralinguísticos, evidenciados no contexto vivenciado pelo intelectual.

A análise do texto poético se diferencia da prosa por inúmeros fatores; por objetivos, expressões e principalmente através do estilo. Mas a principal diferença encontra-se na narrativa, que é descritiva e, por vezes, literal na prosa, em contraposição às expressões conotativas e metafóricas do texto poético. De acordo com Massaud Moisés (1969), o texto poético é metafórico, e o pesquisador que se põe a analisar uma escrita poética deve perceber quais são as metáforas presentes na métrica do poema.

Chegado a esse ponto [de observar as metáforas existentes no texto poético], ele [o pesquisador] terá surpreendido o âmago mesmo do poema, mas não sua decifração total evidentemente. Visto que o poema se constitui numa galáxia de metáforas polivalentes, é imediato compreender que a análise jamais se esgota, salvo se fôr de ínfima qualidade (...). (MOISÉS, 1969, p. 42)

Moisés ainda exemplifica que a palavra-chave para compreender o poema é a metáfora; assim, a poesia torna-se a expressão do seu tempo de escrita. Majoritariamente, Rocha Pombo escreveu sonetos¹², uma construção comum do lirismo do período, demonstrando talvez sua tentativa de proximidade e adequação ao gênero clássico.

A entrada de Rocha Pombo no Simbolismo, movimento literário que se destacava no final do século XIX, significou um novo campo de debate para os seus projetos. O intelectual havia se dedicado na juventude com alguns romances, mas foi por meio da inserção na escola literária que obteve o reconhecimento de seu trabalho enquanto escritor. Atendia aos anseios de tentar traduzir, por meio da linguagem mais leve e subliminar da literatura, as suas inquietações diante de seu contexto.

De acordo com Caroline Marach (2014), a entrada de muitos intelectuais em escolas literárias no final do século XIX foram reflexos diretos do contexto e efeitos

¹² Um soneto é uma composição de quatorze versos, com número variado de sílabas, e tem por característica o estilo clássico.

caóticos da Revolução Federalista (1894) no estado do Paraná. Para a pesquisadora, o impacto desencadeado pela revolução transformou profundamente a produção dos escritores paranaenses, ao passo que a compreensão da repercussão do evento histórico não deve ser ignorada. Porém, ressaltava-se

[...] que o fato desses escritores haverem se voltado exclusivamente para a literatura não deva ser compreendido como uma postura de alienação com relação ao meio político. Parte do silêncio em relação às questões desse meio revela, primeiramente, que mesmo passada a revolução, o contexto ainda era de tensões, temores e censura. Também exprime certa desilusão para com o regime recém-instaurado, defendido por eles tão arduamente na década anterior. (MARACH, 2014, p.75)

As mudanças na vida pessoal de Rocha Pombo durante o período da Revolução Federalista foram radicais. Em virtude do avanço das tropas para o Paraná, para preservar a sua família e mantê-la, decide mudar-se para Paranaguá. De acordo com Nestor Vitor, essa mudança afetou inclusive a saúde física do intelectual, além da falta de trabalho e liberdade de escrita. O

inevitável colapso da imprensa que representasse por qualquer modo uma opinião propriamente livre. Era, pois, para pobres jornalistas como ele o regime do jejum e do terror, mais do que para os outros. [...] Pombo, nascido e criado que foi na faixa litorânea, anêmico, dispéptico, andou sempre mais ou menos valetudinário enquanto viveu Serra acima. O clima frio agradava-lhe sobremaneira os sintomas de sua diátese artrítica. É de calcular, portanto: naquele tempo ainda mais doente ele ficou. Além disso, homem sensível, homem verdadeiramente apiedado, teve de andar salvando os perseguidos que pôde salvar, mesmo com risco, e estremecendo horrorizado diante dos crimes atrozes que ninguém pôde impedir. (VÍTOR, 1979, p.70)

O contexto vivenciado por Rocha Pombo, principalmente o do cenário político local, possibilitou a ele um olhar diferenciado para a literatura simbolista e de como esta escola se adequava aos seus projetos. Com a literatura como meio de debate para as questões sociais, Rocha Pombo conseguiu traduzir suas inquietações nas falas de suas personagens. Nicolau Sevcenko, no livro *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*, caracteriza o uso da literatura pelos intelectuais da virada do século XIX e XX como um momento de fragmentação da intelectualidade entre o jornalismo e a literatura. Assim, o ambiente de incertezas e transformações sociais refletiu na busca por outros campos de atuação, em que a

[...] imagem difusa do intelectual, portanto, se tornou mais uma fachada. E das mais proveitosas. Ela era o requisito indispensável para se conseguir as cavações e os empregos públicos e principalmente a chave mestra das portas

cobiçadas da política e da diplomacia. Mas de forma geral ela antecedia a todas as profissões liberais, e tendia a encerrar a sua fase ativa com o casamento e/ou com a primeira 'colocação' séria. (SEVCENKO, 1985, p.85, grifo do autor)

Com o uso da literatura simbolista como mais um espaço de atuação, Rocha Pombo escreveu a obra *No hospício* (1905). No caso específico dessa obra, serão analisados os aspectos e condições para a elaboração e publicação da obra. Bem como a fala das personagens e como, por meio delas, o projeto do intelectual se estabeleceu.

2.1 Poemas, excertos e a reflexão sobre a educação pessoal

Rocha Pombo passou a organizar suas considerações sobre a responsabilidade cívica, dentro do que considerava como inerente ao cidadão paranaense, por meio das suas obras literárias. Ao cidadão que estivesse consciente da moral reformista, digna para o desenvolvimento da província e do país, as obras alcançariam o objetivo do debate reflexivo diante das reais causas que poderiam ocasionar uma mudança social.

Para sistematizar a dinâmica de escrita que associasse moral, civilidade e espírito reformista, ele precisou apoiar-se em uma narrativa que legitimasse suas justificativas de questionamento social: a História. Para Rocha Pombo, o estudo da História permeava todas as esferas culturais, não somente a academia ou os livros didáticos. O uso de crônicas históricas, poemas e obras ficcionais como meio de valorização deste aprendizado tornou-se o método para o diálogo com a sociedade.

Como forma de evidenciar estes ideais para os indivíduos, Rocha Pombo lançou exemplos para serem seguidos, ou pelo menos problematizados pelos seus leitores. No romance publicado em 1883, *A religião do belo*, ele fez uma análise sobre o político George Washington e como este sujeito histórico poderia representar um exemplo de líder estadista para as nações.

Ah! Se êste incomparável exemplar de homem chegasse também a ter culto em todas as outras repúblicas do continente! Como seria tão diversa, desde a Independência, a história do Novo Mundo! É certo que a terra se acha ainda dividida em pátrias; que o preconceito de raças, as diferenças de religião e

de línguas separam ainda os povos. Há, no entanto, uma religião que alia tôdas as raças e que se encontra no fundo de tôdas as consciências: é a religião da justiça, o culto da beleza moral, edificante e purificado. É por essa religião que os espíritos, em todo mundo, se reconhecem. O sábio da China é tão nosso, como o nosso irmão de sangue. (ROCHA POMBO, 1883 *apud* PILOTO, 1953).

Segundo o intelectual, o político George Washington havia sido um líder justo, sensato, e deveria ser considerado um exemplo para os cidadãos do Brasil e das Américas. A *religião da justiça* pregada por Washington, segundo Rocha Pombo, ultrapassava os limites geográficos e ela teria que ser utilizada como modelo e admiração, independente do país e dos problemas morais ou sociais. As diferenças entre as nações não eram consideradas por ele um impedimento para a valorização de princípios morais de grandes líderes.

Seus poemas estavam relacionados entre epopeias históricas e dramas ficcionais de personagens. Assim, utilizando os personagens como exemplos, exaltava-os como pitorescos ou dignamente heroicizados. Tem-se como exemplos os poemas *Nova crença* (uma análise subjetiva entre a história das grandes civilizações e os clássicos como Homero e Dante), *Plano de uma epopeia* (evidenciando um relato bíblico e histórico sobre a propagação da humanidade nos continentes) e *O terror* (referenciando a fase da liderança jacobina da Revolução Francesa).

Todos estes poemas foram publicados na Revista do Club Coritibano, nas edições do ano de 1894 e 1895. Observa-se mais precisamente como Rocha Pombo utilizava-se da história como experiência de reflexão aos seus leitores, evidentemente também como estratégia discursiva ao mudar o gênero textual. Os heróis, moralmente constituídos pela sua trajetória histórica, eram as temáticas que o intelectual usava com maior frequência. Utilizando-se de sonetos, uma construção típica do lirismo, demonstrou talvez sua tentativa de proximidade do gênero clássico do período. O tema polêmico da insurreição popular cataclísmica é exaltado para analisar a continuidade dos eventos apesar do caos dos tempos revolucionários.

Rocha Pombo chamava a atenção para o que considerava como bons ou maus eventos da história da civilização mundial. No poema *O terror*, abordou de forma poética uma das fases da Revolução Francesa, a da Convenção Republicana (1792-1794). Para ele, a história, a literatura e a poesia poderiam se aliar para transmitir algumas mensagens como a análise da moral ou do civismo dos sujeitos históricos em suas épocas.

O TERROR

Ruge feroz a multidão que avança
 Sob o clamor que estronda. Se esboroa
 Todo o vasto edifício, e a alma da França
 Pelo universo além gemendo atroa.

Tombam cabeças mil. A que povoa
 Turba brutal a praça, onde descança
 O sinistro aparelho em que se escoia
 O sangue, a via e – Deos! – tanta esperança,

Apenas deixa ouvir esse uivo horrendo
 Que os monstros teem quando digerem...Scismo
 N'aquelle horror, Jesus, e me suspendo!

E então pensar que todo aquelle abysmo
 Passa... e saber que o mundo ainda vivendo
 Fôra, passado o estranho cataclysmo!....
 (ROCHA POMBO, Revista do Club Coritibano 15/05/1895, p. 4)

Ao analisar uma poesia épica, observa-se primeiramente a sua característica principal, a comunhão entre a narrativa histórica e a ficcional. Para isso necessita-se, de igual maneira, de uma abordagem diferenciada, pois este tipo de poesia possui um estilo prosaico que foge da necessidade de observação de suas metáforas. Mesmo tendo uma narrativa sequencial e sendo uma construção histórica, acaba por elaborar uma “prosa versificada” (MOISÉS, 1969, p. 44). Ou seja, apesar de ser um texto poético, observa-se que o interesse da narração está na transmissão dos eventos históricos, mas, principalmente, na reflexão sobre eles.

O estilo poético utilizado por Rocha Pombo foi a de um soneto, uma composição que possui quatorze versos com número variado de sílabas e tem por característica duas estrofes de quatro versos e duas estrofes de três versos. Essa escolha feita pelo autor não foi aleatória. O sistema utilizado possibilitou a demonstração de uma aproximação com o estilo clássico da literatura. Evidenciava, também, o interesse pelas escolas literárias de seu período, como o Parnasianismo e o Simbolismo, mesmo estas sendo diferentes em estilo e composição.



REVISTA DO CLUB CORITIBANO. Curitiba: Club Coritibano, anos 1890 – 1896.

O soneto utilizado, enquanto uma poesia épica, passou a ser uma síntese para a análise sobre as ações dos homens em determinados processos históricos. Enquanto soneto, carrega a marca artística da literatura como contemplação. O objetivo direto de Rocha Pombo estava em referenciar a reflexão sobre as implicações do caos para uma população. Mesmo tendo o horror como consequência direta, não suprimiu o potencial de mudança social das massas e como isso poderia servir de exemplo. Apesar dos meios, a Revolução Francesa foi considerada por ele como o caminho que possibilitou concretizar a vontade e a esperança da população.

Outro ponto de análise é a exaltação à crença – *Deus* e *Jesus* –, confirmando uma mediação divina a que o leitor é direcionado a compreender enquanto uma moral reflexiva. Porém, até mesmo essa moral aparece com dois argumentos principais. Primeiro, quando exalta a esperança na revolução, mesmo com o derramamento de sangue. Assim, ao compreender que os eventos históricos poderiam possuir mecanismo de ensino moral, Rocha Pombo passou a se utilizar da História como um elemento de formação dos indivíduos. Essas características serão mais detalhadas no capítulo *A História como ideal formativo*. Neste capítulo em específico, busca-se

observar a lógica argumentativa do intelectual ao se inspirar na lógica ciceroniana da História como a mestra da vida.

O segundo argumento, após o período do horror, clamava à divindade pela intervenção como elemento apaziguador. Ao bom leitor caberia, portanto, observar como a História pode ser um instrumento de reflexão sobre as paixões, medos e potencialidades do ser humano em determinados eventos históricos.

Para Rocha Pombo, a História teria deixado exemplos a serem seguidos ou analisados. Assim, as figuras de líderes ou épocas da história universal deveriam não somente ser conhecidas, mas analisadas e refletidas como um meio para a formação do caráter do cidadão. De tal modo, a análise do passado, seja em forma de crônicas históricas ou de cunho poético e literário, constituiriam o mundo social vivenciado pelo intelectual.

Na revista *O Cenáculo*, o intelectual também publicou poemas utilizando a reflexão social como marca de sua produção. O periódico foi fundado em 1895 por escritores¹³ membros do Club Coritibano que buscaram, através da publicação independente, outro canal de diálogo com as necessidades que vislumbravam para o Paraná.

Era claro para aqueles escritores que sem o desenvolvimento das artes e das letras, não haveria progresso moral ou social. Por isso, a proposta de *O Cenáculo* era de se tornar expressão daqueles que viam a literatura como esfera fundamental para a reconstrução do país em termos artísticos e culturais. Para o reavivamento da literatura no Paraná, um dos desafios a ser enfrentado pelo grupo de *O Cenáculo* era lutar contra uma sociedade considerada indiferente (MARACH, 2013, p. 123).

A literatura estava para este grupo de intelectuais, como analisa Marach, como um aparato para o diálogo com uma sociedade em desenvolvimento. Rocha Pombo, pertencente ao grupo de escritores, buscou evidenciar as suas prerrogativas sobre a educação moralizante por meio de suas utopias e personagens (QUELUZ, 1994, p. 133). Ele apresentou um trecho do seu poema *In excelsis!* no primeiro número da revista. A escolha deste poema trazia o tema da ascensão social observada pela análise de um personagem louco, um doido que se apresenta como um lúcido. Como

¹³ A revista foi fundada por Dario Vellozo, Silveira Neto, Júlio Perneta e Antônio Braga. Fizeram parte também das primeiras duas fases da revista: Rocha Pombo, Leôncio Correia, Domingos Nascimento e Tito Vellozo.

um sujeito geralmente compreendido na exceção à regra social, no poema suas análises demonstram maior lucidez que os demais agentes da sociedade.

EXCEPTO

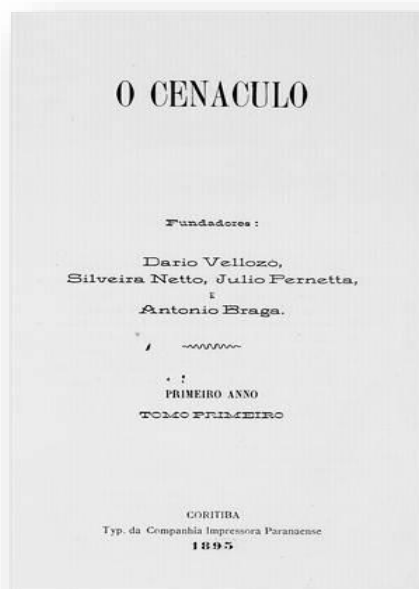
(Do poema *In excelsis!*)

O pobre doudo! Sublime como a própria loucura!
Quanta cousa nos disse!

Olhae – tornou a falar de repente, agitado e abrindo uns grandes olhos faiscantes para o ceo – vêde a enorme águia branca que sobre... Olhae! Lá foi para as alturas... Lá pousou sobre o pináculo da cordilheira infinita... Vêde como ella tem na magestade do olhar todo o sensualismo da gloria... Mais ai!... silencio, coração!... a águia entristece... tem os olhos velados de uma angustia sem fim... Estou lendo no seo pensamento.... Ella sente as amarguras da gloria, porque lembra-se de que até ali também podem ir os reptis, as lesmas.

(O CENÁCULO, 1895, tomo 1, p. 9)

O tema da loucura retornará às análises do intelectual no livro *No hospício* (1905), mas para ele a insanidade mental é questionável quando se compreende a natureza do homem. Usando como instrumento de diálogo e debate a fala de seus personagens, percebe-se que para Rocha Pombo aqueles referenciados como insanos possuem elucidações e aparentam ser mais conscientes do que os considerados sadios.



REVISTA O CENÁCULO, 1895 -1897

Outro exemplo utilizado por Rocha Pombo estaria na analogia ao mundo animal, como um julgamento sobre a ascensão social de uma pessoa, em que pessoas poderiam ser comparadas a animais. Ele comparou, por exemplo, uma águia com um indivíduo bem-sucedido. Diante disso, mesmo tendo alcançado o sucesso, ela compreendeu que com suas habilidades distintas – a águia como símbolo de força animal – alcançou o topo da montanha, mas sentiu-se igual aos demais seres vivos que por outros meios poderiam alcançar o topo. Nesta fábula, compreende-se a valorização dada por Rocha Pombo, novamente, às potencialidades humanas. Independente das habilidades físicas, o ser humano poderia ascender em seus objetivos pessoais. Porém, também ressaltava a forma irônica da ascensão social, pois mesmo os desprovidos de qualidades distintas como as do homem bem-sucedido, segundo o intelectual, poderiam elevar-se.

Essa caracterização da moral, das responsabilidades do indivíduo para com a vida e, diretamente, com a sociedade, também foram exploradas no poema *Fragmentos*, texto publicado na mesma revista, no segundo fascículo de 1895. Abordando a consciência de autocrítica moral para os indivíduos, disse ele:

Uma criatura não pode viver sem adiantar-se, sem fazer proveitosa o mais possível a existencia. Um dia sem progresso moral me parece um attentado gravissimo contra a propria personalidade. De certo que conheceis alguns homens que se contentam de subsistir; isto é, que julgam-se felizes e passam tranquillos e despreoccupados de tudo, desde que vão ganhando o seu vintem para o pão do dia. Mas é necessário que nos lembremos disto: **um homem, além de todos os deveres que resultam das relações em que se acha no mundo, tem ainda deveres consigo proprio**, deveres aliás que não me parecem de modo algum menos imperiosos (O CENÁCULO, maio de 1895, fasc. II, p. 32, grifo nosso).

Observa-se que apesar de não ter uma concepção formativa sistemática sobre os indivíduos, os seus objetivos sobre a instrução, a moral e a responsabilidade cívica aparecem por meio de seus textos. Em especial, a moralidade, bem como o civismo, foram os temas mais recorrentes em seus escritos, principalmente os literários.

Como uma das características desses ideais, nota-se que, para ele, a moralidade – voltada para a educação pessoal – e o civismo – compreendido enquanto a noção de pertencimento do indivíduo responsável às necessidades de sua província/pátria – consistiam na base de seus escritos. Ilustrar-se era a característica máxima para que ocorresse o bom desenvolvimento social. Esta qualidade exigida

não era tão somente exclusiva ao pensamento de Rocha Pombo, mas estava posto como um anseio dos literatos de seu tempo (SEVCENKO, 1985, p. 225).

Por ter exercido inúmeras profissões ao longo da sua trajetória, Rocha Pombo pode ser visto como um intelectual que buscou atuar em diversas áreas e, em cada uma, dialogava com as suas exigências ao mesmo tempo que produzia os seus objetivos. Nessa relação entre o indivíduo e os campos de atuação, Rocha Pombo pode também ser analisado enquanto um indivíduo *polígrafo*, ou seja, que elabora e tira o seu sustento por meio de escritos em diversas áreas.

Para Sérgio Miceli, que analisou a formação do campo intelectual no Brasil, os intelectuais polígrafos concentraram-se entre a chamada geração de 1870 até os anos de 1930. Tinham como característica versarem sobre diversos assuntos em seus textos e discursos; foram incorporados pela ordem política republicana, o que resultou no prestígio profissional de suas obras; foram colocados como indivíduos competentes para emitir falas e atuações norteadoras; e foram denominados *pré-modernistas* pelos grupos que defenderam a revolução de 1930, o que de fato causou-lhes certo ostracismo posteriormente (MICELI, 2001, p. 54).

Para esses intelectuais, no entanto, a caracterização literária era um dos caminhos de transmissão de seus ideais morais e reformistas, por ser uma das modalidades de trabalho intelectual mais rentáveis (Ibidem, p. 81). Temas como o *desenvolvimento*, o *progresso* e a *modernidade*, apesar de compreenderem os inúmeros discursos que estes termos podem carregar, significavam uma marca desta geração. A partir das obras ficcionais, as intencionalidades poderiam adentrar o campo das falas das personagens, sem necessariamente serem requisitados demais explicações ou debates que as legitimassem. Mas a quem esses intelectuais escreviam?

A parcela da sociedade que frequentava o Clube Coritibano, em sua maioria membros da elite ervateira, buscava entretenimentos diferenciados, como análises literárias, poesia e textos teatrais. Para Rocha Pombo, assim como para os demais escritores ligados a projetos literários, os campos artístico e político possibilitaram o meio de divulgação e definição da consolidação como intelectuais paranaenses. Cabe observar, no entanto, quais seriam os espaços de leitura desta produção e a qual público destinavam-se estas obras.

Os escritos literários, tanto da *Revista do Clube* quanto de *O Cenáculo*, correspondiam a uma atmosfera cultural ideal para a sociedade curitibana. Ter um

seleto grupo de intelectuais que representasse este objetivo respaldava o interesse de ambos, tanto do grupo social de leitores quanto para o reconhecimento desses intelectuais (MARACH, 2013, p. 55). Os espaços dos clubes, encontros e sarais literários firmaram-se como ambientes disseminadores da cultura e do debate artístico.

A busca pela distinção social fez com que tais agentes criassem espaços específicos para seus encontros, como alguns jornais, revistas, instituições de ensino e clubes que possibilitaram sua associação em sarais, bailes, círculos de leituras, entre outros eventos. Desses espaços de sociabilidade característicos do fim do século XIX, o Clube Curitibano foi o que se destacou no cenário paranaense, por fomentar a circulação e disseminação de ideias e discursos e o surgimento de movimentos artístico-literários. Em um contexto de nascente republicanismo e modernização da capital paranaense – modernização propiciada pelo capital ervateiro –, a instituição representava o afã civilizador, o progresso e o desenvolvimento intelectual e cultural do estado [...].(Ibidem, p. 56)

Após as suas primeiras obras teórico-filosóficas e o seu malogrado projeto de universidade (PILOTTO, 1953, p. 21), Rocha Pombo ampliou sua participação no campo literário e intelectual. Sua mudança para a cidade do Rio de Janeiro, em 1897, foi decisiva para aumentar seu contato com o ambiente intelectual nacional, ao mesmo tempo que manteve o vínculo com os colegas e amigos da intelectualidade paranaense.

No ambiente do Rio de Janeiro, ele exerceu as modalidades de trabalho intelectual similares às que exercia no Paraná, como aulas particulares e publicação em periódicos. Atuou em diversos meios intelectuais, como no *Correio da Manhã*, professor de História e Português e historiador. Participou do movimento simbolista carioca por meio das revistas *O Sapo* e na correspondência com *O Cenáculo*. Esteve envolvido com a corrente anarquista da *Universidade Popular de Ensino Livre* em 1904 (SILVA, 2014, p. 168; BEGA, 2013, p.93).

Mas foi no campo literário que a trajetória de transição para a capital do país pôde ser melhor analisada. A partir da obra *No hospício*, elaborada entre os anos de 1896 e 1900 e publicada em 1905, é possível observar que os detalhes dos objetivos de aprimoramento moral e responsabilidade cívica defendidos por Rocha Pombo ainda continuaram presentes em diversos momentos.



Em pé: Jaime Balão, Luiz Mariano, Sebastião Paraná e Rocha Pombo
Sentados: José Moraes, Nestor Vitor, Emiliano Pernetá e Leôncio Correia.
(foto de 1888 - fonte: PERNETA, Emiliano. "Em honra do poeta", 1921)

2.2 A obra *No hospício* como instrumento para promoção do debate social

Ao remodelar a escrita por meio de um romance simbolista, Rocha Pombo modificou o seu percurso intelectual no período. Além de buscar uma nova característica para a sua escrita, no sentido estético, ele projetou o Paraná no cenário da literatura brasileira.

Rocha Pombo foi uma espécie de 'homem de divulgação' do Paraná e, por conseguinte, dos escritores paranaenses. [...] o itinerário de Rocha Pombo é de um caso exemplar do escritor do século XIX, que saindo de um espaço

periférico como o Paraná, utiliza-se da rede de relações tecidas ao longo das várias atividades profissionais que desempenha e adensadas pelas posições que tem de assumir. Sua importância para a geração simbolista pode ficar obscurecida, tendo em vista a longa carreira de historiador e os vínculos que constrói com o 'núcleo duro' do campo literário brasileiro. (BEGA, 2013, p. 480)

Como analisa Bega, a projeção do Simbolismo no Paraná muito se deu pela aproximação dada por Rocha Pombo a partir da inserção de textos simbolistas em periódicos do Rio de Janeiro, além de se adequar às condições de uma nova estética literária que se estabelecia no centro-sul do país¹⁴ no período de seu estabelecimento na capital.

Assim, como o mais experiente do grupo, Rocha Pombo já possuía prestígio enquanto jornalista, político e literato. E em um grupo composto por Nestor Victor, Emiliano Pernetá, Dario Vellozo e Silveira Neto, ele pôde debater os temas que o acompanhavam desde o periódico *O Povo* em Morretes: os ideais reformadores que defendia sobre a moralidade e o civismo. A busca pela análise criteriosa do indivíduo, pelo viés simbolista, possibilitou a observação de valores sobre a função dos indivíduos para a sociedade.

Os simbolistas, por sua vez, ao voltar-se para dentro do ego, encetam uma viagem de imprevisíveis consequências, no encalço dos estratos profundos da psique. Com isso, acabaram ultrapassando o nível de razoabilidade em que, ao fim de contas, se colocavam os românticos, ainda que descabelados e furiosos. Assim, cruzando a zona do consciente, imergiam nas esferas inconscientes, em busca do 'eu profundo'. E quanto mais o faziam, mais atingiam as camadas anteriores à fala e à lógica: invadiam os desvãos do universo íntimo de cada um, onde reinam o caos e a anarquia, vivências fluidas, pré-lógicas, inefáveis. Descobri-las ou surpreendê-las como boiar sobre as águas dum lago recôndito, examiná-las e 'senti-las', - eis a suprema quimera. (MOISÉS, 1997, p. 9)

Por ser considerado um momento de ruptura literária com o que o intelectual publicara em forma de romance até então. Sua entrada para o Simbolismo brasileiro foi marcada pela consciência da essência da estética simbolista e a coerência com o seu ideal reformador. Deste modo, inicia-se a análise primeiramente das intencionalidades de Rocha Pombo ao inserir-se no Simbolismo, de como, através das falas dos personagens, puderam ser expressos seus ideais reformistas e quais eram eles. Ele utilizou-se desta estética para reafirmar as suas propostas reformistas.

¹⁴ O pesquisador Massaud Moisés caracteriza que o contexto histórico vivenciado pelo centro-sul do país a partir da metade do século XIX contribuiu para a consolidação de uma "estética refinada, flor de estufa das civilizações, como era o Simbolismo" (MOISÉS, 1997, p. 19).

No hospício constitui o exemplar acabado de romance simbolista, desde o estilo até o conteúdo. Seu enredo se contrai até se tornar fio tênue, mas sem comprometer o todo da obra. Ao contrário, colabora para que o clima psicológico e dramático ganhe densidade, conforme as linhas de força do Simbolismo. [...] Romance na primeira pessoa, sofre das limitações naturais a esse enfoque narrativo, mas o autor consegue superar as dificuldades e o perigo da monotonia. (MOISÉS, 1997, p. 158)

A obra *No hospício* começou a ser escrita em 1896, ano em que Rocha Pombo passou a morar no município de Paranaguá. Seu retorno ao litoral paranaense foi devido às necessidades financeiras, e lá conseguiu um emprego de despachante no porto de Paranaguá. Ambientado a uma carreira burocrática que não condizia a princípio com o seu objetivo profissional, mesmo tendo fundado um periódico local, *A Aurora*, sua ocupação maior era o trabalho no porto.

Ele buscou, desta maneira, a literatura como sua salvaguarda para o momento posterior a tantas derrotas no campo político. A literatura em prosa romanceada passou a ser um instrumento através da escrita da obra *No hospício*. Nestor Victor, seu amigo de longa data, descreveu a sua condição naquele período.

Reduzido a um escritório de despachos no porto de Paranaguá, atividade que divergia, absolutamente, das inclinações de sua inteligência e da formação de sua cultura, ali ganhava o que bastasse para viver modestamente, mas com conforto. (VICTOR, 1896, *apud* CAROLLO, 1996)

Todo esse contexto restritivo a um intelectual que havia passado pelo auge da carreira jornalística e política, visto como um expoente do partido Conservador e um dos principais nomes do jornalismo paranaense no período, representava um momento de objetivos abortados em virtude de atender as necessidades financeiras de sobrevivência. Mais uma vez, sua experiência em diversos campos de atuação foi uma das alternativas polígrafas utilizadas para contornar a difícil situação financeira. O campo literário apresentou-se então como saída para voltar a dialogar com os seus objetivos reformistas e voltar à cena intelectual.

Sua transferência para o Rio de Janeiro no ano de 1897 deu-se em meio a inúmeras solicitações de amigos, principalmente de Nestor Victor, que o advertia sobre a necessidade de ampliar e divulgar a sua obra em um ambiente que pudesse proporcionar isso a ele. Em virtude desse contexto, é possível analisar alguns episódios da vida de Rocha Pombo e como esses são exteriorizados em suas obras, ou seja, observando como os elementos decisivos na sua vida pessoal e de interação

com o seu contexto estiveram presentes em sua escrita. Ao debater temas como a sanidade mental, a projeção de utopias, a moralidade, a cristandade e o civismo, na obra ficcional, Rocha Pombo trouxe para o debate o que considerava necessário de ser observado.

No âmbito da escrita, entre os anos de 1896 e 1900, ao ter como reflexo direto as insatisfações no campo político, como seu projeto de universidade não efetivado em virtude da falta de apoio político, Rocha Pombo descreveu em uma carta a sua filha, D. Júlia Rocha Pombo Bond, seu descontentamento com o ocorrido. Este episódio teria gerado a ele mais uma frustração política em relação ao jogo de interesses entre os grupos que se intercalavam nas decisões da província e do governo federal.

Consegui a muito custo no Congresso Estadual uma lei de garantia de juros (...) tomei o empréstimo de oito mil contos de réis, afiançados pelo Comendador José Macedo, assentei a pedra fundamental do edifício no Largo Ouvidor Pardinho, fiz ali um depósito e reuni o material, dando começo ao nivelamento do Largo. Fui, em seguida, ao Rio, onde apenas tive animação do Dr. Ubaldino do Amaral, senador por este Estado, o qual apresentou no Senado um projeto, que depois de aprovado entrou em 3ª discussão, havendo quem me assegurasse que nesse resultado interviria a politicazinha dominante no Paraná. (ROCHA POMBO, s/d *apud* PILOTTO, 1953, p. 23)

Rocha Pombo chama de “politicazinha” o embate entre as forças oligárquicas e o jogo de interesses que marcavam o cenário político através da representação nos partidos do período. Como já analisado, ele propunha o princípio da consciência de cidadania pelos indivíduos. Descreveu, ainda na mesma carta, que lamentava a sua impotência e incapacidade de influência política diante da tentativa de construção da universidade.

Desiludido de conseguir capital para a fundação do estabelecimento em edifício próprio, procurei torna-lo exequível requerendo ao Congresso da politicazinha que, em vez de garantia, digo, em vez de uma garantia de juros que de nada me serviu (porque o Estado não garantia a si quanto mais a outrem...), me concedesse uma subvenção de 60 contos para inaugurar logo provisoriamente a Escola. E isto eu estava habilitado a fazer, visto que já tinha tudo organizado, estatutos, regulamentos, programas, etc. (Ibidem, p. 24)

Rocha Pombo, contudo, buscou na literatura uma outra abordagem para o debate. Compôs, portanto, uma obra em que os diálogos e falas dos personagens

pudessem analisar a política, a cidadania e a moralidade da época, mas sem o peso de uma crônica ou um discurso em plenário.

A obra *No hospício* tem como enredo a história de um jovem chamado Fileto, que é considerado por sua família, louco, principalmente por seu pai, e que acaba enclausurado em um hospício sem, a princípio, algum diagnóstico psiquiátrico. Estava ali apenas por não conviver de acordo com a norma e a moral familiar. No manicômio, recebe a atenção especial de soror Teresa, que, por presteza e afabilidade, aceita o auxílio de um estranho (o personagem-narrador), para que esse pudesse analisar melhor as condições do jovem enclausurado. Assim, este personagem-narrador poderia de alguma forma terapêutica ou apenas com a sua aproximação ajudar Fileto. Para a entrada no hospício, ele se pôs enquanto um “louco” a fim de conseguir a atenção do jovem e a credibilidade na convivência com os demais internos.

Esta estratégia de utilizar um personagem que não assume um nome, mas que tem grande importância enquanto narrador, possibilita observar a visão do autor na condução do enredo. Ou seja, na obra é o personagem-narrador que descreve o diálogo e as narrativas dos outros pensamentos e principalmente as reflexões acerca dos temas debatidos com Fileto. Percebe-se que o narrador não foi colocado no enredo somente para ser um contraponto de diálogo com os demais personagens, mas foi por meio das falas dele que Rocha Pombo conseguiu externar a sua compreensão da moral ideal para o indivíduo. O personagem-narrador, de estilo intimista e reflexivo, dialoga em diversos momentos sobre o que seria considerado uma postura adequada para um jovem como Fileto. A instrução do indivíduo e a constituição da moral são os temas congruentes na obra.

Recolhido a minha célula, examino a minha situação com uma exata consciência do caso. Era preciso que por minha vez, revelasse também a Fileto: só as almas sabem amar as almas. Como é, porém, que me hei de manifestar àquele espírito? Encontrando-me com ele sem dúvida, pondo-me também ereto, amplo, augusto, como um esplendor ante outro esplendor. No entanto, conviria escolher meios propícios. Deveria eu porventura, pensar em vencer, de surpresa, as relutâncias de uma alma que parece tão complicada; ou mesmo, em neutralizar, com imprevistos contrastes, a repulsa daquele ente? Ou seria preferível ficar de acordo com ele, sereno, e pacífico, inalterável, numa harmonia absoluta com o seu modo de ser? Nada sei de tudo isso. Apenas de uma coisa estou bem certo: é necessário que eu seja um espírito em frente daquele espírito. (ROCHA POMBO, 1996, p. 71)

O personagem-narrador assume também a necessidade de compreender, instruir e colocar-se como o agente modelador daquele indivíduo abandonado em um hospício. As falas daquele, sobre a instrução, a moral, o civismo e a participação política confundem-se com os objetivos e ideários de Rocha Pombo sobre a sociedade, sendo uma alusão a um ser instruído, missionário e defensor de seus ideais de mudança social, que não descartavam nem mesmo os indivíduos reclusos, as almas excluídas, mas sim viam nelas a possibilidade de mudança, de uma reforma íntima e, conseqüentemente, socialmente constituída. Assim, este personagem assume o diálogo com a estética que exaltava a contemplação do caráter e de ideias renovadoras em um mundo diferenciado.

Rocha Pombo chega a afirmar que o verbo só é compreendido por almas e pessoas que soubessem observar o que é de fato importante para o homem, como a valorização da instrução e do culto dos valores espirituais do catecismo, que seriam ambos, segundo o intelectual, as bases para uma sociedade melhor. O encontro com a tendência simbolista, contemplativa de utopias, veio agrupar forças com o que ele compreendia sobre a formação de um novo indivíduo para a sociedade.

O romance se desenvolve e os personagens principais vão dialogando sobre os mais variados assuntos. A partir de diálogos, como a análise sobre a vida de Jesus e da erudição dos homens, Fileto e o narrador refletem e concluem sobre a ideia de renovação política e cultural da sociedade. Como reflexo direto da insatisfação sobre o cotidiano posto a eles – tanto a Fileto, quanto ao narrador-personagem –, tornam-se mais frequentes as inúmeras reflexões do personagem-narrador sobre os comentários do jovem Fileto.

Notei-lhe ainda uma vez, e muito de propósito, a ausência, no seu espírito, de preocupações de ordem social, e ele repetiu o que em um dos seus trechos havia dito – isto é – que ficava, que ficaria sempre no domínio das almas e que era absolutamente nulo o interesse que lhe merecia o destino das sociedades, dos povos ou das nações. **Que Estado é a violência e que a política é a marca da miséria deste mundo... Que a própria História (que aliás é a injustiça definitiva porque é sempre a mentira sancionada) nos diz que a autoridade política tende a morrer...** (ROCHA POMBO, 1996, p. 170-171, grifo meu)

Percebe-se que a insatisfação com a política e os jogos de poder dos quais Rocha Pombo participou são expostos nos diálogos entre Fileto e o narrador. A visão de um futuro para a sociedade, imaginado na constituição de uma cidade utópica, a *Cidade Futura* idealizada por Fileto, tornaria-se um local em que a espiritualidade e a

razão estivessem lado a lado. Esses princípios, principalmente os de responsabilidade cívica, entendidos como a moral inerente ao bom cidadão, eram os objetivos que Rocha Pombo valorizava para o seu contexto. As mudanças deveriam ser reais e relacionadas à educação e à civilidade dos cidadãos.

Do mesmo modo, os princípios igualitários da cidade só seriam possíveis se houvesse uma mudança radical. Imbuído de inspirações do anarquismo, Rocha Pombo demonstra como seria seu projeto de reforma possível. Na obra, o personagem-narrador, dirigindo a palavra a Fileto, exaltou a necessidade de consciência do indivíduo para enfrentar um cenário de mudanças.

O que proclamo é a possibilidade da reforma. O que faço é dar uma ideia do rumo a seguir. Não presumo que o meu plano seja completo, nem que seja o mais capaz de vingar. Creio antes que se faça coisa melhor. Apenas tenho o intento de mostrar como não é uma utopia ridícula o meu ideal. (...) não compreendo um verdadeiro espírito que se não revele por este lado – pelo interesse mais vivo ligado a todas as questões sociais. **Sem valor moral não concebo a existência humana, e não há valor moral que não seja fruto da ação coletiva localizada (e, portanto, mais intensamente expressa) no indivíduo.** (ROCHA POMBO, 1996, p. 181, grifo meu)

A fala do personagem-narrador é marcada por uma descrição de possibilidades para a análise social e a necessidade do pensar coletivo. Rocha Pombo expõe as características do que considerava necessário sobre a transformação da sociedade. O narrador apresenta-se de fato como o protagonista do romance e, portanto, detentor do diálogo mais direto por meio das mensagens que o autor pretendeu afirmar em seu texto. Jonathan Culler, teórico literário, auxilia-nos a compreender a interpretação de uma narrativa dentro da sua função principal: narrar uma história. Para isso, destaca-se que apesar de Rocha Pombo fundamentar-se de argumentos que visavam estimular a reforma íntima dos indivíduos, a narrativa também cumpria o seu papel de ser interpretada pelo seu leitor de forma autônoma e, muitas vezes diversa.

A narrativa é uma fonte de conhecimento ou de ilusão? O conhecimento que ela parece apresar é um conhecimento que é o efeito do desejo? [...] parece provável que não possamos responder a essa pergunta, se é que de fato, ela tem uma resposta. Ao invés disso, devemos ficar nos movendo para lá e para cá entre a consciência da narrativa como uma estrutura retórica que produz a ilusão de perspicácia e um estudo da narrativa como o principal tipo de busca de sentido à nossa disposição. Afinal de contas, mesmo a exposição da narrativa como retórica tem a estrutura de uma narrativa: é uma história em que nossa ilusão inicial cede à crua luz da verdade e emergimos mais tristes mas mais sábios, desiludidos mas depurados. (CULLER, 1999, p.94)

O diferencial de Rocha Pombo ocorreu na utilização desta estratégia estética para abordar temas que considerava importante na formação moral dos indivíduos. Ele buscou demonstrar, através da subjetividade do narrador – em afirmações constantes que justificassem e que deixassem perceptíveis a sua inserção no movimento e o rompimento com o parnaso –, como a literatura poderia ser utilizada como um caminho para o reformismo social. Novamente, proclamando transmitir seus objetivos no seu texto, o personagem-narrador assinala a importância da escola literária em que se inseria.

E querem dar-nos então, em vez de signo, a forma pura, o compasso, a simetria! E os espíritos hão de amar o verso, e o verso de hoje! Não. Não é possível que Fileto se resigne a procurar nos meus versos aquilo que tão raramente o verso é capaz de dar. **O símbolo, que é espiritual, pode, não há dúvida, viver sob a forma do verso; mas então o verso é como se não existisse.** Dai-me palavras, grandes palavras, mesmo em versos; se em versos couberem; mas não reciteis apenas palavras medidas. Digo-vos, em suma, que nem todos os Homeros do Ocidente me diriam o que me está, não dizendo, mas sugerindo um versículo da Bíblia. (ROCHA POMBO, 1996, p. 77, grifo meu)

Caracterizando seu estilo logo nos primeiros capítulos, Rocha Pombo anuncia sua inserção no movimento simbolista, mas não de qualquer maneira. Sua análise e crítica à sociedade vigente também se utilizariam do romance como um meio de expressão. A estética simbolista de Rocha Pombo agregava o valor que ele buscava para o momento de expressão como a espiritualidade, do catolicismo, das reformas sociais e, especialmente, do anarquismo.

Quanto às correntes libertárias como o socialismo e o anarquismo, Rocha Pombo já apreciava tais ideias desde os tempos em que vivia em Curitiba. De acordo com Queluz (1994, p. 117), “a aproximação de Pombo com o socialismo libertário é bem conhecida. Ainda em Curitiba, ele conheceu pessoalmente o dr. Giovani Rossi¹⁵. Foi um entusiasta assistente de suas conferências realizadas em Curitiba [...]”. Na coluna “Os destinos do Paraná”, publicada na *Gazeta Paranaense* de 1º de janeiro de 1887, anteriormente analisada no primeiro capítulo, Rocha Pombo se utilizou de inúmeros elementos que justificassem a lei sobre o imposto das propriedades. Dentre eles, citou Giovanni Rossi como uma das inspirações de suas proposições.

¹⁵ Líder da experiência anarquista da colônia Cecília em Palmeira/PR entre os anos 1890 a 1893.

É mais do que justo o imposto territorial. Elle é considerado por todos os economistas como **o mais racional** de todos os impostos, o mais antigo e o mais universal.[...]. ‘Assim, diz Rossi, eu repito, mante-lo dentro de justos limites o imposto territorial é racional, útil. É aquelle que menos perturba o phenomeno da producção; sua percepção é fácil, etc.’ (GAZETA PARANAENSE, 01/01/1887, p. 2, grifo original)

Associados aos questionamentos fundamentados no anarquismo e na busca por um novo tipo de sociedade, mais igualitária, racional e contraditoriamente defendida em cima de um projeto liberal, estava o tema da loucura. Rocha Pombo evidenciou sua crítica à segregação como uma ação consequente da exclusão social, e que, para equacionar esse problema, seria necessária a alteração completa da sociedade.

Mas, apesar de buscar uma linha anarquista, não fundamentou seus personagens com objetivos revolucionários ou radicais. Apresentou a eles a noção de reforma íntima e restauradora da consciência dos indivíduos. A mudança começaria, segundo ele, por uma postura diferenciada, reformadora da moral dos indivíduos diante de um contexto caótico. O primeiro momento seria o acontecimento desta percepção a partir de uma reflexão interna. Em seguida, indivíduos já reflexivos e conscientes de seu papel social agiriam em conjunto pelo bem da sociedade.

No outro dia, cedo, Fileto estava no meu cubículo, e dizia-me, muito satisfeito, que estava resolvido a escrever ao velho que viera para combinarmos os termos da carta. Fiz-lhe ver que era preciso, como já tinha dito, dar provas de juízo que não deixassem dúvida no espírito do comendador. Isso – acrescentei – é o que não julgo muito fácil e só o senhor, que conhece melhor a índole de seu pai, é que pode saber que gênero de provas deve produzir. -Ora... opôs-me desembaraçadamente: bem sabe que o espírito de meu pai é... o espírito de todo o mundo, é o espírito de todo burguês rico. **Estou certo de que se me fizer doido mais ou menos como todos, ele se convencerá de que tenho juízo.** (ROCHA POMBO, 1996, p. 242, grifo meu)

Utilizando-se da escrita crítica e metafórica, Rocha Pombo destaca que se tornar um *doido aparentemente como todos*, em um mundo enfermo, era o passaporte de regresso para o convívio social para Fileto. As composições sociais vivenciadas por Rocha Pombo, que lhe proporcionaram um contexto de igual maneira semelhante no qual vivenciou uma experiência frustrante, fruto da sua própria incapacidade de compreensão da lógica do contexto político, tanto quanto o de Fileto, possibilitaram a ele formar a personalidade desse personagem. Descaracterizava, desta maneira, até mesmo o papel da ciência enquanto detentora do saber sobre o psiquismo e seus prognósticos sobre a loucura.

O tema da loucura pode ter interesse mais pela postura lúcida do narrador quando reflete sobre a ciência que etiqueta uma pessoa de louco por contestar o *doxa*, ou seja do senso comum, questionando 'valores', a exemplo do significado atribuído pela sociedade ao primado da aparência sintonizada como um ritual social eleito como 'normal'. (CAROLLO, 1996, p. 17, grifo da autora)

Em uma atmosfera social, vivenciada pelo autor, de constantes embates ideológicos, declarar-se alheio aos enfrentamentos não era eficaz, mas trajar-se enquanto um pensador isolado e sábio possibilitaria uma autêntica consciência sobre a realidade. Portava-se assim como um intelectual, mesmo que à margem dos grandes nomes de seu tempo, que se utilizavam da literatura como expressão de seus anseios. Procurando emitir o que Sevcenko (1985) analisa como meio de expressão da *raiz social* da qual o autor fez parte, dela partiam suas sensibilidades sobre um contexto de mudanças.

Perdidos no seu próprio presente, esses homens vasculham-no em busca de indícios de futuro. O que, evidentemente, tem efeito reversivo, já que, decretado o desejo de sublimação, o futuro tem o significado de uma metáfora que denuncia os seus anseios, os seus projetos, o seu sentimento e sobretudo a sua impotência diante do presente. Essas suas formas de querer, ser e sentir têm uma raiz social e é dela que elas falam. (SEVCENKO, 1985, p. 85)

Rocha Pombo também procurou se enquadrar na dinâmica intelectual da geração que vivenciava as transformações políticas e sociais da virada do século XIX para o século XX. Além de promover o seu próprio trabalho, pôde, a partir do debate de uma sociedade ideal, proporcionar mais uma tentativa de projetar-se no meio intelectual. Ele moldou-se nas expectativas da escola literária simbolista buscando inserir-se no debate nacional. Não foi além disso, pois seus poemas e crônicas misturam-se no ideal simbolista dentro da própria obra. Assim, *No hospício* foi a sua única obra dentro da literatura simbolista. Mas pôde marcar um início de projeção intelectual na capital federal, o que posteriormente viria a se consolidar com as extensas obras didáticas e as práticas no magistério.

Até finais do século XIX, era pouco conhecido nos círculos intelectuais consagrados, estando fora do circuito da capital federal. Tal marginalidade era tamanha, que Sacramento Blake, escreveu a seu respeito: 'José Francisco da Rocha Pombo nasceu em Morretes, atual estado do Paraná, a 4 de dezembro de 1857. Nada mais sei a seu respeito, senão que escreveu...' destacando, neste ponto, as obras: *Ao povo*; *A religião do Belo*; *A supremacia*

do ideal; e o requerimento e memorial para a criação da universidade do Paraná. Talvez, a tentativa de ampliar seu círculo de contatos e prestígio social, tenha motivado a mudança junto da esposa, Dona Carmelita Azambuja da Rocha Pombo, e dos três filhos (Victor da Rocha Pombo, Julia da Rocha Pombo Bond e Regina da Rocha Pombo) para o Rio de Janeiro em 1897, onde seu campo de produção passa a centrar-se na escrita de obras de cunho historiográfico, didático e na imprensa, e principalmente, no magistério, uma vez que não poderia viver somente da pena, aspiração de muitos dos intelectuais do período. (SILVA, 2014, p. 166)

A obra *No hospício* trazia, portanto, um diferencial: a loucura como cenário. A estética bucólica e contemplativa simbolista foram os instrumentos com os quais Rocha Pombo pôde debater as questões morais e cívicas que considerava fundamentais, fazendo uso da categorização da loucura perante a sociedade burguesa, a qual o próprio intelectual por vezes exaltava, mas de que padecia ao ter que se portar, mesmo que na ficção, enquanto *um doido mais ou menos como todos* para poder ser escutado e para ser lido. Ideal este ligado a escola Simbolista e que somente reforçava o estilo fugidio dos personagens.

Um ideal romântico, no qual o autor, preso em uma dispersão discursiva contraditória, por diversos momentos da narrativa literária indicou os valores relacionados à crença e ao sobrenatural como superação às mazelas da alma. Apesar do Simbolismo refutar e questionar os princípios cientificistas do Positivismo, Rocha Pombo no mesmo período de escrita inspirava-se em Auguste Comte para compor a sua narrativa em compêndios históricos como serão abordados no próximo capítulo.

A busca pelo civismo e o objetivo principal da mudança social marcaram a lógica de escrita do autor. Vislumbrar um outro mundo possível e utópico somente caberia, portanto, aos que estão insatisfeitos com o mundo presente (QUELUZ, 1994, p. 133).

Esta postura, que atingiu parte do movimento de intelectuais da geração de 1870, fê-los considerarem-se reformistas diante de uma ordem política não representativa dos seus ideais. De acordo com Queluz, o cenário excludente se aproxima da obra machadiana *O Alienista* (1882).

A aproximação entre o pensamento alienista e a República teria sido possível pela evolução da teoria da degenerescência na segunda metade do século XIX na Europa, e, no Brasil, a partir da década de 80. Tal processo foi percebido de forma aguda por Machado de Assis, em seu conto alegórico o "Alienista". (QUELUZ, 1994, p.106).

Alonso (2002, p. 45, grifo da autora) avança ao afirmar que “a dimensão de revolta [era] político-intelectual [e] coletiva. Tratava-se de um movimento de contestação à ordem imperial e de demanda por reformas estruturais. Para enfatizar a dupla face, política e intelectual, da contestação, chamo o movimento intelectual de *reformismo*”. Este movimento reformista utilizou-se, portanto, de todos os campos para abarcar as suas ideias de mudança.

As falas do personagem-narrador encerram a obra contemplando o ideal de um novo tempo, de uma nova sociedade, mesmo que para isso fosse necessário esperar e estar presente diante dos desafios do seu tempo. Em uma fala reflexiva do personagem-narrador, Rocha Pombo analisa os ideais e as incertezas de um novo tempo a ser observado.

Que medo, meu amigo, de desaparecer-me do outro mundo. – Como é, portanto, que tive coragem para iludi-lo e para iludir o seu grande coração? Talvez que chegue a tempo de perdoar-me. O meu lugar é aqui mesmo. Devo a meu espírito esta prova de que nunca o renunciei: fico em meu lugar. [...] Paciência. Eu sei como tu és dura, oh! Natureza. É escusado que me proves, oh Destino, quando és inelutável e supremo, por cima de todas as temporalidades que me apertam. A luz que eu espero há de vir a seu tempo. Louco é aquele que anda apressado e que vai adiante. É preciso ir logicamente, razoavelmente, tranquilamente. (ROCHA POMBO, 1996, p. 272).

A obra tem um desfecho em ritmo melancólico e reflexivo, a racionalidade aparecendo como um meio para o enfrentamento dos eventos pelos quais um indivíduo poderia passar. A morte de Fileto encerra o ciclo de utopias e reflexões pelas quais o personagem-narrador passou ao ter contato com *a extraordinária criatura*, como ele o classificava. Assim, a mensagem estava além de compreender como o *destino*, a *natureza* e o *tempo* poderiam se encarregar de serem agentes para grandes lições aos indivíduos. A obra critica as utopias da modernidade, dando a elas a sua inevitável falência.

As utopias em Rocha Pombo surgem como alternativa ao cinzento mundo moderno. Negativas do sistema capitalista, exaltam a vida comunitária autossuficiente, que substitui a cidadania negada pela República. Nelas, o comércio e o Estado serão abolidos; o sentimento religioso suprirá as leis impostas e injustas; a educação criará o homem do futuro; a justiça social prevalecerá graças a um sistema cooperativo igualitário. (QUELUZ, 1994, p. 133).

Porém, apesar desse momento de escrita reflexiva, usando a literatura simbolista como meio para observar essas utopias, uma delas nunca se desprende dos seus objetivos: a educação do indivíduo como salvaguarda do mundo ideal. Utilizando-se dessa vontade e possibilidade de construção de um mundo ideal, as obras didáticas passaram a ser sua próxima tarefa.

3. A HISTÓRIA COMO IDEAL FORMATIVO

Como já mencionado, o intelectual é considerado um escritor canônico de compêndios de História. Porém, na investigação sobre suas crônicas jornalísticas e obras didáticas, observou-se que havia argumentos específicos para o uso da História. Por meio das fontes, analisa-se que o tipo de reformismo apresentado pelo intelectual permaneceu fundamentado nos princípios e concepções históricas da qual ele compreendia como ideal. Entendendo a educação como um princípio fundamental para todas as nações, Rocha Pombo exaltou este caminho como correto e viável à evolução e à civilidade das populações.

Para analisar como a concepção de História defendida pelo intelectual em suas obras didáticas passou a ser o seu ideal formativo, fez-se necessário antecipar o olhar sobre seus primeiros escritos. Esta tentativa procura analisar como a sua tônica educativa e seu interesse pelos debates sobre o tema já estavam sinalizados desde as suas primeiras publicações. Assim, ao serem uma constância ao longo da sua trajetória enquanto escritor e professor de História, puderam constituir o âmbito mais aproximado do que ele efetivamente compreendia como reforma social.

Para muitos de seus contemporâneos, a educação como um todo cumpria o papel edificante aos indivíduos (ALONSO, 2002, p.332). Desta forma, abordar a necessidade de investimentos ou revisões sobre a instrução da população era o meio do qual muitos intelectuais e políticos do período utilizavam-se para poder alcançar representatividade aos seus discursos. Rocha Pombo, portanto, não era uma exceção.

Na sua primeira publicação, com apenas 20 anos, para a revista *Escola* do Rio de Janeiro, em 1877, sob um título aparentemente modesto: *Duas palavras sobre a Instrução Pública*, o intelectual buscou demonstrar a afinidade com o tema e inserir-se ao debate nacional (TABORDA DE OLIVEIRA, 2014, p.38). Na época, já trabalhando como professor de primeiras letras (BEGA, 2003, p.483), observava o problema da instrução pública e da educação nacional como uma consequência direta da falta de aglomerados populacionais e a consequente, falta de investimentos. Seus escritos não eram neutros ou modestos quanto a sua intencionalidade. Rocha Pombo estava desde a juventude associado ao meio político local (Ibidem, p.80), assim, considerando-se um visionário e como um intelectual impregnado do sentimento de

missão frente à modernidade da sociedade (VIEIRA, 2011), demonstrou as suas inquietações sobre a instrução pública nacional como uma das causas para a falta de desenvolvimento econômico no país. Na sua primeira publicação, destacou o entrosamento e a necessidade do debate nacional acerca da educação. Em tom de indignação, exaltava:

Todos fingem interessar-se pelo seu desenvolvimento, todos emitem considerações sobre o seu estado, e por fim nenhuma consequência vantajosa succede. [...] Quando não se busca o mal desde a raiz, quando se estuda as causas do atraso superficialmente; quando, no Brasil, a infância soluça debaixo da indiferença dos maiores da nação, as consequências lamentáveis, mas naturais, de tudo isto se atira à face dos professores. Apesar de ter a honra de pertencer ao professorado, não quero empenhar a sua defesa, sou o menos competente para isso. (ROCHA, 1877, p.163)

Rocha Pombo, apesar da pretensa humildade ao falar sobre o tema, analisou e apresentou propostas para o que considerava a causa central do problema: a falta de recursos para a contratação de mestres em “povoações que para mais de vinte meninos, há um professor” (Ibidem, p.164). Sendo a educação uma das bandeiras do intelectual, demonstrar o descaso com a instrução pública promovida pelo governo era fundamental para reforçar os seus posicionamentos. Evidentemente que a instrução pública defendida por ele estava relacionada ao seu contexto, assim, a educação de meninos era a instrução pública pensada no período. Destacou também, no mesmo artigo, a extensa distância a que muitos alunos deveriam se deslocar para ter a disposição um professor.

Ao concluir o artigo, Rocha Pombo, que na época assinava José Francisco da Rocha, fez uma análise social sobre a instrução pública comparando o Brasil a alguns países europeus e aos Estados Unidos. Apresentou pontos positivos e negativos das nações analisadas, mas observou que além do investimento necessário para a instrução no Brasil, caberia também um aumento da população relativa em todo o território nacional. Sua postura no texto mostrou-se apaziguadora, tanto pelo pouco espaço disponível de escrita quanto pelo ineditismo de suas ideias. Não coube, portanto, maiores ou mais detalhadas investigações sobre as causas dos problemas da instrução pública no país, porém, serviu como um primeiro registro das suas inquietações sobre a educação.

É importante ressaltar ainda algumas considerações sobre esta primeira publicação de Rocha Pombo. Este artigo publicado na revista *Escola* do Rio de Janeiro

foi também transcrito *Revista del Plata*, em Buenos Aires. Este fato de internacionalização também ocorreu posteriormente com o seu primeiro livro *A Honra do Barão*, de 1881, que foi publicado em forma de folhetim no jornal *A Pátria* de Montevideu durante o mesmo ano (DHBPR, 1991, p.376; BEGA, 2013, p.80; TABORDA DE OLIVEIRA, 2014, p.38).

Para Bega (2013) e Taborda de Oliveira (2014) esta divulgação dos seus escritos em países economicamente relacionados ao comércio ervateiro foram uma demonstração direta do vínculo cultural entre os países do Cone Sul americano no período. Além de destacar a amizade de Rocha Pombo com Idelfonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul e sua projeção em virtude dessa relação.

Salienta-se, no entanto, que a postura de Rocha Pombo adotada nesta publicação, além de servir de demonstrativo da sua bagagem cultural, tinha por mérito, como toda primeira publicação, expor o desejo de projeção de suas ideias. Além disso, o intelectual evidenciou certa consciência de possíveis implicações das quais as suas opiniões poderiam ocasionar. Abrindo espaço para futuras réplicas ou demais artigos sobre o tema, encerrou o seu texto destacando os seus posicionamentos.

Ninguém me poderá dissuadir desta opinião: 'A falta de povo suscita o atrazo da instrução. ' Não me é possível por agora desenvolver minhas idéas. Pretendo continuar, si tiver benévolo acolhimento, não só para dar maior desenvolvimento a este ponto, mas ainda para fazer algumas considerações sobre o ensino prático. (ROCHA, 1877, p.165)

No desenvolvimento das suas obras e escritos em periódicos, a resolução da questão da instrução pública tornou-se mais ampla e complexa, e, conseqüentemente, com mais agentes responsáveis. A família, o civismo e a vontade de elevação moral do indivíduo/aluno/cidadão serão outros caminhos apontados pelo intelectual para tentar solucionar o problema das políticas educacionais no país. Passou a desenvolver em artigos seguintes outras linhas de raciocínio como o incentivo ao trabalho livre, o aumento da industrialização nacional e estímulo as correntes migratórias europeias.

Como já mencionado no primeiro capítulo, Rocha Pombo demonstrou familiaridade com autores do período. Na mesma obra ainda passou a exaltar a si, como exemplo de instrução, autodidatismo (BEGA, 2013, p.79; SILVA, 2015, p.52) e principalmente sua função enquanto um intelectual e, necessariamente um “sujeito social privilegiado” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2014, p.40). Assim, a educação não

significava apenas estar enquadrado em uma bandeira do período, mas a principal forma de intervenção social para ele estaria na significação social adotada.

De acordo com Vieira (2011), a intelectualidade brasileira do final do século XIX até a década de 1920 utilizava-se do discurso da educação como um espaço de projeção de seus ideais. Tal função era compreendida por esses sujeitos necessariamente em seu sentido missionário. Assim, o intelectual assumia tal imperativo de dever perante a sociedade e, utilizando-se deste argumento, despendia esforços na estruturação da educação. Ao analisar os discursos e projetos de intervenção propostos pelos intelectuais, Rocha Pombo passou a compreender a estrutura de seus pensamentos e programas.

O termo missão, historicamente associado ao clérigo na Idade Média e, depois, ressignificado para explicar a posição social do professor na Modernidade, foi usado no discurso da intelectualidade brasileira para expressar o imperativo do dever e a decisão de engajamento político dos intelectuais. Na educação, o engajamento político representou uma característica comum aos intelectuais que se associaram ao campo, pois a educação foi e permanece sendo espaço de prática e de intervenção social. Logo, a reflexão teórica nesse espaço social está, em regra, associada às dimensões práticas e política, de maneira que a escrita da história dos intelectuais da área, em grande medida, demanda do historiador a percepção das ideias, das teorias, mas também, dos projetos e das ações a elas vinculados. (VIEIRA, 2011, p.36).

Compreende-se que essa postura missionária não apenas demonstrava a sua erudição, mas constituía a memória de si. Assim, demonstrando-se como modelo, compartilhava o seu autodidatismo e as vantagens advindas da instrução individual. Relatou, por exemplo, demonstrando modéstia e grande contentamento de si, a experiência de ter o seu primeiro artigo publicado em circulação nacional.

Fiquei muitíssimo satisfeito quando vi impresso o meu primeiro artigo, sob este título de mal disfarçada vaidade, “Duas palavras sobre a instrução pública”. Ao escrevê-lo, de certo, só me lembrava que era professor. Enviei-o a um editor da corte, o Sr Seraphim José Alves. Quinze dias depois, cheio de orgulho e de força, soberbo do triunfo, eu mostrava ao meu amigo o artigo estampado na revista *A Escola* (Volume II, p. 163). Eu nunca saberei exprimir a deliciosa alegria que senti, a imensa força que lucrei para a inclinação que me nascia. (ROCHA POMBO, 1883, p.X).

Rocha Pombo continuou a exaltar os seus méritos ao descrever a consequente satisfação de ter o mesmo artigo publicado internacionalmente. Assim, de forma mais enfática, acrescentou a descrição desse reconhecimento.

Uma das malas subsequentes troucera-me da côrte, com outro artigo publicado na *Escola*, uma carta do editor que me fez subir muito a meus próprios olhos. Que impulso poderoso valeu uma simples carta para a minha inclinação! N'ella me dizia o Sr Seraphim isto, pouco mais ou menos: 'Tenho o prazer de comunicar-lhe que o seu primeiro artigo da Escola foi transcrito na Revista del Plata, de Buenos Aires'. Faça o leitor uma ideia da impressão que tal carta produziu em meu espírito, da immensa força que ella deu à nascente mania de escrever que me assanhava. (Idem, p.XI, destaque do autor)

Alexandra Silva (2015, p.52) considera que o fato da internacionalização deste primeiro artigo teria sido o elemento motivador para a continuação do seu trabalho posterior no magistério. Taborda de Oliveira (2014, p.55) observa esse episódio como elemento para a compreensão do processo formativo diferenciado alcançado pelo intelectual em vista dos seus contemporâneos. Para o autor, compreender a importância das suas publicações em países do Cone Sul pode representar o entendimento sobre a rede de influência no qual ele tinha a sua disposição, mesmo não tendo uma origem aristocrática e acadêmica tradicional.

Ao passar dos anos, Rocha Pombo, mais amadurecido nos debates sobre tema da educação, exteriorizou seus princípios de forma mais clara. O estudo de *vultos históricos, civilizações gloriosas e heróis* nacionalistas apresentados em seus textos retratavam um caminho pedagógico no qual não só os alunos, mas os cidadãos deveriam ter como inspiração. Considerou assim, que a História e o conhecimento advindo dela poderiam desempenhar o papel de consciência cívica dos cidadãos.

Eu compreendo hoje toda esta minha paixão pelo passado, todo esse respeito, essa espécie de adoração que eu volto a essas ruínas venerandas que cobrem a terra perlustrada, relíquias sagradas dos séculos, testemunho da obra humana vencida pelo tempo. Todos esses monumentos, todas essas civilizações mortas, todos esses feitos assombrosos, todos esses heroes de que nos falla a História, são palavras desse grande e incompatível poema cantado no tempo e que celebra a passagem da Luz pela face do mundo em busca do Infinito. (ROCHA POMBO, 1889, p. 59)

Foi com a idolatria pelos *grandes monumentos, civilizações mortas, feitos e heróis* que Rocha Pombo utilizou-se da História como uma arte para demonstrar seus objetivos e pensamentos sobre a educação. A princípio, estas análises iniciaram-se por meio das crônicas jornalísticas e passaram a se consolidar em seus compêndios didáticos. A análise da História como mestra da vida, característica da narrativa histórica clamada por Cícero (106–43 a.C), orador romano que analisou os eventos e a conduta moral de alguns estadistas de seu tempo como forma de trazer modelos

para a vida dos cidadãos. Para ele, a noção temporal poderia trazer ao indivíduo a consciência de mundo e pertencimento social no aprendizado sobre os grandes feitos ou pessoas. Esta arte de diálogo com o passado era exaltada como a mestra da vida. Segundo Cícero (2001, p.225), a compreensão sobre a narrativa histórica estava no potencial de se analisar a “[...]History, which bears witness to the passing of the ages, sheds light upon reality, gives life to recollection and guidance to human existence, and brings tidings of ancient days [...]”. Uma arte de narrar e observar esses modelos orientadores caberia a um bom orador. Este, ciente da sua importância para a transmissão dos ensinamentos, deveria se pautar na eloquência e nas ênfases necessárias para a valorização da História enquanto modelo e caminho orientador para a vida.

A história seria considerada por Cícero por duas perspectivas: pela relação do seu estilo com a forma dos discursos retóricos, e pela utilidade dos exemplos de excelência moral que se pode nela encontrar. Considerada, assim, de modo subordinado, por vale somente enquanto discurso útil para o exame estilístico e como fonte de exemplos a serem usados retoricamente. (PAVEZ, 2011, p.20)

Apesar de ter escrito *A Supremacia do Ideal* com apenas 25 anos, já contava com aparato teórico que viria a fundamentar a sua percepção de mundo e propostas de reforma social ao longo da vida. Escritores como “Kant, Nietzsche, Emerson Carlyle, Lord Byron, Hypolite Taine” (BEGA, 2013, p.80; CÔRREA, 2006, p.75), e outros, dos quais o próprio intelectual fez questão de destacar como influências diretas na sua base de formação, como “Darwin, Comte, Büchner, Spencer, Littré e Flamarion (ROCHA POMBO, 1883, p. XX) são sensíveis em seus textos. Percebe-se, no entanto, principalmente em seus textos de análise sobre a natureza e a concepção de História que as influências do evolucionismo darwinista, da ascensão positiva comtiana das civilizações e do darwinismo social spenceriano fizeram-se mais presentes como base teórica. Um detalhamento maior será feito no próximo subitem deste capítulo.

A educação por meio da História passou a ser enunciada mais veementemente por Rocha Pombo a partir do seu livro *A Supremacia do Ideal (estudo sobre a educação)*, de 1883. A História, a princípio compreendida por ele como exemplo de área de pesquisa que, sacralizada pelos intelectuais, possibilitaria o desenvolvimento pleno (espiritual/cultural) dos pensadores e consequentemente aos indivíduos/leitores ao senso crítico dos eventos do passado.

Ninguém pois, como pensador, precisa tanto de ter sempre diante de si o passado. Assim como os povos tirão de sua historia estímulos de fecundas renovações, assim também o espírito do pensador haure do exame de seu passado a força da investigação e da analyse e os elementos constitutivos do bom senso critico. (ROCHA POMBO, 1883, p.V).

A função do intelectual estava clara para ele, assim como a necessidade do estudo, adquirido a partir do autodidatismo e da formação eclética como uma possibilidade de elevação da instrução dos indivíduos e consequente ascensão da sociedade. Como já destacamos, esta prática não era exclusiva a ele, mas estava relacionada a uma “característica dos livres-pensadores” do final do século XIX (TABORDA DE OLIVEIRA, 2014, p.43). Descrição muito diferente da exaltação de sua origem humilde e desprendimento à erudição como afirmam seus biógrafos ao destacar a sua caminhada autodidata como explicação para o seu posterior reconhecimento intelectual (PILOTTO, 1953, p.9; VÌTOR, 1979, p.60).

A valorização do estudo, através do esforço individual, foi sinalizada ainda na obra *Supremacia do Ideal* (1883). Para Rocha Pombo, o esforço individual e o autodidatismo estavam compreendidos como consequências diretas do reconhecimento da própria história do indivíduo. Assim, o indivíduo que conhecesse a sua própria trajetória também poderia superar-se por meio do estudo.

No correr d’esse mesmo anno, fui tomado mais a sério o meu proposito de estudar. Sentia mesmo ir-me assentando, e perdendo certo entusiasmo leviano de quem iria ser e pensava ainda no modo de fazer-se. Quanto mais estudava, mais claramente compreendia o pouco que lucrava o me espirito, à vista do que havia ainda a lucrar. As sciencias seduzirão-me logo. As letras me parecião nada ter de verdadeiramente útil. (ROCHA POMBO, 1883, p. XVIII)

Compreendia, desta maneira, que a regra que havia utilizado para a sua vida pessoal teria valor a todos os indivíduos que quisessem superar os constrangimentos advindos da condição social (BEGA, 2013, p.80). E, assim como ele, por meio do esforço e da instrução autodidata, poderiam alcançar alguma ascensão social.

Alexandra Silva (2015) analisou como o autodidatismo desempenhado pelo intelectual paranaense foi responsável pela sua inserção em grupos intelectuais de seu tempo. Além disso, o autodidatismo teria auxiliado na escrita dos compêndios didáticos e no magistério, pois

a noção de experiência como elemento de distinção e requisito necessário para ser professor. Assim, a docência associa-se à prática e ao próprio exercício do magistério ao longo de anos. No caso Rocha Pombo, este iniciou a carreira como professor de primeiras letras, e gradualmente, foi ampliando o campo de atuação profissional, tendo inclusive atuado durante trinta anos, como professor de história na Escola Normal do Distrito Federal, por exemplo. [...] o professor fora um autodidata até 1912, ano no qual obteve diploma de Bacharel em Ciências Jurídicas, aos 55 anos de idade. Durante boa parte da vida, dispunha de experiência e conhecimentos adquiridos com a vida e seus esforços próprios, além de ter frequentado os círculos intelectuais de seu tempo. (SILVA, 2015, p.55).

O estudo permaneceu, portanto, como o elemento constante na sua trajetória. Em suas conclusões no livro *Supremacia do Ideal*, Rocha Pombo finalizou caracterizando três diretrizes que considerou como as bases para que fosse adquirida a tão sonhada *felicidade dos homens*. O que pode ser entendido como a crença na evolução por meio da educação. Descreve ele, assim, buscando uma conclusão e enfatizando seus ideais:

A felicidade dos homens é o ideal da civilização de que somos portadores. Esse ideal há de realizar-se quando cada homem tiver diante de si este moto brilhante: **Trabalho! Belleza! Luz!** O que cumpre à geração actual? Entregar com glória às futuras gerações o que recebemos com orgulho de nossos pais. (ROCHA POMBO, 1883, p.326, grifo do autor)

Para ele, o *trabalho* – edificante, regenerador e exemplar – característico da busca de ascensão econômica e moral a um indivíduo de classe média do final do século XIX, do qual fazia parte (BEGA, 2013, p. 79). Relacionado também a ética protestante na qual o trabalho era visto como uma ação edificante e regeneradora (Ibidem, p.110; PILOTTO, 1991, p.21; TABORDA DE OLIVEIRA, 2014, p.45).

A *beleza*, compreendendo-a como a adoração, a contemplação de um tipo ideal ou de uma moral considerada adequada. Este elemento foi constantemente reiterado pelo intelectual tanto nas suas análises históricas, quanto o meio de disciplina moral. Ao analisar o passado, ou as próprias vicissitudes, o indivíduo deveria buscar o belo como um ideal.

E, por fim, a *luz*, referenciando diretamente a instrução individual, o autoconhecimento, o estudo. O esforço do autodidatismo não seria um impedimento para aquele que buscasse atingir a sua evolução.

Rocha Pombo via esses três fundamentos como determinantes para uma vida plena e coletiva. Uniu a estes princípios outros elementos determinantes como a *espiritualidade*, a *família* e a *solidariedade* aos indivíduos. A todos estes elementos

associados ele compreendia como o caminho direto para uma reforma íntima e, por consequência, a sua sonhada reforma coletiva.

Ao encerrar suas observações, manteve a caracterização do que considerava como uma obrigação enquanto intelectual, pois haveria de “entregar com glória às futuras gerações o que recebemos com orgulho de nossos pais” (ROCHA POMBO, 1883, p.326). Exaltando, desta forma, o amplo sentido missionário e de pertencimento ao seu tempo e, evocando o nacionalismo e comprometimento de reforma de seus leitores.

Na análise da educação como meio de transformação social, Rocha Pombo pôde conceber a História como o caminho mais direto de intervenção social aos seus leitores/alunos. Essa empreitada intervencionista demandou cerca de trinta anos de escrita direcionada a diversos públicos leitores. Os livros didáticos renderam inúmeras edições durante a vida e, até mesmo postumamente. O livro *Nossa Pátria* (1917), por exemplo, contou com 88 reedições, sendo a última publicada na década de 1970, 37 anos após o seu falecimento (LUCCHESI, 2004, p.131). Entre 1900 a 1929, Rocha Pombo escreveu nove compêndios de História voltados aos níveis secundários e o superior, além de versões ilustradas e adaptadas para crianças. Silva (2012) afirma que a importância da análise sobre o grande número de edições do *Nossa Pátria* possui duplo significado, pela singularidade de um livro ter tantas reedições, perpassando várias gerações, mas sem perder a sua extensa aceitação, além do interesse da editora Melhoramentos em reeditá-lo diante desse fato (SILVA, 2012, p.72).

No prefácio do livro *Nossa Pátria* (1917), Rocha Pombo anunciou a sua intencionalidade de escrita e de como os seus objetivos estavam direcionados ao público da sua obra. A História Pátria passava a não ser somente uma disciplina escolar voltada às crianças, mas estava focada em todos que buscavam a noção de civilidade, cidadania e patriotismo.

Este livrinho é feito para a intelligencia das creanças e dos homens simples do povo. Nestes dias, que alvorecem tão novos, em que se procura crear o culto da pátria, penso que o primeiro trabalho para isso é fazer a pátria conhecida daqueles que a devem amar. Não se ama uma terra sinão quando alguma coisa sagrada a ella nos prende – algum sacrificio, ou alguma tradição gloriosa. São essas coisas que firmam a nossa existencia moral. Sentir o que fizeram de grande os nossos antepassados equivale a tomar o compromisso de os continuar na historia. Os nossos annaes, comquanto sejamos novos no mundo, registam lances de que nos podemos orgulhar. Fixa-los, em suas linhas geraes, na alma das gerações, é, pois, o processo mais pratico e

seguro de nella crear e nutrir o sentimento da pátria. É o que procuro aqui fazer com todo carinho. Outros poderão fazer coisa melhor, com mais talento; mas eu escrevi este livrinho com todo o meu coração. (ROCHA POMBO, 1917, p.3)

Fica evidente, pelo discurso utilizado pelo autor, que o objetivo estava em descrever uma história voltada ao culto à pátria, na qual, a sua concepção de História compreendida por este critério fundamentava-se na exaltação de tradições, como exemplo para a valorização do tempo presente e da constituição da sociedade. Mas, “(...) essas coisas que firmam a nossa existência moral” (Id.) devem ser problematizadas quanto aos argumentos sobre a narrativa histórica compreendida pelo autor.

A escrita de suas obras esteve relacionada a outros fatores determinantes, que possivelmente, constituíram essa noção. Desde a sua trajetória em solo paranaense, de um intelectual polígrafo que, apesar de estar a par das discussões sobre educação do período, precisou se adaptar a novas dinâmicas na capital do país em 1897. Seu vínculo com a imprensa carioca não somente como meio de sustendo, mas de divulgação de suas propostas educacionais e crônicas de cunho histórico. A associação ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1900. De todos esses fatores, destaca-se que esta última como um elemento definidor da sua compreensão e escrita histórica.

A história seria o meio para forjar a nacionalidade, projeto no qual o IHGB se dedicou desde os anos iniciais, numa preocupação de trabalhar com o instrumentário da história e da geografia. Com este propósito, a Revista do IHGB, penetrada na concepção exemplar da história, abre uma rubrica em seu interior dedicado as biografias, capazes de fornecerem exemplos as gerações vindouras, contribuindo desta forma também para a construção da galeria dos heróis nacionais. A concepção de história partilhada pela instituição guarda um nítido sentido teleológico, conferindo ao historiador, através de seu ofício, um papel central na condução dos rumos deste fim último da história. (SILVA, 2012, p. 114).

Tornou-se sócio do IHGB apresentando como propostas de admissão os livros publicados no mesmo ano de 1900, *História da América* e *Paraná no Centenário* (CORRÊA, 2006, p.85). As duas obras foram resultado de iniciativas tomadas pelo intelectual como meio de projeção no mercado editorial didático. O livro *Paraná no Centenário* (1900) foi realizado sob encomenda do Instituto Histórico Geográfico do Paraná em virtude das comemorações do quarto centenário do Brasil. O compêndio de História da América foi uma publicação resultante da sua participação em um

concurso realizado pelo Conselho Superior da Instrução Pública do Distrito Federal, em 1897 (TABORDA DE OLIVEIRA, 2011, p.277).

Ao analisar esta premiação, Lucchesi (2008, p.16) considera que Rocha Pombo teria sido o único a se inscrever no concurso, e, por isso foi o vencedor. Para a pesquisadora, o intelectual buscou a inscrição neste concurso mais por necessidades financeiras devido à adaptação no Rio de Janeiro.

De acordo com Taborda de Oliveira (2011), mesmo sem analisar as motivações da escrita da obra, ela se tornou um marco na escrita de compêndios de História americana pois “se diferencia da tradição do pensamento social brasileiro, pelo menos até os anos 30 do século passado” (Ibidem, p.279). Esta análise se deve pela forma como Rocha Pombo buscou uma escrita na qual

diferencia-se na medida em que, pelo menos nessa sua obra histórica inaugural, parte de um entendimento no qual o conhecimento do passado de submissão e opressão dos povos latino-americanos representaria a possibilidade de afirmação de outra forma de nacionalidade autônoma, baseada na resistência aos padrões civilizatórios estrangeiros, note-se, europeus, e no entendimento entre os povos. (Idem).

Observando alguns estudos na área de historiografia da educação e ensino de história, sabe-se que alguns pesquisadores já debruçaram esforços para analisar especificamente as concepções de História idealizadas por Rocha Pombo. Destaca-se a tese de Alexandra Silva (2012), *Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual* e as dissertações de Ivan dos Santos (2009), sob o título *A historiografia amadora de Rocha Pombo: embates e tensões na produção historiográfica brasileira da Primeira República*; e a de Renato Oliveira (2015) *O Brasil imaginado em José Francisco da Rocha Pombo*.

Segundo Alexandra Silva (2012), a iniciativa de Rocha Pombo de se dedicar à escrita de obras didáticas estava diretamente relacionada à legitimação e notoriedade do seu trabalho enquanto autor de livros de cunho histórico. Na sua chegada ao Rio de Janeiro, trazia consigo, além da experiência do magistério, o saber da escrita e os caminhos para a publicação de obras. Após seu ingresso como professor concursado do Colégio Pedro II em 1906, a experiência da escrita de compêndios passou a ser o meio de reconhecimento almejado pelo intelectual.

A atraente análise da pesquisadora sobre os caminhos e pousos do intelectual possibilitaram observações sobre os impactos da experiência adquirida por Rocha

Pombo que resultou na obra *Notas de viagem* (1918). Silva considera, entre outros fatores, que a experiência da viagem realizada pelos estados do norte do país foi um diferencial na trajetória do historiador.

Além da pesquisa de campo que norteou a sua concepção de história, Rocha Pombo pôde enfim analisar a projeção de seus livros em diversos colégios e cursos pelo Brasil. O que teria refletido na concepção de história e revisão de suas obras posteriores. Para a pesquisadora, a

travessia aos estados do norte do Brasil foi decisiva para a conquista da legitimação de Rocha Pombo enquanto autor de livros de História. Se para muitos, viajar para o exterior possibilitava o acesso às fontes e a arquivos tidos como essenciais para a escrita da História do Brasil, o deslocamento do intelectual morretense o projetou nos onze estados visitados, estabelecendo contatos fundamentais para sua escrita de viagem, com os convites para escrever as *Notas de viagem. Norte do Brasil*, bem como, a *História do estado do Rio Grande do Norte*, o que só foi possível graças aos materiais coletados nos cinco meses de andanças pelo Brasil. (SILVA, 2012, p.226).

O estudo de Ivan Norberto dos Santos (2009) trata da escrita didática do intelectual. Para Santos, a pressão do mercado editorial foi significativa para a escrita de Rocha Pombo, como elemento decisivo que visava atender a demanda solicitada. Apesar disso, a busca por transmitir um ideal formativo estava alicerçada ao conceito civilizatório de História, referenciada pelo intelectual em diversos momentos de sua obra.

Observa-se nos textos de Rocha Pombo uma idéia de evolução ou progresso, ligada à categoria de civilização, noções comuns a maioria dos intelectuais brasileiros do seu tempo. Contudo, na sua concepção, o futuro não se realizaria sem a atuação ou a interferência dos homens. As nações poderiam, inclusive, passar por um processo de declínio no seu desenvolvimento ao longo do tempo, degenerando em vez de progredir no processo evolutivo, caso não realizassem de forma adequada as ações necessárias para o correto desenvolvimento dos seus desígnios. (SANTOS, 2009, p. 77).

Para compreender esta lógica apresentada por Rocha Pombo, há de se relacionar o fato de que as civilizações observadas por ele – países europeus, Estados Unidos e Rússia – obtiveram um histórico de desenvolvimentos fundamentados no favorecimento da instrução mínima para as suas populações. Assim, presumia ele que, para o desenvolvimento brasileiro, era desejoso seguir o exemplo desses caminhos traçados pelas *grandes civilizações*. A trajetória histórica dos países, a

moral dos povos, as experiências do desenvolvimento econômico serviriam de potencial exemplo para nações novas como o Brasil.

Rocha Pombo destinou seus esforços também para a análise e se debruçou em soluções viáveis para a questão da educação. Fortificava suas considerações nos princípios evolucionistas, na moralidade, espiritualidade e civilidade do indivíduo, tanto nas crônicas históricas quanto no seu material didático.

Renato de Oliveira (2015) analisou a concepção de História do intelectual. Para Oliveira, a escrita histórica de Rocha Pombo esteve voltada para a árdua tarefa de imaginação de uma nação que se constituía nos princípios do período republicano. Assim, observando a trajetória e as influências que o intelectual passou durante um intenso período de vários conflitos sentidos direta ou indiretamente, foi possível considerar que a sua forma de escrita historiográfica atendia os anseios de consolidação da História do Brasil para o período. As amargas experiências da Revolução Federalista, o acompanhamento de inúmeros conflitos nacionais e internacionais dos quais foi cronista e a consolidação do estado republicano no Brasil foram episódios significativos para a uma escrita carregada pela exaltação de períodos de harmonia entre os povos.

De acordo com Oliveira (2015), Rocha Pombo agregou a sua escrita as perspectivas de Karl Philipp Von Martius (1794-1868), o naturalista alemão defensor de “(...) uma tese que reforçasse a ideia da união das três raças, ressaltando o elemento branco, sugerindo um progressivo branqueamento como um caminho seguro para a civilização” (OLIVEIRA, 2015, p.31). Nesta característica, na qual Rocha Pombo nunca se desprende, a História se configurou como uma ferramenta e campo de observação para as próximas gerações.

A nação imaginada por Rocha Pombo será pautada em um projeto oficial que visava dar unidade à mesma, suprimindo vários momentos de conflitos que vivenciaram os grupos que dela fizeram parte. Baseado na tese de Von Martius da fusão da convivência harmoniosa entre as três raças, Rocha Pombo tenta construir o legítimo representante da nação brasileira, que seria marcado pela mistura de todos esses grupos, com o que de melhor cada um tinha para oferecer, constituindo-se assim, o processo de formação do povo brasileiro em um modo único na história de todo o mundo, conferindo à nação essa grandiosidade que Rocha Pombo enxergava em nosso país. (Ibidem, p.136)

Observou-se mais diretamente que as concepções de história do intelectual, bem como suas crônicas de análise social, iriam variar de acordo com o material de

escrita solicitado pelos seus editores. Evidentemente que preservando a sua autonomia de escrita, Rocha Pombo buscou demonstrar o seu entendimento sobre as situações que lhe surgiam. Apesar de não ter se destacado como uma referência dentro da historiografia nacional, a sua obra didática permaneceu em inúmeras reedições ao longo das décadas do século passado devido à expressividade nacionalista e civilizatória que atendia aos projetos editoriais de seu tempo. Compreendendo a isso, a lógica dos manuais didáticos que até hoje, para o atendimento das matrizes ou programas curriculares advindos dos órgãos e diretrizes governamentais, buscam suas adequações. Suas concepções sobre a ciência histórica variavam, desta maneira cabem também análises ampliadas em suportes diferenciados como o comparativo destas concepções.

3.1 Concepções de História

A partir das suas crônicas jornalísticas de cunho histórico e dos objetivos e expectativas da sua principal obra historiográfica a *História do Brasil ilustrada* de 1905, foi possível visualizar suas ideias, bem como algumas contradições sobre a expressão historiográfica que Rocha Pombo se dispôs a fazer. Sua trajetória de vida, como já analisada, o fez usar vários suportes como meio de divulgação de seus ideais. Essa variação quanto ao meio de expressão ao longo de sua carreira não alterou significativamente seus princípios norteadores sobre o que considerava útil para a educação e a análise histórica. Desta maneira, a partir da análise de suas colunas jornalísticas e no prefácio da sua maior obra analisa-se como essas concepções foram exploradas pelo intelectual.

A edição 595 a capa do *Correio da Manhã* de 1903 trazia mais uma crônica de cunho histórico de Rocha Pombo. Intitulada *Simon Bolívar*, logo na primeira linha iniciou a sua análise com o seguinte questionamento: “Por que não tratamos a história como tratamos a biographia dos heroes?” (CORREIO DA MANHÃ, 27/01/1903, p.1).

Ao refletir sobre as características da sua concepção de História, Rocha Pombo passou a transmitir brevemente como a compreendida. Enquanto modelo, se dispôs a analisá-la por meio do que considerava como uma correta percepção sobre o passado: a contemplação dos bons exemplos. Porém, ao dar o tratamento de idolatria à História, não partia apenas da adoração, mas expôs que para este olhar seria

necessário o direcionamento da postura dos indivíduos no processo de observação do passado. O que exigiria daqueles que se dedicassem ao estudo uma percepção impregnada de moral e civilidade esperada ao indivíduo, pois somente desta forma, haveria de se perceber os bons exemplos históricos. Portanto, para Rocha Pombo não bastava a idolatria, era necessário o discernimento sobre o passado.

E si quizessemos agora partir o primeiro motivo de ordem psychologica, e mesmo de ordem social, de que nos decorre a interrogativa, teriamos de começar por estabelecer a utilidade da própria historia. [...] Os povos, no entanto, continuaram e continuam a errar desassombradamente, a cair em novos erros e até a repetir erros antigos. E quantas vezes mesmo cuidam justificar os de hoje com erros de hontem. A experiência, portanto, é feita de bons exemplos e de exemplos máus, de belas acções e de crimes, de virtudes e vícios: e é entre os contrastes que o homem faz a escolha. (Id.)

Assim, como os seus primeiros escritos sobre educação em *Supremacia do Ideal* (1883), o intelectual buscou exaltar a postura ativa do que, segundo ele, esperava-se dos indivíduos que se dispunham a estudar História. A instrução, a moral e a civilidade estavam atreladas diretamente com a sua concepção histórica, e assim, demonstrava suas expectativas de reforma social idealizada. Na época dessas definições, Rocha Pombo considerava a História enquanto uma área de pesquisa a ser reverenciada pelos intelectuais. E esses, como os mais habilitados a transmitir os saberes com senso crítico ao passado.

O conhecimento sobre a história do homem no tempo possibilitaria a idealizada reforma social da qual o intelectual sonhava. A partir do indivíduo instruído e que, consciente da trajetória das civilizações, possibilitaria uma mudança coletivamente construída. Isto era uma questão de escolha, uma opção que só seria possível quando houvesse a análise das experiências e dos contrastes advindos dessa observação comparativa.

Compreendendo que a crônica não teria como público direto os seus alunos, a linguagem jornalística se fez mais sintética e objetiva. Enfatizando novamente a reflexão, Rocha Pombo definiu a sua concepção de História. Para isso, alertava ele que, entre outras definições, deveria ser observada por aqueles que desejavam estudá-la. Segundo ele, a História deveria ser considerada como

mestra, sim... mas é preciso que lhe entendamos as lições. É n'algum outro sentido certamente que a historia se faz mestra fecunda e generosa. **E seja como fôr nós é que havemos de dar esta grande função – de induzir, de commover, de educar, pelos exemplos, pelos belos lances, por tudo, em summa, que ella tem de augusto e admiravel. Ha nella uma parte que**

bem podemos cancelar, pelo menos fizemos da historia o farto cibo de que se tem de nutrir o sentimento dos povos.(Id., grifos meus)

Deste modo, a escrita da História, de acordo com o pensamento do intelectual, estaria induzida, sem nenhum pesar, por meio da escolha e seleção de fatos históricos exclusivos que viessem a destacar somente os gloriosos eventos em preferência aos demais. Compreendida a História enquanto uma habilidade de escrita que visava preservar somente o que era moralmente aceitável à época ou ao próprio historiador. Mas ainda sem definir certamente no que consistia a natureza da História, Rocha Pombo divagou sobre as possibilidades e áreas nas quais poderia ser classificada.

Demais, uma sciencia é o que ella não é, nem é provável talvez que venha a ser jamais. Se a propria psychologia não se póde arrogar taes foros, nem há esperança de que um dia alcance a tanto (pelo menos um dia que nos seja dado prever) – como é que havemos de systematizar os fenômenos sociológicos, quer dizer – de psychologia collectiva, e de tal modo e tão nitidamente que cheguemos a fixar leis e a prever factos? Mas, si a historia não é, nem virá a ser uma sciencia – porque não havemos de fazer della uma arte? Pois não é certo que escolhemos na natureza? E porque não havemos de escolher tambem na historia? (Id., grifo meu)

A história foi definida pelo intelectual, a princípio, enquanto arte. Está compreendida enquanto habilidade, tanto na seleção quanto no registro (narrativa) dos fatos da história da humanidade. Novamente o livre-arbítrio, a beleza e a moral sendo exaltados como aval para a pesquisa e a instrução pela história.

Para Rocha Pombo, portanto, a escrita da História estava mais relacionada com a capacidade de escolha sobre os fatos a serem narrados, ou seja, a autonomia da narrativa histórica estaria a encargo do historiador. A História ainda não se caracterizava enquanto ciência por não ser possível definir ou mensurar seus postulados para uma análise que derivassem respostas objetivas. Como se tratava de um objeto cujas variantes principais eram o tempo e a natureza humana, sua imprecisão de análises fidedignas encontrava-se na dificuldade para o estabelecer padrões de pesquisa. Ou seja, ao se consistir de uma base fundamentada em vivências de sujeitos e civilizações, isso acarretava em indefinições na sistematização destes fenômenos, considerados por ele, imprecisos. Rocha Pombo, portanto, não considerava a possibilidade da narrativa histórica que não estivesse voltada para a adoração e contemplação do passado como um espelho dos grandes feitos da humanidade.

Dentro desta visão contemplativa, observa-se que a concepção de História para o intelectual estava direcionada a uma seletividade também contemplativa. Nas contrariedades que isso possa aparentar, constituía-se na análise resignada sobre o passado possibilitando atrair, por meio da adoração ao passado, demais pessoas dispostas a cumprirem esse ideal em suas ações no tempo presente. Assim, segundo Rocha Pombo, os indivíduos ao estudarem sobre a biografia daqueles considerados bons exemplos, aprenderiam e seguiriam as suas diretrizes como norteadora para vida virtuosas.

De toda a desordem dos sucessos, do cahos das chronicas informes, por que não havemos de separar os grandes factos e as grandes vidas – as vidas e os factos que nos edifiquem, e relegando para o fundo das éras, para o olvido se é possível, tudo que traga a marca das anomalias moraes? Ora, as tristezas nos amofinam tanto e tanto nos desconsolam! Esquece-las, como fatalidades da nossa contingencia humana, é sempre tão grato, e apaga-las da consciência dos tempos é mais do que um direito do nosso espirito, porque é também um signal de que a resignação é o meio de que se vale o nosso bom senso para conciliar-se definitivamente com o destino. (Id.)

Ao finalizar estas análises na introdução de sua crônica sobre Simon Bolivar, o intelectual ainda enfatizou as suas expectativas para a análise social a partir da História. A constituição idílica sobre a trajetória das civilizações, na qual fundamentava a sua escrita, seria o meio para celebrar os grandes feitos e méritos, mas, de igual maneira, como forma de ensinamento às futuras gerações.

Que nos venha, pois, o dia em que a historia se faça do grandioso. Excellencias moraes, grandezas edificantes, sagrados heroismos – eis ahi tudo que ella consubstanciará e transfigurará nas suas grandes telas. Dir-nos-ao que fazemos assim uma historia muito convencional... Sim – convencional, mas não falsa. E convencional não é tambem a arte, por ventura? Um grande poema nunca celebrará de certo o obsceno ou o torpe. Epopéa immensa do homem – como é que a historia (que deve ser a glorificação da belleza e da vida) ha de celebrar o banal ou o monstruoso? (Id.)

Se durante a crônica de cunho histórico Rocha Pombo apenas anunciou as suas considerações sobre sua concepção de História, foi no prefácio da sua *História do Brasil ilustrada*, de 1905, que ele pôde demonstrar de forma mais detalhada o seu pensamento. A obra foi publicada, em princípio, em fascículos entre os anos de 1905 a 1917 (SANTOS, 2009, p.152) e seus primeiros três volumes foram editados por Fonseca Saraiva e os restantes por Benjamim de Águila, ambas as editoras do Rio de Janeiro. (SILVA, 2012, p.23).

O prefácio de trinta páginas foi dividido em duas partes. Na primeira, com o título *Concepção moderna de História*, o autor descreve em oito subitens a sua percepção sobre as sutilezas diante da compreensão de uma possível cientificidade histórica para o período. Para ele, a ênfase estava em afirmar a falta de objetividade que o historiador possui ao tentar sistematizar a natureza humana. Apesar do título da primeira parte conter a referência à modernidade, ou ao peso que o seu uso carrega, trazer essa adjetivação não pode ser associada ao uso do conceito fora de seu contexto. De acordo com Ivan Norberto dos Santos (2009) o uso do termo é

Eco de uma discussão antiga, a *querela entre antigos e modernos*, a utilização do termo sugere a tentativa de apontar uma separação entre o seu trabalho e uma outra tradição, constituída pelo texto como a ser superada. O papel cumprido pelo conceito de —moderno nesse título indica, portanto, alguns rumos assumidos pelas discussões em torno da História na época de Rocha Pombo. Em todo caso, mobilização do termo —moderno por Rocha Pombo informa ao seu leitor que a sua *História* não se filiaria ao que se conceberia como um sentido —antigo desse gênero de produção. Este sentido antigo é indicado pelo autor como sendo o da simples crônica, o mero relato dos eventos, do qual o historiador paranaense acredita poder vir a se distanciar através do seu trabalho. (SANTOS, 2009, p.27).

Apesar de Rocha Pombo ter utilizado por muitos anos de suas crônicas jornalísticas de cunho histórico, foi somente na segunda parte do prefácio, intitulada *Como escrevemos a nossa história*, que o autor definiu o que considerava como uma escrita moderna, ou seja, atual para o seu contexto. Os dois princípios orientadores para o estudo das sociedades estavam na análise da associação entre o *homem* e a *terra* através do tempo.

Porém, o desenvolvimento da sua concepção de História foi fortemente influenciado pelas historiografias inglesa, francesa e alemã. A obra *História da civilização na Inglaterra* (1899-1900), do historiador inglês Henry Thomas Buckle (1821-1862), foi uma das principais referenciadas diversas vezes ao longo do prefácio. Obra essa que traduzida para o português e que visava, além da narrativa histórica, encontrar leis que definissem a ciência histórica por meio da aproximação entre os campos da História e da Sociologia com as Ciências Exatas (OLIVEIRA, 2015, p.58).

A influência de Buckler na escrita historiográfica de Rocha Pombo foi fundamental para a definição da sua concepção sobre a História. Ao associar as descrições territoriais aos dados estatísticos, o intelectual passou a conceber um estilo mais detalhado e, conseqüentemente, mais científico à sua escrita. De acordo com Oliveira (2015), esta influência teórica abarcava a característica principal do projeto

de construção e narrativa histórica ligada ao IHGB, na qual Rocha Pombo estava inserido.

Rocha Pombo se apóia na tese de Buckle de que os progressos do gênero humano dependem do sucesso das investigações no domínio das leis que regem os fenômenos da natureza e da proporção em que se vulgariza ou espalha o conhecimento dessas leis. Isso vai de encontro com a proposta do IHGB, que era uma instituição marcadamente iluminista, que tinha por objetivo provocar um intenso debate entre as elites para que essas, esclarecidas, pudessem tomar para si a função de esclarecer os grupos menos favorecidos. (OLIVEIRA, 2015, p.61)

Se em 1903 Rocha Pombo não conseguiu concluir em sua crônica sobre a natureza e cientificidade da História, dois anos depois o intelectual já se dedicava ao debate mais detalhado sobre o tema. Tanto pela mudança do suporte quanto pelo objetivo a que se destinava a sua principal obra até o momento, tal discussão tornava-se imprescindível ao intelectual.

Apesar do seu compêndio constituir uma exaustiva tarefa de escrita de quatrocentos anos de história do Brasil, seu objetivo estava compreendido implicitamente além da narrativa histórica. Abrangia o detalhamento e o uso de dados estatísticos, interpretações sobre os eventos históricos e a construção de uma história nacional ligada às bases teóricas do IHGB. Esta metodologia possibilitava demonstrar a lógica da cientificidade histórica que Rocha Pombo queria imprimir à sua pesquisa. Uma narrativa que compreendia leis que regeriam as sociedades de forma evolutiva e positiva, relacionadas tacitamente aos conceitos de Herbert Spencer (1820-1903) e Auguste Comte (1798-1857). Assim, afirmou ele, que

(...) este trabalho não visa constituir uma historia da civilização no Brazil. Para tão alta e difficil tarefa me fallecem, tanto os conhecimentos especiaes que não pode deixar de ter o historiador (e isso principalmente) como o indispensavel material que tem de servir de base à construcção do que há de vir a ser propriamente a nossa historia. A minha tarefa é ainda a mesma tarefa secundaria dos que me precederam: é consubstanciar elementos para o historiador futuro e portanto fazer apenas um pouco mais que a simples chronica, porque há de ser uma condensação de chronicas e monographias, de tudo em summa que tem de ser o estofo historico da obra de amanhã. (ROCHA POMBO, 1905, p.XXI)

Para a elaboração deste compêndio, que provavelmente seria uma árdua tarefa, já havia uma expectativa de que a obra possivelmente ficaria inconclusa. Esta constatação, logo no prefácio, estava relacionada a dois fatores principais. O primeiro devido à falta de acesso aos arquivos e fontes, por não ter recursos financeiros para

viagens aos acervos mais longínquos, pois, “sem condições financeiras para pesquisas inéditas, utilizava-se de pesquisas de outros procurando expressar a sua interpretação do que deveria ser o homem brasileiro e noções como civilidade e brasilidade” (BEGA, 2003, p.488). E apesar de todo o esforço do intelectual, a obra necessitava de uma pesquisa aprofundada se quisesse se destacar quanto ao posicionamento científico e à narrativa histórica ligada ao IHGB.

O segundo ponto que denotava uma perspectiva nada cômoda para a execução de uma grande obra estava no próprio entendimento sobre a concepção de História pelo intelectual. Para ele, a História era ainda um campo em formação, passível de mudanças e de expectativas de amadurecimento ao longo dos anos. Assim, Rocha Pombo considerava que a própria definição do termo se encontrava como uma grande contradição.

Figura-se-nos ahi, em primeiro lugar, uma flagrante contradicção. Sim, porque, si é certo que já podemos ordenar os fenômenos que se manifestam nos agrupamentos humanos isolados; si já nos habilitamos a systematisar factos relativos à vida e ao desenvolvimento de uma nação; se já temos, em summa, uma sciencia social – não se compreende como desesperemos de fundar a historia, uma vez que isso não será mais do que uma generalização dessa sciencia social. Incontestavelmente – parece mesmo ocioso indica-lo – a historia há de resultar, ou as leis fundamentaes da historia hão de ser apanhadas de um estudo comparativo das leis que regem a sociedade. **Si estas leis já estão conhecidas, é facil de conceber, como entende Buckler, que a constituição da sciencia da historia só espera agora pelo talento de grandes philosophos, pelo esforço e capacidade de generalização de homens de gênio que tomem a si essa tarefa.** (ROCHA POMBO, 1905, p.VI, grifos meus)

A obra de cunho historiográfico, que mais exigiu esforços para a sua composição, possuía uma incerteza quanto a cientificidade do método de análise histórica. Apoiando em Buckler, considerando a defesa do historiador inglês sobre a aproximação com os demais campos das Ciências Humanas, como por exemplo a Sociologia, Rocha Pombo ainda apresentava a dificuldade de estabelecer quais seriam os critérios para esta narrativa histórica.

De acordo com Oliveira (2015, p.61), “o principal obstáculo para nosso autor, no que se refere a organização da ciência da história, é a aparente desordem e o caráter de fortuidade que faz tudo parecer eventual na vida dos povos.” O grande desafio, portanto, tanto para Rocha Pombo quanto para os historiadores, estaria na sistematização de leis ou parâmetros para a análise sobre a diversidade de povos e civilizações. O que constituiria no que ele irá classificar em leis históricas.

Outra observação que seria legítimo fazer aos que, admitindo a sciencia da sociedade, negam entretanto que seja possível a sciencia da historia, é que assim se desconhece, não só que das leis sociaes se podem deduzir logicamente leis históricas; mas ainda – e isto é mais estranho – que, jogando com a immensa copia de material, com a vasta documentação que já fizemos na ordem dos phenomenos collectivos, é hoje licito avançar que com tanta – e íamos dizendo até – com mais segurança e certeza do que aquellas com que formulamos algumas leis sociaes, estamos no caso de apprehender algumas leis historicas. (ROCHA POMBO, 1905, p.VI)

Para Rocha Pombo, o objetivo de se buscar a cientificidade histórica estava em possibilitar uma análise dos eventos históricos e preparar, ou até prever, as ações futuras das sociedades. Por isso, o historiador considera que somente ao analisar grandes períodos históricos, por meio de leis históricas (compreendendo-se em modelos), poderíamos compreender a cientificidade da área, tanto em virtude da similaridade de aspectos em comum dos povos ou civilizações estudadas como na observação das diferenças entre as culturas.

Além desse debate, no exercício de analisar a formação da História enquanto uma ciência ou não, Rocha Pombo acabou caracterizando, mesmo que de forma contraditória, a formação de um lugar para curso de História do Brasil no período. Pois ao dar a importância e o caráter científico para a área, carregava a expectativa de obter com a História um convite para o debate e os questionamentos nacionais pelos indivíduos instruídos nesta perspectiva científica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação propôs, como objetivo central, analisar o programa de reforma social presente no pensamento de Rocha Pombo. A partir da análise das fontes, observou-se que o argumento reformista defendido pelo intelectual em seus discursos estava relacionado e se manifestava conforme o meio de expressão, grupo ou campo no qual esteve envolvido. Rocha Pombo dispunha da habilidade de alteração do seu discurso, seja para inserção, movimentação e estabelecimento nos ambientes que frequentou. Essa movimentação de gêneros de escrita foi determinante para a compreensão dos seus discursos e ideais. Encontrar quais seriam esses princípios orientadores e se, de fato, havia alguma proposta definida de reforma nos meios jornalísticos e literários ou em manuais didáticos, tornou a pesquisa mais instigante.

Para compreender como os discursos utilizados por Rocha Pombo foram decisivos para a sustentação da sua argumentação, principalmente em relação às mudanças do indivíduo ou nas reformas sociais, parto da análise feita por Cícero (106–43 a.C) sobre o poder exercido por um orador quanto ao encorajamento das condutas humanas. Como referenciado no último capítulo, sobre a escrita historiográfica do intelectual, a argumentação utilizada por Rocha Pombo durante a sua trajetória intelectual esteve relacionada não somente à sua concepção de História, mas como uma fundamentação para a compreensão sobre a vida, baseada na máxima ciceroniana *magistra vitae*.

It is the part of the orator, when advising on affairs of supreme importance, to unfold his opinion as a man having authority: his duty too it is to arouse a listless nation, and to curb its unbridled impetuosity. [...] Who more passionately than the orator can encourage to virtuous conduct, or more zealously than he reclaim from vicious courses? Who can more austere-ly censure the wicked, or more gracefully praise men of worth? [...] And as History, which bears witness to the passing of the ages, sheds light upon reality, gives life to recollection and guidance to human existence, and brings tidings of ancient days, [...]. (CÍCERO, 2001, p.223)

Para Cícero, a eloquência dos discursos não só instruía, formava e ampara o ouvinte, poderia direcionar os ânimos para as boas condutas e virtudes, bem como em uma mudança de postura do governo da república romana. Um bom orador, portanto, era aquele que conseguia observar como a História, enquanto mestra da vida, poderia demonstrar os feitos do passado como exemplos produtivos. De igual

maneira, a trajetória dos maus exemplos também serviria como um método de observação da moral a ser extinta da conduta do homem.

O ideal reformista de Rocha Pombo consistia, portanto, em vários tipos de reformismos de acordo com a sua função e atividade intelectual desenvolvida em determinados períodos de sua vida. Para cada tipo de estilo de escrita e período de vida, o intelectual buscava demonstrar o que compreendia como uma reforma pessoal ou social. Adequou-se aos meios dos quais dispunha de maior representatividade e pôde assim dialogar em diversos grupos e campos culturais. Considerava os princípios ciceronianos como uma forma, vista enquanto habilidade, de transmissão da moral educativa em seus discursos e textos. Os princípios moralistas e cívicos que defendia estiveram mais presentes em suas obras relativas à educação.

Fundamentava-se basicamente na História, seja através da análise sobre a história de um indivíduo, como os inúmeros *vultos* históricos heroicizados por ele ou na análise sobre as causas de uma problemática social ou de um contexto. Como por exemplo em projetos no Congresso Legislativo em defesa do professorado no exercício da profissão. Seu ideal de mudança fez uso da História como um elemento prático de análise sobre a capacidade humana em períodos específicos da humanidade. Para ele, os exemplos a serem seguidos deveriam ser sempre exaltados.

Rocha Pombo defendia não somente as suas causas, mas com o passar dos anos, criou uma memória sobre si ao portar-se como um austero intelectual resignado à disciplina de propor e demonstrar a viabilidade prática de seus argumentos. Dos cerca de quarenta anos analisados por meio de fontes sobre a produção do intelectual, observou-se que ao se fundamentar na História, relacionou-a constantemente com a educação moral e cívica dos indivíduos.

Enquanto jornalista, ao criticar a ordem social por meio dos inúmeros artigos e crônicas sobre os fatos e momentos de sua conjuntura e até mesmo as de cunho histórico, apresentou mudanças que, na sua essência, estavam relacionadas com a reforma íntima dos indivíduos. As propostas que pôde lançar na sua breve carreira política foram exemplos de que a mudança deveria iniciar-se a partir dos indivíduos, porém, caso isso não fosse viável, o meio deveria favorecer possibilidades desta mudança.

Ao governo, portanto, caberia a tarefa de suprir as necessidades da demanda de seus cidadãos, para que assim, repletos de recursos, os indivíduos pudessem

desenvolver suas potencialidades. A ênfase de suas propostas, por exemplo, esteve diretamente relacionada à educação. A instrução pública, mais precisamente a prática do professorado. Ao expor a necessidade da sua municipalização, buscava a qualidade do exercício profissional ao propor garantias como o ordenado fixo, a fixação do número de alunos e a aposentadoria. Assim, esperava-se que o professor, capacitado de recursos físicos e garantias para o trabalho docente, poderia favorecer uma real mudança no ensino.

A experiência política trouxe para ele uma noção sobre a realidade dos jogos políticos e do conflito de interesses dos grupos dominantes de seu período. Apresentou propostas polêmicas ao seu tempo, como a cobrança de impostos sobre as grandes fortunas e a proposta da primeira universidade no Paraná.

Seguindo um estilo *romântico*, definia-se como um pessimista ponderado, desiludido com o jogo político local, nacional e buscou a literatura como um outro caminho para expor seu pensamento. Na literatura, utilizou-se de sonetos, poemas, crônicas e romances como meios de expressão. Em seus poemas, associou as considerações acerca do uso da História como modelo e prática de análise sobre as ações humanas. Na escola literária Simbolista, porém, não se eximia de utilizar um gênero textual do período clássico, como por exemplo os sonetos. Não buscou somente o enquadramento no estilo estético do movimento, mas transmitiu em seu texto a insatisfação com o período através das sutilezas da literatura. Destacou-se ao perceber que mesmo pertencente a uma escola literária, pôde transmitir seu próprio estilo para demonstrar o seu ideal reformista.

Na obra *No hospício*, exaltou as características necessárias para a reflexão sobre a sociedade e de como, a partir da situação de um internamento, os indivíduos poderiam guardar impressões lúcidas sobre um mundo do qual foram excluídos. A partir disso, proporião projetos e utopias de um mundo mais igualitário.

Mostrou-se contraditório ao permanecer, na maioria das suas obras, com o tom otimista e esperançoso por um futuro promissor ligado à evolução das pessoas e das sociedades. Na sua escrita literária, ao defender os seus argumentos por meio da fala de suas personagens, as escolas literárias e filosóficas nas quais buscava referência poderiam estar associadas de acordo com as conveniências dos grupos dos quais esteve inserido. Ao se associar, por exemplo, ao Simbolismo brasileiro, não via como uma contradição a sua entrada para a lógica de escrita historiográfica relacionada ao Positivismo ou ao Darwinismo social.

O esforço dispendido na caracterização de suas propostas por meio do jornalismo, na carreira política e na experiência literária tiveram na escrita de obras didáticas a sua concretização máxima sobre seus ideais.

A educação sempre esteve presente na vida de Rocha Pombo. Foi por meio do estudo a sua primeira forma de adquirir a ascensão social. Junto a sua habilidade para administrar os capitais políticos e culturais adquiridos, soube dialogar e circular em diversos ambientes pertencentes as elites intelectuais da época. Se projetou e conquistou seu auge enquanto escritor e jornalista na capital federal. Revelou-se como um indivíduo dedicado às suas pesquisas e arquivos. Soube se relacionar em círculos culturais que foram de grande valia para ele na aquisição de capital cultural, político e social no período. Dessas amizades soube utilizar-se delas como salvaguarda nos períodos de crise financeira ou exílio social devido a fatores como A Revolução Federalista ou a sua imaturidade no jogo político.

A partir da elaboração de compêndios escolares que a sua manifestação reformista foi mais determinante. O culto aos chamados *vultos históricos* e *heróis do passado* possibilitaram projeção no âmbito do ensino da História, entendida enquanto mestra da vida e meio para uma mudança social. Como forma de externar os seus princípios reformistas, as inúmeras edições de seus compêndios e a sua ligação com o projeto de constituição de uma história nacional vinculado ao IHGB, possibilitaram a ele o capital político necessário para a inserção e permanência em diversos grupos com os quais esteve envolvido. Assim, utilizando-se da História, promoveu um programa de educação moralizante e reformadora.

Ligado a esta educação moralmente constituída estavam as suas tentativas de exposição da História. Compreendendo-a como um campo do conhecimento ainda em formação, Rocha Pombo definiu a História enquanto uma arte, mestra da vida, responsável por promover mudanças nos indivíduos.

A pesquisa buscou analisar um extenso número de fontes, na tentativa de observar as principais considerações do intelectual. Mas, como toda obra científica, seus resultados ainda são passíveis de questionamentos. Buscou-se destacar as características do pensamento educacional de Rocha Pombo, compreendendo suas singularidades ao ponderar sobre a instrução pública, estabelecer-se na literatura e constituir uma narrativa histórica didática. Todas essas fontes de estudo ainda possibilitam outros aprofundamentos de estudo.

FONTES

CARDIM, Elmano. **Rocha Pombo: o escritor e o historiador**. S.l.: s.n., 1958.

CARNEIRO, David. **História do período provincial do Paraná; galeria de presidentes, 1853-1889**. Curitiba: Tipografia Max Roesner, 1960.

CÍCERO, Marco Túlio. **De Oratore**. Books I-II, v.1, with an English translation by E.W. Sutton, (edição bilíngue). Cambridge,MA/ London: Harvard University Press, 2001.

CONGRESSO LEGISLATIVO DO PARANÁ. **Ata da 23ª sessão ordinária em 16 de novembro de 1886**. Annais do Congresso Legislativo do Paraná (1886) p.81.

CONGRESSO LEGISLATIVO DO PARANÁ. **Ata da 29ª sessão ordinária em 15 de dezembro de 1886**. Annais do Congresso Legislativo do Paraná (1886-87) p.20 e 21.

CONGRESSO LEGISLATIVO DO PARANÁ. **Ata da 23ª sessão ordinária em 3 de novembro de 1892**. Annais do Congresso Legislativo do Paraná (1892-94) p.82.

Dicionário Histórico-Biográfico do Estado do Paraná. Curitiba: Livraria Editora do Chain/Banco do Estado do Paraná S.A., 1991.

JORNAL A REPÚBLICA, Curitiba, de 15 de janeiro de 1888, n.3.

JORNAL ECHO DOS CAMPOS. Castro, de 17 mar. de 1883, n.1.

JORNAL GAZETA PARANAENSE. Curitiba, de 13 maio de 1882, n.195.

JORNAL GAZETA PARANAENSE. Curitiba, de 17 maio de 1882, n.196.

JORNAL GAZETA PARANAENSE. Curitiba, de 28 jun. de 1882, n.205.

JORNAL GAZETA PARANAENSE. Curitiba, de 19 jan. de 1884, n.287.

JORNAL GAZETA PARANAENSE. Curitiba, de 01 fev. de 1884, n.289.

JORNAL GAZETA PARANAENSE. Curitiba, de 01 jan. de 1887, n.1.

JORNAL DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba, de 11 fev. de 1886, n.33.

JORNAL DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba, de 02 mar. de 1886, n.49.

JORNAL O POVO. Morretes, de 19 fev. de 1880, n.6.

KARAM, Paulo Roberto. **Jose Francisco da Rocha Pombo:** biografia e antologia. S.l.: s.n., 1991.

LAVELEYE, Émile. **L'instruction du peuple.** Paris: Librairie Hachette et Cie, 1872.

_____. **Do progresso dos povos anglo-saxões.** Lisboa: Janela Francesa, 2010 (1863).

LEIS DO PARANÁ, n.13 de 10 dez. de 1892.

MACHADO, Brasil Pinheiro. Rocha Pombo (1979). In: ROCHA POMBO, J.F. **O Paraná no Centenário (1500-1900).** 2ª ed. Rio de Janeiro: Curitiba: Secretaria da Cultura e do esporte do Estado do Paraná, 1980.

MURICY, Andrade. **Panorama do movimento simbolista brasileiro.** 2ª ed. Brasília: Conselho Federal de Cultura do Instituto Nacional do Livro, 1973.

PILOTTO, Erasmo. Mais acima da História. _____. **Obras.** Curitiba: Imprimax, 1976 v.2.p.197-198.

PILOTTO, Osvaldo. **Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954).** Curitiba: A. M. Cavalcanti, 1976. (Coleção Estante Paranista)

PILOTO, Valfrido. **Rocha Pombo.** Curitiba: Gráfica Mundial Ltda, 1953.

PILOTTO, Valfrido. **Morretes e Rocha Pombo.** Morretes: S. Cavagnolli & Cia Ltda, 1991.

REVISTA DO CLUB CORITIBANO. Curitiba: Club Coritibano, anos 1890 – 1896.

REVISTA O CENÁCULO. Curitiba: Companhia Impressora Paranaense, anos 1895-1897.

RIBEIRO, João. “Crítica: Historiadores”. **Obras de João Ribeiro.** vol. VI. Rio de Janeiro: Publicações da ABL, 1961.

ROCHA, José Francisco da. Duas palavras sobre a Instrução Pública. **A Escola.** Rio de Janeiro, 1877, p. 163.

ROCHA POMBO. In: **Dicionário histórico-biográfico do Paraná.** Curitiba: Chain: Banco do Estado do Paraná, 1991. p. 376-380.

ROCHA POMBO, José Francisco da. **A supremacia do ideal:** estudos sobre educação. Castro: Typographia do Echo dos Campos, 1883.

_____. História. In: **Galeria Ilustrada,** Curitiba, 20/02/1889, nº8, p.59-61.

_____. **História da América.** 1ª. ed. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1900.

_____. **História do Brasil.** (10 volumes). Rio de Janeiro: J. Fonseca Saraiva Ed., [1905-1917] 1919.

_____. **Nossa Pátria:** Narração dos factos da História do Brasil através de sua evolução com muitas gravuras explicativas. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo, 60ª ed., [1917] s.d.

_____. **Nossa Pátria:** narração dos fatos do Brasil através da sua evolução. 81ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1947.

_____. **No hospício.** Edição e apresentação de Afrânio Coutinho. 2ªed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, [1905] 1970.

_____. **No hospício.** Edição e apresentação de Cassiana Lacerda Carollo. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, [1905] 1996.

_____. **O Paraná no Centenário (1500-1900)**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Curitiba: Secretaria da Cultura e do esporte do Estado do Paraná, 1980.

_____. **Petrucello**: 1891. Curitiba: Impressora Gráfica Paranaense, 1892.

_____. **Visões**. Curitiba: Typographia da Companhia Impressora Paranaense, 1891.

VÍTOR, Nestor. **Obra crítica de Nestor Vítor**. vol. 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969.

_____. **Obra crítica de Nestor Vítor**. vol. 2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

_____. **Obra crítica de Nestor Vítor**. vol. 3. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. **Crítica e contestação**: o movimento reformista da geração 1870. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2000, vol.15, n.44, pp.35-55.

_____. **Ideias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. **A ilustração brasileira e a ideia da universidade**. São Paulo: Convívio: Ed. da USP, 1986.

BEGA, Maria Tarcisa. **Letras e Política no Paraná**: simbolistas e anticlericais na República Velha. Curitiba, Ed. UFPR, 2013.

_____. No centro e na periferia: a obra histórica de Rocha Pombo. In: LOPES, Marcos A. (org.). **Grandes Nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003. p.481-493.

BENDA, J. A traição dos clérigos. In: BASTOS, E.R.; REGO, W.D.L. (org.). **Intelectuais e Política: a moralidade do compromisso**. São Paulo: Olho d'Água: 1999. p. 65-121.

BITTENCOURT, Circe. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 475-491, set./dez. 2004.

_____. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BORGES, Vavy P. Fontes biográficas. In: PINSKY, Carla (org.). **Fontes Históricas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.203- 234.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 33º ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191.

_____. O capital social – notas provisórias. Tradução Magali de Castro. In NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

CALLIPO, Daniela. As invenções de Lélío: o pastiche nas "balas de estalo", de Machado de Assis. **Machado de Assis em linha**, Rio de Janeiro, n. 3, p.16-26, jun. 2009.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CAMPOS, Nívio de. **Intelectuais paranaenses e as concepções de Universidade: 1892-1950**. Curitiba: Ed. UFPR, 2008.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria L. **O Bravo Matutino**. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980.

CARVALHO, A. I. de. **Nestor de Vitor: um intelectual e as ideias do seu tempo**. (1890-1930). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

CAROLLO, Cassiana L. No hospício: entre a estufa e a utopia social. In: ROCHA POMBO, José F. **No hospício**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996. 280 p. (Coleção Farol do Saber)

CASTRO, Manuel Antônio de. Natureza do fenômeno literário. In: ROGEL, Samuel (org.). **Manual de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 1984. p.30-63.

CATANI, Afrânio M. As possibilidades analíticas da noção de campo social. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.32, n. 114, p.189-202, jan./mar.2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CORRÊA, A. S. **Imprensa e Política no Paraná: prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

DENIPOTI, C. **A Sedução da Leitura: livros, leitores e história cultural (1880-1930)**. Tese de Doutorado em História. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1998.

FONSECA, Thais Nivia Lima e. História da Educação e História Cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive & FONSECA, Thais Nivia de Lima e. (orgs.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.49- 75.

GASPARELLO, A. M. A pedagogia da nação nos livros didáticos de História do Brasil do Colégio Pedro II (1838-1920). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: História e Memória da Educação Brasileira, 2., 2002, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2002, p. 1-10. CD-ROM.

LEANDRO, José Augusto. **Palco e tela na modernização de castro**. Dissertação de Mestrado em História. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1995.

LUCCHESI, Fernanda. **A história como ideal: reflexões sobre a obra de José Francisco da Rocha Pombo**. (Dissertação de Mestrado) – Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. Criando a nação: os livros didáticos de História de Rocha Pombo (1857-1933). **Revista Educação On-line**, Rio de Janeiro, n.3, 2008.

MAGALHÃES, Marion B. de. **Paraná: política e governo**. Curitiba: SEED, 2001. (Coleção história do Paraná; textos introdutórios)

MARTINS, Ana Luiza. A imprensa em tempos de império. In: _____.; LUCA, Tânia Regina de (org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p.45 – 80.

MARACH, Caroline B. **Discursos e linguagem na revista do clube curitibano (1890 a 1912)**. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

_____. **A literatura como via de reconstrução nacional: O contexto curitibano no período posterior à Revolução federalista (1890-1900)**. Revista História e Cultura, Franca-SP, v.3, n.1, p.70-89, 2014.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência Brasileira**. 5. ed. São Paulo, SP: T. A. Queiroz Editor, 2000.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOISÉS, Massaud. **Guia prático de análise literária**. São Paulo: Cultrix, 1969.

_____. **História da Literatura Brasileira: Simbolismo**. v.4. São Paulo: Cultrix, 1997.

MOLON, Newton D. & VIANNA, Rodolfo. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. **Bakhtiniana**, São Paulo, n. 7 (2), p.142-165, jul./dez. 2012.

MOSCATELI, Renato. História Intelectual: a problemática da interpretação de textos. In: LOPES, Marcos A. (org.). **Grandes Nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003. p.48-60.

OSINSKI, Dulce R. B.; BRANDALISE, Anna C. Imprensa Periódica: “Malhadas e Remalhadas” de RaulGomes em favor da Educação e da Cultura (1910-1970). In: VIEIRA, Carlos E.; STRANG, Bernadete de L. S; OSINSKI, Dulce R.B. (Orgs.). **História Intelectual e Educação: Trajetórias, Impressos e Eventos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p.187-211.

PAVEZ, Leonardo Acquaviva. **História Magistra Vitae: História e oratória em Cícero**. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

QUELUZ, Gilson Leandro. **Rocha Pombo: Romantismo e Utopias (1880-1905)**. Dissertação (Mestrado em Historia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1994.

RAGAZZINI, Dário. Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação? **Educar em Revista**, Curitiba, n.18, p.13-28, jul./dez. 2001.

RICCI, Magda. Como se faz um vulto na História do Brasil. In: GUAZZELLI, Cesar A. B. et all. **Questões da teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 147-160.

RUIZ, Rafael. Novas formas de abordar o ensino de história. In: KARNAL, Leandro. (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 75-91.

SALIBA, Elias T. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau. (org.). **História da vida privada no Brasil**. vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 289-365.

SANTOS, Ivan Norberto dos. **A historiografia amadora de Rocha Pombo: embates e tensões na produção historiográfica brasileira da Primeira República**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

_____. Passagens entre “amadorismo” e “profissionalismo” na historiografia de Rocha Pombo. In: JORNADA DE ESTUDOS HISTÓRICOS DO PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA UFRJ. 3., 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://revistadiscentepghis.files.wordpress.com/2009/05/ivan-norberto-passagens-entre-amadorismo-e-profissionalismo-na-historiografia-de-rocha-pombo.pdf>>. Acesso dia: 30/12/2016.

SCHMIDT, Benito. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro F; VAINFAS, Ronaldo.(orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p.187-205.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª ed.São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: _____. (org.). **História da vida privada no Brasil**. vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.7-48.

SILVA, Alexandra Lima da (2012). **Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

_____. Um professor do sul viaja para o norte: olhares sobre o ensino e a circulação de livros didáticos de História. **Em tempos de Histórias**, Brasília, n. 23, p. 160-174, ago./dez. 2013.

_____. Do fazer-se professor: autodidatismo e docência na experiência de Rocha Pombo. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v.8, n.1, p. 40-56, jan./jun. 2015.

SILVA, Helenice Rodrigues da. **Fragmentos da história intelectual:** Entre questionamentos e perspectivas. Campinas: Papirus, 2002.

SIMAN, L. M. C.; FONSECA, T. N. L. (Org.). **Inaugurando a história e construindo a nação:** discursos e imagens no ensino de história. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. Rocha Pombo: a “invenção de uma cultura americana no livro didático. In: LEITE, Juçara Luiza; ALVES, Claudia. (orgs.). **Intelectuais e História da Educação no Brasil:** Poder, Cultura e Políticas. Vitória: EDUFES, 2011.

_____. Progresso e modernidade na produção jornalística e literária de José Francisco da Rocha Pombo: uma sensibilidade para um mundo novo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, **Anais...** Natal, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364825263_ARQUIVO_10.RochaPomboANPH2013.pdf>. Acesso dia: 02/01/2017.

_____. O lugar do intelectual no prelúdio da modernidade: experiência e tradição seletiva na obra de José Francisco da Rocha Pombo. In: VALLE, Ione R.; HAMDAM, Juliana C; DAROS, Maria D. (orgs.). **Moderno, modernidade e modernização: a educação nos projetos de Brasil – séculos XIX e XX.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. v.2. p.37-64.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.14, p. 61-88, mai/jun/jul/ago, 2000.

VIANNA, Juliana Golin Xavier. **A produção didática de Rocha Pombo:** análise de História da América e Nossa Pátria. Monografia (Conclusão de curso de História) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

VIEIRA, Carlos Eduardo. (Org.) **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964).** Curitiba: Ed. UFPR, 2007.

_____. Erasmo Pilotto: identidade, engajamento político e crenças dos intelectuais vinculados ao campo educacional no Brasil. In: LEITE, Juçara Luiza; ALVES,

Claudia. (orgs.). **Intelectuais e História da Educação no Brasil: Poder, Cultura e Políticas**. Vitória: EDUFES, 2011.

_____. História Intelectual e História dos Intelectuais: Diálogos acerca da escrita da História da Educação. In: VIEIRA, Carlos E.; STRANG, Bernadete de L. S; OSINSKI, Dulce R.B. (Orgs.). **História Intelectual e Educação: Trajetórias, Impressos e Eventos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p.11-26.

WACHOWICZ, Ruy C. **História do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

WESTPHALEN, Cecília M. Política paranaense do século XIX. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n.87, p.51-63, jan./abr. 1996.